

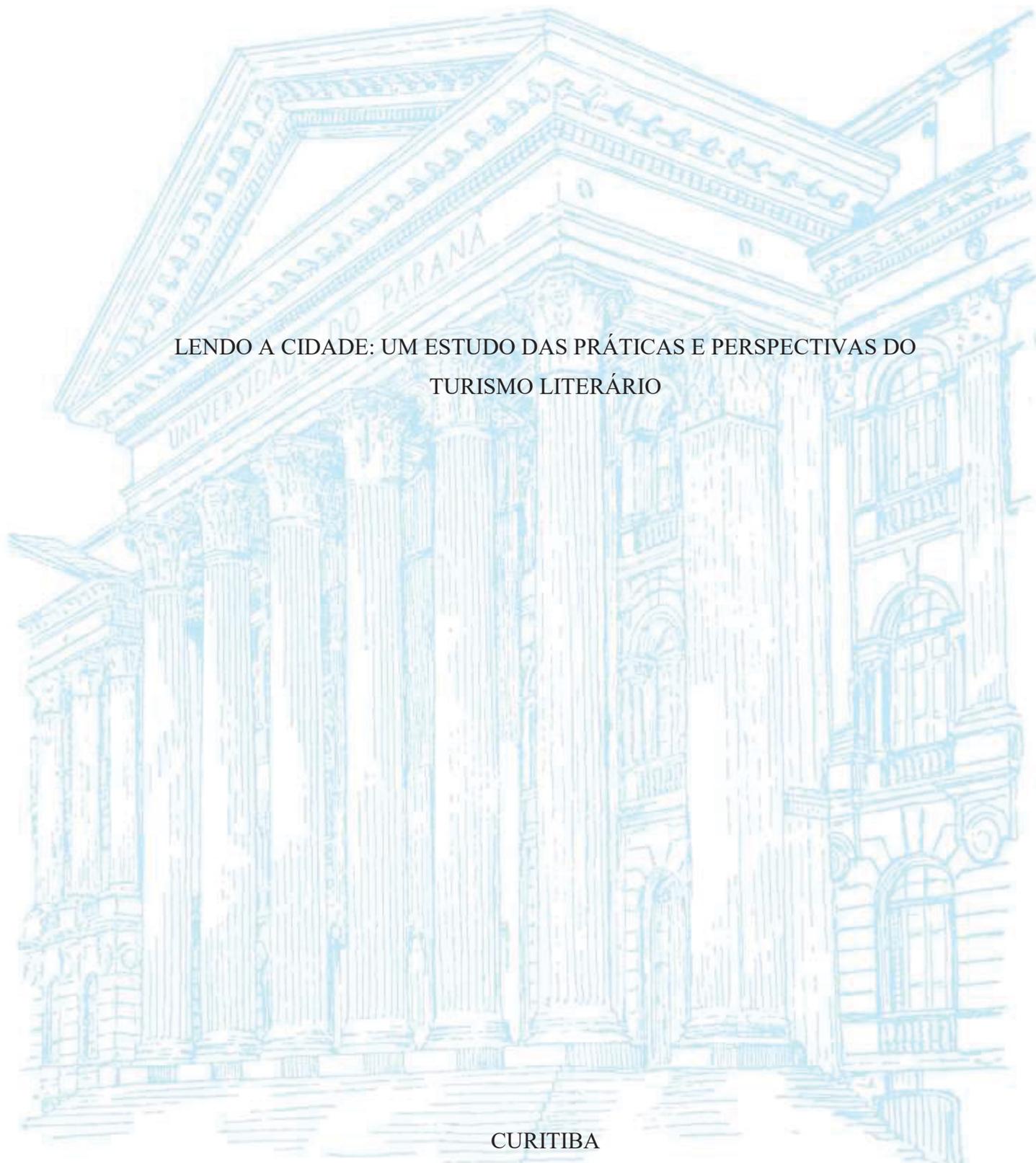
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NATÁLIA MIRA VALLE

LENDO A CIDADE: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS E PERSPECTIVAS DO
TURISMO LITERÁRIO

CURITIBA

2023



NATÁLIA MIRA VALLE

LENDO A CIDADE: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS E PERSPECTIVAS DO
TURISMO LITERÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Vander Valduga

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Valle, Natália Mira.

Lendo a cidade : um estudo das práticas e perspectivas
do turismo literário / Natália Mira Valle – Curitiba, 2023. 1
recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciência Humanas. Programa de Pós-Graduação em
Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Vander Valduga

1. Turismo – Estudo e ensino. 2. Turismo cultural. 3. Autores –
Residências e lugares habituais. 4. Turismo – Literatura. 5.
Paisagens literárias. I. Valduga, Vander. II. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Turismo. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **NATÁLIA MIRA VALLE** intitulada: **Lendo a Cidade: Um Estudo das Práticas e Perspectivas do Turismo Literário**, sob orientação do Prof. Dr. VANDER VALDUGA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Outubro de 2023.

Assinatura Eletrônica

07/11/2023 14:45:02.0

VANDER VALDUGA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

08/11/2023 23:18:53.0

ANDRE RIANI COSTA PERINOTTO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA)

Assinatura Eletrônica

08/11/2023 10:07:26.0

SÍLVIA MORENO DE JESUS E QUINTEIRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE ALGARVE)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6281 - E-mail: ppgturismo@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 326539

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 326539

AGRADECIMENTOS

A escrita dessa dissertação marca o fim de uma jornada de seis bons anos de estudos na Universidade Federal do Paraná. Foi uma imensa satisfação ser estudante de graduação e pós-graduação e, por isso, agradeço imensamente por pertencer, aprender e me desenvolver nesse lugar em que tive o privilégio de ser bolsista na iniciação científica, no programa de iniciação à docência e no mestrado. Agradeço à CAPES pela bolsa concedida.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo pelos ensinamentos e pela contribuição na minha formação como pesquisadora. Agradeço ao professor Marcelo Chemin por ter construído em conjunto os pilares dessa dissertação. Em especial, deixo meu obrigada ao professor Vander Valduga, orientador de iniciação científica, de trabalho de conclusão de curso e de mestrado pela paciência, compreensão e conhecimentos compartilhados.

Obrigada aos professores que compuseram a banca avaliadora desta dissertação. Agradeço ao professor André Perinotto pelas contribuições e discussões tão pertinentes que fizeram este trabalho se desenvolver. Agradeço a professora Silvia Quinteiro, a quem admiro imensamente e me inspiro acadêmica e profissionalmente. Professora, seu trabalho com o turismo literário é extremamente valioso, fico honrada por ter acreditado na minha pesquisa e contribuído tão generosamente com este trabalho.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus amigos Natalia e Jefferson por termos nos amparado nesses anos de mestrado, por dividirmos os dias difíceis e por compartilharmos os dias de conquistas e alegrias. Os almoços compartilhados, as piadas, os discursos motivacionais, os futricos no discord, os desabafos e tantos outros momentos ficarão guardados em minha memória com muito carinho. Amigos, obrigada por me ajudarem a chegar até aqui!

Ao Leo minha mais profunda gratidão pelo seu apoio e paciência, afinal, só você sabe como esses 30 meses realmente foram. Obrigada por segurar minha mão em cada uma das escolhas que faço, pelas risadas e aventuras. Em meio a mudança de cidade, início de um novo trabalho e finalização da escrita da dissertação, diariamente você me lembrava que eu era capaz de finalizar esta etapa. Obrigada!

Agradeço a minha família, a minha psicóloga que contribuiu para o meu processo de autoconhecimento e me acolheu em um ambiente seguro para que eu pudesse escolher o caminho acadêmico a ser seguido, e a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, na realização dessa pesquisa.

EPÍGRAFE

É necessário sair da ilha para ver a ilha.

Não nos vemos se não saímos de nós.

José Saramago

RESUMO

O turismo literário origina-se pela motivação gerada pela literatura, isto é, pelo encontro dos indivíduos com os lugares literários referente às obras literárias ou aos lugares associados aos escritores. Como uma vertente do turismo cultural, o turismo literário é essencialmente caracterizado pela viagem motivada e inspirada a partir de evocações da literatura. Assim sendo, este estudo partiu do seguinte questionamento: Qual é a conjuntura atual e o potencial do turismo literário em Curitiba/PR? O objetivo geral da pesquisa é analisar as propostas e práticas do turismo literário em Curitiba/PR? Para isso, foram elaborados três objetivos específicos: 1) Compreender as propostas e práticas do turismo literário através da revisão sistemática da literatura; 2) Identificar os lugares literários, os projetos e as potencialidades de turismo literário em Curitiba/PR; 3) Caracterizar o cenário das propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR. A cidade de Curitiba foi escolhida por se tratar de um destino que já teve um roteiro literário baseado na vida de um escritor, por comportar escritores de amplitude nacional e, pela emergência do tema de estudo no contexto brasileiro, ser um município do qual o acervo literário ainda não foi estudado. A investigação caracteriza-se como qualitativa e exploratória, a partir do uso de diferentes métodos e na triangulação dos dados para responder ao questionamento inicial da pesquisa. Primeiramente, elaborou-se uma revisão sistemática da literatura, baseada no protocolo PRISMA, para compreender como se propõe e como se pratica o turismo literário em diversos contextos geográficos. Através da revisão com o apoio do software MAXQDA, foi possível identificar, no corpus de 108 estudos, que se pesquisa quantitativamente e similarmente, as práticas de turismo literário e propostas de experiências. Na sequência, por meio da pesquisa em sites oficiais de turismo, por meio de levantamento, foram elencados os lugares literários e os festivais literários de Curitiba. Depois foram discutidos os resultados provenientes das entrevistas com o setor público, representados pela Fundação Cultural de Curitiba e do Instituto Municipal de Turismo. Posteriormente, também com apoio do software MAXQDA, foram analisados os Roteiros Literários de Helena Kolody, Jamil Snege e Paulo Leminski, ensaios sobre a vida e obra dos escritores publicados pela Biblioteca Pública do Paraná e que trazem em sua composição um capítulo de geografia literária relacionada à cidade de Curitiba. A partir da triangulação dos dados obtidos pode-se afirmar que o turismo literário possui diversos tipos de experiências, mas majoritariamente estão concentradas na vida e nos cenários dos livros e das casas ou casas-museu dos escritores. O uso do protocolo PRISMA para revisão sistemática indica os benefícios de apresentar um estudo transparente e rigoroso, o que se indica para quaisquer outras revisões sistemáticas, inclusive as que tratam de turismo literário. Quanto aos dados da investigação do turismo literário em Curitiba, infere-se que ainda não se pensa nesse local pelo olhar literário, mas possui um conjunto de lugares literários que podem ser utilizados para propor experiências. Foi possível sintetizar, por meio de um infográfico, a conjuntura atual de Curitiba e indicar que existem possibilidades a serem desenvolvidas. Essa pesquisa junta-se às demais do corpus analítico da revisão sistemática, numa construção conjunta do turismo literário pelo mundo e, especialmente, no contexto brasileiro.

Palavras-chave: turismo literário; revisão sistemática da literatura; protocolo PRISMA; Curitiba-Paraná (Brasil).

ABSTRACT

Literary tourism is originated from the motivation generated by literature, by the encounter between individuals and literary places referring to literary works or places associated with writers. As a branch of cultural tourism, literary tourism is essentially characterized by travel motivated and inspired by evocations of literature. Therefore, this study was based on the following question: What is the current situation and potential of literary tourism in Curitiba/PR? The aim of this research is to analyze the proposals and practices of literary tourism in Curitiba/PR? Three specific objectives were established: 1) To understand the proposals and practices of literary tourism through a systematic literature review; 2) To identify the literary places, projects and potential of literary tourism in Curitiba/PR; 3) To characterize the scenario of literary tourism proposals and practices in Curitiba/PR. The city of Curitiba was chosen because it is a destination that has already had a literary itinerary based on the life of a writer, because it includes writers of national scope and, due to the emergence of the subject of study in the Brazilian context, because it is a municipality in which the literary collection has not yet been studied. The research is qualitative and exploratory, aiming to achieve the objectives through the use of different methods and the triangulation of data to answer the initial research question. Firstly, a systematic literature review was carried out, based on the PRISMA protocol, to understand how literary tourism is proposed and practiced in different geographical contexts. Through the review, with the support of MAXQDA software, it was possible to identify literary tourism practices and experience proposals in the corpus of 108 studies that are researched, quantitatively and similarly. Next, through a survey of official tourism websites, literary sites and literary festivals in Curitiba were listed. The results of the interviews with the public sector, represented by the Curitiba Cultural Foundation and the Municipal Tourism Institute, were then discussed. Subsequently, also with the support of the MAXQDA software, we analyzed the Literary Routes of Helena Kolody, Jamil Senege and Paulo Leminski, essays on the life and work of the writers published by the Public Library of Paraná, which include a chapter on literary geography related to the city of Curitiba. Based on the triangulation of the data obtained, it can be said that literary tourism has various types of experiences, but most of them are focused on life in the settings of the books and the houses or house-museums of the writers. The use of the PRISMA protocol for systematic reviews indicates the benefits of presenting a transparent and rigorous study, which is recommended for any other systematic reviews, including those dealing with literary tourism. As for the data from the investigation into literary tourism in Curitiba, it can be inferred that this place is not yet thought of through a literary lens, but it does have a number of literary places that can be used to offer experiences. It was possible to summarize Curitiba's current situation using an infographic and indicate that there are possibilities to be developed. This research joins the others in the analytical corpus of the systematic review, in a joint construction of literary tourism around the world and especially in the Brazilian context.

Keywords: literary tourism; systematic literature review; PRISMA protocol, Curitiba-Paraná (Brasil).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - LOCAL DE ESTUDO.....	17
FIGURA 2 – REUNIÃO ANUAL DAS CIDADES DA LITERATURA 2022	67
FIGURA 3 - LUGARES LITERÁRIOS, DE ACORDO COM QUINTEIRO E BALEIRO (2019)	76
FIGURA 4 – HIERARQUIAS DE CÓDIGOS	88
FIGURA 5 - PROPOSTAS E PRÁTICAS POR DOCUMENTO	90
FIGURA 6 - CRUZAMENTO ENTRE PRÁTICAS E PROPOSTAS E OS TIPOS DE EXPERIÊNCIAS	90
FIGURA 7 - CRUZAMENTO ENTRE PROPOSTAS E PRÁTICAS E OS TIPOS DE LUGARES LITERÁRIOS	91
FIGURA 8 - MODELO DE COCORRÊNCIA DE CÓDIGOS.....	92
FIGURA 9 - NUVEM DE PALAVRAS.....	93
FIGURA 10 - BONDINHO DE LEITURA, NA RUA XV	102
FIGURA 11 – TUBOTECA.....	105
FIGURA 12 - LOGO LITERCULTURA.....	107
FIGURA 13 - LOGO FESTIVAL DA PALAVRA	108
FIGURA 14 - LOGO BIENAL DE QUADRINHOS	108
FIGURA 15 - APLICATIVO DIGITAL.....	110
FIGURA 16 - ROTEIRO LITERÁRIO "A CURITIBA DE LEMINSKI"	113
FIGURA 17 - MAPA E LUGARES LITERÁRIOS DA CURITIBA DE LEMISNKI	115
FIGURA 18 – COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 1	117
FIGURA 19 - COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 2	117
FIGURA 20 - COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 3	118
FIGURA 21 - BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.....	120
FIGURA 22 - OS LUGARES LITERÁRIOS DE KOLODY, SNEGE E LEMINSKI	121
FIGURA 23 - INFOGRÁFICO RESUMITIVO DA CURITIBA LITERÁRIA.....	123

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - COMPILADO DAS POLÍTICAS CULTURAIS DO BRASIL (DÉCADA DE 1810 A 2022).....	45
QUADRO 2 - CLASSIFICAÇÕES DE TURISMO LITERÁRIO	69
QUADRO 3 - CATEGORIAS DO TURISMO LITERÁRIO, NA PERSPECTIVA DE BUTLER (1986) E BUSBY E LAVIOLETTE (2006)	76
QUADRO 4 - PRODUTOS E EXPERIÊNCIAS DERIVADOS DO TURISMO LITERÁRIO	78
QUADRO 5 - DIÁRIO DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	84
QUADRO 6 - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DOS ESTUDOS	85
QUADRO 7 - CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO DOS ESTUDOS	86
QUADRO 8 - CRITÉRIOS DE QUALIDADE DOS ESTUDOS NA RSL	86
QUADRO 9 - CATEGORIAS APRIORÍSTICAS DE ANÁLISE QUALITATIVA.....	87
QUADRO 10 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	101
QUADRO 11 - LUGARES LITERÁRIOS DE CURITIBA.....	103

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. ESPAÇO, TERRITÓRIO, LUGAR E PAISAGEM	19
3. CULTURA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: DESDOBRAMENTOS CONCEITUAIS	27
3.1 PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: A LITERATURA COMO MEIO DE DISCUSSÃO 29	
3.2 A CULTURA COMO PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO	34
4. A LITERATURA E AS INTERFACES HISTÓRICAS, CRIATIVAS E TURÍSTICAS	49
4.1 ANTECEDENTES: VIAGENS LITERÁRIAS OU LITERATURAS DE VIAGENS 49	
4.1.1 As viagens, aventuras e descobertas povoam o imaginário social através da contação de histórias	49
4.1.2 O <i>Grand Tour</i> e os diários de viagem	52
4.1.3 Movimento Romântico	57
4.2 CULTURA E TURISMO: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA	61
4.3 AS CIDADES CRIATIVAS DA UNESCO	65
4.4 TURISMO LITERÁRIO	67
5. PROPOSTAS E PRÁTICAS DE TURISMO LITERÁRIO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	81
5.1 CONSTRUÇÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	81
5.2 EXPERIÊNCIAS E OPORTUNIDADES LITERÁRIAS PELO MUNDO: OS RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	87
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	94
6.1 OS CAPÍTULOS QUE COMPUSERAM ESTA HISTÓRIA	94
6.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS DA PESQUISA.....	96
6.3 ABORDAGEM, DELIMITAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	98
6.4 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS	100
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	102
7.1 CURITIBA LITERÁRIA: OS LUGARES E OS FESTIVAIS LITERÁRIOS	102
7.2 A RELAÇÃO DA CULTURA E DO TURISMO COM A LITERATURA: O CENÁRIO REFLETIDO PELAS ENTREVISTAS COM O SETOR PÚBLICO	109
7.3 NARRATIVAS CURITIBANAS: ANÁLISE DOS ROTEITOS LITERÁRIOS DE HELENA KOLODY, JAMIL SNEGE E PAULO LEMINSKI	116
7.4 COMPÊNDIO ANALÍTICO: ENSAIO DE PROPOSTA DE TURISMO LITERÁRIO EM CURITIBA	123

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE 1 - PRISMA-P: PROTOCOLO DE REVISÃO SISTEMÁTICA	141

1. INTRODUÇÃO

Prólogo, do latim *prologus*, primeiro ato em que se apresentam os acontecimentos passados antes da ação principal. Posto isto, existe a minha trajetória acadêmica no turismo e a minha história com a literatura que representam os acontecimentos que me trouxeram até este momento: a escrita de uma pesquisa que se empenha em convergir o turismo e a literatura. Segue, portanto, um prólogo esperável desta presente pesquisa, afinal, um estudo científico inicia-se muito antes do momento em que nos sentamos para a escrita propriamente dita.

Convém, portanto, elucidar que a literatura é parte constituinte de mim como pessoa e como pesquisadora e, me fez viajar pelas descrições de lugares distantes, afinal “a leitura é, provavelmente, uma outra maneira de estar em um lugar” (Saramago, s/d). Ter tido a oportunidade de visitar lugares literários, como visitar o *The Wizarding World of Harry Potter*, em Orlando/Flórida, fez com que uma centelha de curiosidade contribuísse para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A presente pesquisa é um acumulado de conhecimentos que foram adquiridos pelas seguintes contribuições: 1) disciplinas cursadas ao longo do mestrado; 2) apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos; 3) Apresentação no Seminário de Dissertação; 4) Participação no Curso de Extensão Literatura e Paisagem: Cidades Escritas; 5) e aprofundamento no tema do turismo literário a partir de leituras de artigos. Além destas, o projeto também sofreu alterações devido as descobertas, apoio e orientações dos professores que me guiam no percurso do mestrado: prof. Dr. Marcelo Chemin (Dezembro/2020 a Março/2022) e prof. Dr. Vander Valduga (Abril/2022 – Outubro/2023).

Logo, essas concepções acerca da minha trajetória pessoal e acadêmica contribuem no desenvolvimento da presente pesquisa, pois traduzem na essência como as minhas escolhas e histórias pessoais implicam nas minhas escolhas científicas e metodológicas.

Literatura, do latim *literatura*, é, segundo o Dicionário Aurélio, a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. É o conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época. Sartre (2019, p. 28) em sua obra “o que é literatura?” expressa que:

Tal é, pois, a "verdadeira" e "pura" literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento de História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam.

Todavia, ao refletir sobre qualquer definição de literatura indaga-se por qual espaço-tempo e valores foi construído o conceito. Eagleton (2003) explica que a literatura não é uma categoria objetiva ou descritiva, tampouco é apenas o que chamamos de literatura, pois os juízos de valor que a constituem historicamente variam e tais juízos têm uma estreita relação com as ideologias sociais. Em suma, a literatura refere-se tanto ao gosto particular quanto aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros, e está sujeita ao espaço-tempo e a estrutura de valores socialmente concebida (Eagleton, 2003).

A literatura é, pois, constituída de obras literárias que são “reescritas”, mesmo que de forma inconsciente pelas sociedades que a leem, afinal, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura” dela (Eagleton, 2003, p. 17). Desde sua gênese, há 4 mil anos, a literatura molda a vida dos seres humanos, visto que, o montante de histórias que seriam perdidas caso a literatura nunca tivesse existido é colossal. É praticamente impossível, hoje, imaginar um mundo sem livros (Puchner, 2019). Como também é irreal imaginar um mundo sem turismo, afinal os deslocamentos sempre fizeram parte da constituição da vida dos seres humanos.

A literatura contribui para que tanto viajante como as ciências sociais possam progredir no entendimento acerca das paisagens, afinal através dela são evidenciados mistérios e histórias, que sumariamente foram mantidos por meio da oralidade, e agora na forma de textos preservam a herança cultural (Trigo, 2013). A literatura é parte integrante da cultura, e ela vêm sendo progressivamente integrada a programas internacionais e políticas públicas, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento sustentável e a defesa dos direitos humanos, nomeadamente pelo seu contributo para a coesão social, o emprego e a inovação (UNESCO, 2022).

A confluência entre literatura e turismo remonta às viagens do *Grand Tour*, que objetivavam o conhecimento, educação e cultura. As viagens aristocráticas dos *grand tourists* perpassavam galerias de arte, museus, igrejas e mosteiros com obras renascentistas, como também a visita a lugares literários ligados à artistas e escritores célebres. O Grand Tour também frutificou os diários de viagem, que quando publicados ao público, estimulavam a viagem e motivavam a visita aos lugares memoráveis, a partir das descrições detalhistas e com uma imagem positiva e apelativa. Conhecer a vida e os lugares associados à figura dos escritores era uma parte importante destas viagens. Ainda que de forma elementar, pode-se perceber uma viagem motivada pela literatura e, posteriormente, esses deslocamentos evoluíram para abarcar outras concepções de viagem (Barretto, 2003; Milheiro; Melo, 2005).

Segundo Trigo (2013), em termos culturais as viagens difundiram-se primitivamente pela literatura. São diversos relatos em diversas civilizações, mas alguns exemplos são célebres, como as aventuras de *Gulliver*; as viagens dos samurais e *rônin* do Japão medieval; ou a antiga história do viajante em busca de seu sonho, recontada por Paulo Coelho em *O alquimista*.

Por sua característica singular, viagens motivadas pela literatura foram conceituadas como turismo literário. Como uma vertente do turismo cultural, o turismo literário é essencialmente caracterizado pela viagem motivada e inspirada a partir de evocações da literatura. É manifestação da busca material por lugares significativos, e se dá a partir de imaginários e representações derivadas de textos literários que refletem e recriam paisagens que constituem a história de um local, bem como a busca por lugares célebres que se referenciam a vida dos escritores (Squire, 1994; 1996; Herbert, 2001; Hoppen, 2011; Monteiro, 2016; Quinteiro; Baleiro, 2019; Quinteiro; Gonçalves; Carreira, 2021).

Segundo a Organização Mundial do Turismo (2016), o turismo cultural apresenta-se como uma prioridade nas políticas e estratégias turísticas em aproximadamente 90% dos países. A maioria dos países inclui o patrimônio tangível e intangível na sua concepção da atividade, enquanto que, mais de 80% incluem cultura contemporânea como o cinema, artes cênicas, novas mídias, **literatura** e outros. Ainda que o turismo com foco cultural se destaque no crescimento econômico, ultrapassa a concepção econômica e abarca o espectro do desenvolvimento social e ambiental, além da preservação da memória, do patrimônio cultural e de monumentos ligado à literatura (OMT, 2016). Em adição, a cultura e a criatividade representam 6,2% de todos os empregos no mundo (UNESCO, 2022).

No Paraná, o desenvolvimento de destinos turísticos considerando a valorização do patrimônio natural e cultural se consagra como uma das áreas estratégicas da política estadual de turismo. Os aspectos culturais se revelam importante para o desenvolvimento do turismo por serem multifuncionais e atrativos para diversos nichos, bem como contribui para o desenvolvimento local/regional e interessa à gestão pública. Um dos desafios de Curitiba, como um destino indutor, é aprimorar o uso turístico do setor cultural e realizar uso apropriado de bens culturais para o turismo. Assim, oportuniza-se que ações práticas desenvolvam produtos turísticos criativos e inovadores que valorizem o patrimônio cultural material e imaterial (PARANÁ TURÍSTICO 2026).

Apesar da sua importância e crescente desenvolvimento alinhado à cultura, o tema do turismo literário ainda é parco, vide que, no contexto internacional, os estudos científicos sobre turismo literário datam de 1990 e 2000 (Oliver, 1980; Squire, 1994; Herbert, 1996; Lando, 1996; Herbert, 2001; Stiebel, 2004), mas apenas mais recentemente o turismo literário vem

crescendo como temática de pesquisas acadêmicas (Arcos-Pumarola; Marzal; Llonch-Molina, 2018; Saldanha, 2018; Lois González; Lopez, 2020; Pérez; Martínez; Galindo, 2020; Wang; Zhang, 2017; Ilic *et al.*, 2020; Pires, 2020; Bu *et al.*, 2021; Quinteiro; Gonçalves; Carreira, 2021), apresentando-se como um campo de pesquisa em situação emergente (Çevik, 2020).

Já no cenário nacional, a literatura brasileira consagrou paisagens e a cultura local, como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, os clássicos do sertão mineiro de Guimarães Rosa e João Ubaldo Ribeiro e Jorge Amado que se debruçaram sobre a Bahia (Trigo, 2013) e os estudos científicos se aprofundaram em exemplos similares a esses, pois as investigações de turismo literário se desenvolvem em estados marcados por célebres escritores do país.

As potencialidades do turismo literário no Brasil podem ser expressas através dos cenários reais da obra “O Guarani”, de José de Alencar, no município do Sumidouro, no Rio de Janeiro (Dionízio, 2016), pela experiência e motivação do turista literário que visita o evento literário da Semana Roseana em Minas Gerais (Faria *et al.*, 2017), pela aplicabilidade do turismo literário na região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, descrita no texto literário de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (Menezes; Barroso, 2016), pela proposta de um roteiro turístico na cidade com base na obra “Bahia de todos os santos - guia das ruas e mistérios”, do escritor Jorge Amado (Viñal Junior, *et al.*, 2019) e pelos possíveis itinerários literários em Belém do Pará (Coimbra; Quadros; Pinto, 2021).

De forma incipiente, os estudos brasileiros têm em comum discutir a potencialidade do turismo literário em diferentes localidades do país. E embora constatada sua importância para os espectros do desenvolvimento do turismo e aos interesses da gestão pública, especialmente quanto às políticas turísticas e culturais, não foram encontradas investigações sobre turismo literário que tenham como objeto de pesquisa a literatura paranaense, tampouco analisando o destino Curitiba pelas lentes desta temática.

As cidades têm o atributo de promover encontros entre passado e presente e, ao abarcar concepções sobre memória, cultura e literatura em Curitiba, é possível adentrar à discussão de literatura, espaço urbano e turismo, oportunizando a percepção sobre viagens, relação com o passado e a materialidade

Isto posto, a cidade de Curitiba é o local escolhido para realizar essa pesquisa (Figura 1). Pertencente à região turística Rotas do Pinhão, a cidade conta com quase 2 milhões de habitantes e é referência em qualidade de vida (Viaje Paraná; Paraná Turismo, 2023). Curitiba abriga espaços culturais, históricos, memoriais e endereços gastronômicos, bem como é um modelo no que tange ao planejamento urbano, transporte público e a preservação ambiental (Paraná Turístico 2026).

FIGURA 1 - LOCAL DE ESTUDO



FONTE: Viaje Paraná (2023).

Dados apresentados no Paraná Turístico 2026 – Pacto para um Destino Inteligente¹ indicam que, entre outros segmentos, o turismo cultural é o segundo mais representativo no estado do Paraná, e a cidade de Curitiba possui uma gama de aspectos culturais que contribuem para o desenvolvimento do turismo. Para além disso, a literatura produzida no Paraná sempre esteve circunscrita a Curitiba, por ser capital e por estar integrada de forma sistêmica à vida nacional, além de originar escritores nacionalmente reconhecidos como Paulo Leminski, Dalton Trevisan, Emiliano Pernetá, Emilio de Menezes, Alice Ruiz e Helena Kolody, ainda que não tenha nascido na capital, transformou a cidade em seu lar e inspiração para suas obras (VANALI, 2016; GARRAFONI, 2020).

Nesse contexto, essa pesquisa parte do seguinte questionamento: Qual é a conjuntura atual e o potencial do turismo literário em Curitiba/PR?

Para buscar respostas à problemática exposta, propõe-se como objetivo geral: **analisar as propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR**. Assim, para alcançar o objetivo geral foram elaborados quatro objetivos específicos:

1. Compreender as propostas e práticas do turismo literário através da revisão sistemática da literatura;
2. Identificar os lugares literários, os projetos e as potencialidades de turismo literário em Curitiba/PR;

¹ O documento do Paraná Turístico 2026, construído coletivamente pelo poder público, iniciativa privada e a sociedade civil, é um direcionador de esforços para os atores envolvidos, bem como um apoio de instrumento na tomada de decisões, objetivando o desenvolvimento turístico.

3. Caracterizar o cenário das propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR.

Entende-se a importância de reconhecer o potencial turístico e criativo do patrimônio literário em Curitiba, bem como de difundir os lugares literários associados aos escritores e as obras literárias na cidade. Esse reconhecimento pode contribuir para o uso turístico dos aspectos culturais e promover a cidade como um potencial destino de turismo literário. Além de valorizar e preservar a cultura, o patrimônio e a memória vinculados à literatura.

Além desta introdução, a dissertação está estruturada em três capítulos teóricos, revisão sistemática da literatura, procedimentos metodológicos, discussão dos resultados e considerações finais.

2. ESPAÇO, TERRITÓRIO, LUGAR E PAISAGEM

A discussão acerca do espaço, território, lugar e paisagem advém da necessidade de estabelecer pontes teóricas com a cultura e a literatura, conceitos que ancoram o turismo literário e edificam suas práticas. Os conceitos supracitados são chaves na geografia e para a análise espacial. Adicionalmente dialogam nas confluências com o fenômeno turístico e a literatura, como é o caso deste estudo.

Assim, nesta pesquisa, a discussão dos conceitos orienta-se por duas perspectivas: 1) primariamente pelas lentes da geografia cultural-humanista, que emerge, em meados da década de 1970, a partir de diferentes contribuições e fontes epistemológicas, teóricas e metodológicas e conecta-se a outras áreas do conhecimento (Corrêa, 2011). Essa geografia cultural pode também ser definida como contemporânea e histórica amparada na teoria social e espacial, mas que não se reduz aos aspectos da paisagem. É também urbana e rural, atenta a natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e as formas de resistência (Cosgrove; Jackson, 2000) e está expressamente amparada pelos estudos de Yi-Fu Tuan, Edward Relph, entre outros; 2) Corrente crítica e abordagens mais recentes, cujas discussões buscam explorar o conceito de lugar por abordagens críticas e que convergem em pontos comuns com a geografia humanista, aportados nos trabalhos de Doreen Massey e Milton Santos, entre outros.

Para adentrar a discussão e, considerando que as lentes conceituais adotadas são majoritariamente da geografia, cabe indicar que o espaço ultrapassa os aspectos naturais desenvolvidos na superfície terrestre e abarca as relações e interações humanas. Souza (2015) pondera que é possível valorizar o conceito de espaço social, compreendido como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade, bem como envolto de simbolismos e questões de poder, envolvendo aspectos materiais e imateriais da espacialidade, sem renegar ao espaço geográfico, que é aquele que corresponde aos processos e elementos do estrato natural.

Para Massey e Keynes (2004, p.8), o espaço pode ser conceitualizado através de três proposições: 1) o espaço é um produto de inter-relações, ou seja, constitui-se a partir de interações no plano mais amplo ou mais ínfimo; 2) no espaço há a existência da multiplicidade, é, portanto, nesta esfera em que trajetórias coexistem e a pluralidade se forma, afinal, “sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. [...] Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.”; 3) O espaço é um produto de relações-entre e que precisam ser efetivas, é, por conseguinte, um processo, sempre sendo feito e, assim, nunca está finalizado ou fechado.

O espaço é aberto e dinâmico e, por isso, não pode ser um sistema fechado. O espaço pode, portanto, ser imaginado como uma esfera de existência da multiplicidade e da

possibilidade de existência da diferença. O espaço é um produto de relações, e por esta razão, é também múltiplo, num constante processo, sem nunca se propor um sistema fechado. Tal espaço é a esfera em que distintas histórias coexistem, se encontram, se afetam, entram em conflito e cooperam. O espaço não é estático e tampouco cruza o tempo como uma ruptura transversal. É, por fim, entendido como disruptivo, ativo e regenerativo, e é, como espaço-tempo, um processo constantemente sendo feito (Massey, 1999; Massey; Keynes, 2004).

A confluência entre espaço e tempo foi expressivamente trabalhada por Milton Santos em sua obra “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção” (2006). O autor defende que o tempo, espaço e mundo são realidades históricas que devem ser mutuamente conversíveis e, portanto, a qualquer momento o ponto de partida é compreender que a sociedade humana está em processo. Deste modo, o tempo torna-se material e converge com o espaço, este último constrói-se essencialmente pela materialidade (Santos, 2006).

No espaço, a partir da projeção de um poder que exerce e demarca espaços distintos desenvolve-se a ideia intuitiva de território, que se associa aos limites e fronteiras. O território, ainda que seja uma porção material do estrato terrestre, não se confunde inteiramente com ela. Assim, essa projeção espacial de uma relação de poder, compreendida como território é, essencialmente, uma relação social (Souza, 2015). O território tende a afastar-se, ainda que não completamente, da materialidade para abarcar as relações sociais. Para Souza (2015), o auxílio desse entendimento de território contribui para que o também o conceito de espaço ultrapasse a barreira da expressão material para atingir a compreensão das relações sociais.

Como síntese de diversos autores, Fuini (2018, p. 39), escreve que o território é definido “como o recorte do espaço que se delimita por relações de poder que envolvem a produção e apropriação espacial, com conotações políticas, econômicas, culturais, sociais ou naturais”. As relações de apropriação espacial podem ocorrer em escalas diversas, desde o local ao global.

Para Haesbaert (2007), a discussão de território já emerge com duas possíveis conotações: material e simbólica. O território alude ao poder, tanto ao poder de dominação quanto ao poder simbólico, de apropriação. enquanto "espaço-tempo vivido", o território é sempre múltiplo, "diverso e complexo" (Haesbaert, 2007, p.21). O território está imerso nas relações de poder e transita na relação político-econômica como também na cultural-simbólica.

O território pode ser compreendido em dominância funcional, interligado aos processos funcionais e materiais da dimensão territorial, e a dominância simbólica, entendido por processos de apropriação, multiplicidade e valor simbólico (Haesbaert, 2007).

Nesse sentido, o lugar também assume posição na discussão, pois não é um lugar qualquer, com referência a uma localidade. Distanciamos-nos cada vez mais da ideia de lugar

como ponto de localização em um mapa e de determinadas coordenadas geográficas (Carlos, 2007), para entender o lugar assumindo posição de discussão simbólica e cultural. O lugar possui uma localização espacial, mas vai muito além disso (Bartoly, 2012), afinal, o lugar é munido de significados e de carga simbólica (Souza, 2015).

Os lugares correspondem ao ponto de entremeio entre a totalidade e a individualidade. “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (Santos, 2006, p. 213).

Para Tuan (1983), o conceito de espaço é mais abstrato do que lugar. Assim, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa” (Tuan, 1983, p.6). Nesse sentido, o autor compreende que o espaço permite movimento, enquanto o lugar é percebido pela pausa, deste modo, as pausas nesses movimentos tornam possíveis que uma localização se transforme em lugar.

Para Souza (2015) o lugar é um espaço vivido – especialmente por quem tem vivência cotidiana como aqueles que lá habitam e trabalham, mas também existe as imagens de lugar construídas a partir de uma visão do exterior para dentro, por quem vivencia o lugar esporadicamente.

“O lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico” (Bartoly, 2012, p.73).

Yázigi (2001), em sua obra *A alma do lugar*, indica que, geralmente, entende-se o conjunto de identidade do lugar, na vida cotidiana, a partir das relações sociais, instituições, arquitetura, urbanismo e toda cultura material. Fato que faz ponte com as discussões prévias acerca do espaço. Mas para além do que usualmente se discute, o autor defende que o a alma do lugar, ou sua personalidade, demarca-se pelas características materiais e não materiais. “Reconheço o lugar como uma arrumação que produz o singular, mas estimo que de modo algum se poderá entendê-lo ou trabalhá-lo sem a consideração da extensão de seus sistemas” (Yázigi, 2001, p.38).

Para Yázigi (2001, p.41), as definições acadêmicas acerca do lugar são insuficientes, diferentemente de literatos, poetas e pintores que têm percepções únicas no seu entendimento. Em suma, o lugar é um “dos referenciais indispensáveis da vida, nas esferas do cotidiano, do

trabalho, dos afetos e dos ideais, mas desoladamente, com perdas indizíveis”. Essa perda esclarece-se pela efemeridade dos espaços que estão constantemente sujeitos as modificações pela história. Os espaços precisam, portanto, formar permanências que se ancoram na geografia física como também nos demais elementos em que permeia a vida, os sons, texturas, cores e se desdobram numa sensibilidade e afetividade do lugar. Portanto, a alma do lugar é composta por elementos diversos: a biosfera, a cultura material, a memória, as animações e as cognições (Yázigi, 2001).

A personalidade do lugar está ancorada no conjunto de “identidades – história, costumes, arquitetura, urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio- a região; pertença; formas linguísticas; mitos; fantasmas e aparições da santa; esconderijos; sons específicos; astral; segredos e todos os diferenciais próprios do meio ambiente (relevo, hidrografia, fauna, flora, clima, luminosidade, etc.)” (Yázigi, 2001, p. 45). Em consonância, Tuan (1979) indica que a personalidade do lugar, ou o espírito, é resultante das qualidades físicas bem como das modificações feitas ao longo das gerações humanas.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p.2018).

Existe, portanto, uma necessidade de discutir o lugar enquanto uma experiência que está compreendida essencialmente pelo espaço como é vivenciado pelos seres humanos (Holzer, 1998). O lugar tem história e significado e abarca das experiências das pessoas. “O lugar não é apenas um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (Tuan, 1979, p. 387).

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feitas de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo. (Carlos, 2007, p.22)

Para Tuan (1975), o lugar é um centro de significados construído por meio da experiência. A análise de lugar envolve a ideia de construção, desdobrada pelas relações sociais constituídas em uma rede de significados e sentidos desenvolvidos na história e cultura humana,

que produz a identidade homem-lugar num plano vivido que se vincula ao conhecido e reconhecido (Carlos, 2007).

Deste modo, os lugares são construídos a partir de elementos como odores distintos, texturas, temperatura, cor e outros. Em consonância, Carlos (2007, p. 17) discorre que “o lugar é o espaço passível de ser sentido, pensado e vivido através do corpo”. Assim, o lugar é espaço de experiência, memória, significados e simbolismos, é a porção de espaço, que tanto com seus elementos biogeográficos quanto elementos imateriais, torna-se apropriável para a vida, processada por meio dos sentidos humanos.

“São as relações que criam o sentido dos “lugares” da metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso” (Carlos, 2007, p.18).

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida (Carlos, 2007, p. 22).

Considerando as relações humanas e a intrínseca relação com o ambiente, especialmente com o meio ambiente material, Tuan (1974) cunha o termo “topofilia”, neologismo que indica os laços afetivos que os humanos criam com os ambientes. Segundo o autor, a resposta ao meio ambiente poder estética, isto é, pode transmutar do prazer que se tem a uma vista até a sensação de beleza que é revelada. A resposta a esse fenômeno pode recorrer a outros sentidos, como o tato que sente o ar, a água e a terra. Somado a esse cenário, essa relação pode ainda expandir para uma expressão mais permanente, através dos sentimentos que os humanos têm para com o lugar.

Desse modo, “podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (Tuan, 1974, p. 107). Em suma, o lugar guarda em si o significado e as dimensões da história, do movimento da vida humana e, pode ser acessado e apreendido por meio da memória, através dos sentidos humanos (Carlos, 2007).

No âmbito patrimonial, segundo Nór (2010), pode-se pensar o lugar em uma nova concepção a partir dos laços sociais intangíveis que o conformam. Assim, para a constituição de um patrimônio imaterial, há que se considerar as vivências humanas. Para que um lugar assumira a posição de bem cultural é necessário considerar a dimensão física e social e associar

o tangível ao intangível. “Assim, o lugar – como categoria do patrimônio cultural – constitui-se dessa mistura indissociável entre o material e o imaterial, posto que sua conformação física estabelece uma relação dialética com seu componente social. As práticas sociais dão sentido ao lugar, e o lugar é fundador de tais práticas” (Nór, 2010, p.86).

No campo do patrimônio, Nó (2010) considera a identificação do “espírito” ou ainda a “alma do lugar”, para contribuir no reconhecimento dos elementos materiais e imateriais que o caracterizam. Somado a isso, retomam-se aqui as reflexões sobre a participação dos atores sociais na construção do sentido de um lugar. Para Nó (2010, p.86), essa relação remete a ideia histórica de *Genius Loci* ou “espírito do lugar”, que está vinculada a interação de elementos materiais e imateriais aos sítios naturais ou construídos pela humanidade. Nesse sentido, o espírito do lugar é o que expressa a singular identidade manifestada pela cultura em um determinado local.

No que tange a salvaguarda patrimonial, especialmente aquela voltada ao *Genius Loci*, a declaração da ICOMOS expressa que:

O “espírito do lugar” consiste no conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar, de tal modo que “o espírito constrói o lugar e, ao mesmo tempo, o lugar constrói e estrutura o espírito” (Declaração de Quebec, ICOMOS, 2008).

Ainda, a Declaração de Québec indica que

O espírito do lugar oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural. O espírito do lugar existe, de uma forma ou de outra em praticamente todas as culturas do mundo e é construído por seres humanos em resposta às suas necessidades sociais (ICOMOS, 2008).

Nesse sentido, existe uma demanda em preservar o patrimônio para a continuidade do espírito do lugar (Nór, 2010). Urge a necessidade de preservação decorrente das ameaças configuradas pelo crescimento urbano e pelo turismo de massas (ICOMOS, 2008).

A preservação e vitalidade do espírito do lugar pode ser alcançada através de diversos elementos e, destaca-se nesse momento o papel da literatura, afinal, como discorrem Coimbra, Quadros e Pinto (2021) “com seu caráter reconstrutor, a literatura leva mais uma vez a apreciação de uma gama de elementos materiais (monumentos, lugares, prédios etc.) e imateriais (saberes, histórias, costumes e credences) que formam o *genius loci*”.

Enquanto o lugar é produto das relações humanas, nutrido de símbolos e significados, a paisagem pode ser definida pelo ponto de vista, e, portanto,

(...) na história de nossa civilização, o desenvolvimento da paisagem foi frequentemente acompanhado pelo do indivíduo. As primeiras representações picturais da paisagem, a aparição da palavra nas línguas europeias, datam do século XVI, e são contemporâneas da emergência de um espaço antropocêntrico. É o Romantismo que, com sua teoria da paisagem como “estado de alma”, enfatizará o aspecto subjetivo, parcial, egocêntrica de nossa experiência do espaço (Collot, 2012, p.12).

O conceito de paisagem data do Renascimento e oportuniza novas possibilidades de representação do espaço (Holzer, 1998). Segundo Marandola Jr. e Oliveira (2009), os geógrafos, de meados dos séculos XIX e XX, fascinavam-se com a capacidade que os escritores dispunham de descrever regiões e lugares que ainda não haviam sido estudados pelas disciplinas científicas. Exemplos desse fascínio provém, especialmente, das epopeias clássicas como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero ou *Os Lusíadas*, de Camões, que entre a realidade e a ficção registram em suas narrativas a geografia e ensinamentos históricos e comunicam os lugares e pessoas, servindo como um documento memorial para a posterioridade (Marandola Jr; Oliveira, 2009).

Embora a paisagem claramente se refira a superfície terrestre (ou parte dela), incorpora muito mais do que meramente o conjunto visual e cultural dos fenômenos naturais e humanos (Cosgrove, 1984)

Para Yázigí (2011), a paisagem é o que nos chega através da percepção, assim, ela é resultado do que uma sociedade herda e se apropria em conjunção com aquilo que as necessidades praticam. Portanto, “o fato de a paisagem ser patrimônio cultural, coletivamente percebido como memórias e imaginário, não deixa de ser também uma porção do espaço que determina um envelope e um conteúdo de todas as representações paisagísticas desta porção do espaço” (Yázigí, 2011, p. 34).

“A paisagem não é meramente o mundo que vemos, é uma construção, uma composição desse mundo. A paisagem é uma forma de ver o mundo” (Cosgrove, 1984, p.13). Deste modo, fala-se de paisagem quando trata da percepção, assim, a paisagem percebida é construída e simbólica (Collot, 2012), pois está imbricada na percepção humana, afinal, a paisagem denota o mundo externo a partir da experiência subjetiva de cada indivíduo (Cosgrove, 1984).

Diferentemente de outras entidades espaciais, construídas pela intermediação de um sistema simbólico, científico (o mapa), ou sociocultural (o território), a paisagem é definida sumariamente pelo espaço percebido (Collot, 2012). A paisagem também faz parte da “alma do lugar” (Yázigí, 2011), pois está intrinsecamente conectada, pela geografia humana, com a cultura e com a maneira de ver e compor o mundo externo em uma unidade visível ou cena

(Rosendahl, 2012). Assim, a paisagem pode ser compreendida como sendo um “patrimônio cultural, coletivamente percebido com memória e imaginário, e uma porção do espaço que determina um envelope e um conteúdo com todas as representações paisagísticas desta porção do espaço” (Yázigi, 2011, p.34).

Segundo Pinheiro Neto (2012), aquele que lê pode reviver os sentimentos de uma determinada época, sentir a experiência da vivência de um lugar e participa da construção de um marco histórico da vida social. As obras literárias incorporavam (e ainda incorporam) também o conhecimento sobre os lugares e paisagens. E, a partir delas “os significados, os sentidos dos lugares, as identidades territoriais, os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio, a percepção da paisagem, os sentimentos topofóbicos e topofílicos (rejeição e afeição aos lugares), além dos símbolos e metáforas de natureza espacial e telúrica tornaram-se foco do estudo geográfico de obras literárias” (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, P. 494).

Uma obra literária descreve a expressão de um tempo e relata a experiência do escritor em relação ao espaço por ele vivido. A obra representa as percepções, sentimentos, vivências e interpretações dos escritores. A arte literária influencia e é influenciada pela sociedade, transformando as paisagens e colaborando na formação de um espaço poético (Pinheiro, Neto, 2012).

A literatura é, portanto, um dos caminhos para compreender o mundo, perceptível a partir de diversos aspectos como o espaço (Pinheiro Neto, 2012), o território, o lugar e a paisagem. Importa então reconhecer que o patrimônio está ancorado no território e implica relações com o lugar, as discussões acerca de seus conceitos e suas imbricações com a literatura estão descritas no capítulo seguinte.

3. CULTURA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: DESDOBRAMENTOS CONCEITUAIS

A cultura é um tema relevante no que compreende as interfaces com a literatura e o turismo, todavia é complexa, pois é tomada por diversas definições e significados que permeiam áreas também diversas. Etimologicamente, o vocábulo cultura provém do latim *culturae* que significa “ação de tratar”, “cultivar” ou ainda “cultivar a mente e os conhecimentos” e “aprimorado pela exposição à cultura intelectual”. Cada um destes significados data de um tempo-espaço e é relativo à contextualização histórico-social (Etymology Dictionary, s/d).

Roque de Barros Laraia em sua obra “Cultura: um conceito antropológico” (1986) fez o esforço de apresentar o conceito antropológico da cultura, por ser um tema que desde seus primórdios tem sido objeto de discussão da ciência antropológica. Os antecedentes históricos da cultura datam do Iluminismo e até os dias mais atuais o tema se torna objeto de reflexão, afinal os sistemas culturais estão em constantes mudanças.

O conceito de cultura transcorreu construções, desconstruções e reconstruções ao longo do tempo por diversos escritores, tais quais aproximavam ou afastavam os domínios culturais e naturais, criando ou rompendo laços entre o biológico e cultural, avançando em teorias modernas acerca da cultura e, portanto, nunca culminando em um conceito singular e acordado pelas diferentes esferas (Laraia, 1986).

O conceito de cultura foi primeiramente formalizado por Edward Taylor (1871), a partir da junção dos termos *kultur* e *civilization* no vocábulo inglês *culture*, que foi assim definido: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Taylor, 1871, apud Laraia, 1986, p.25). Essa definição formalizou as discussões de cultura como um aprendizado humano em oposição à ideia de aquisição inata.

Clifford Geertz distancia-se da antropologia clássica e compreende a cultura como um aprendizado. O conceito de cultura defendido por Geertz (1989, p.15) é que “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assuo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Essa noção de cultura está relacionada à aprendizagem cultural de símbolos e é transmitida através da observação e imitação e de modo inconsciente (Geertz, 1989; Pereiro; Fernandes, 2018; Laraia, 1986).

Pereiro e Fernandes (2018, p. 37) esclarecem que na visão antropológica “a cultura não é inata, isto é, biologicamente herdada, porém, é adquirida como parte do crescimento e desenvolvimento de uma pessoa inserida numa determinada cultura – herança cultural”. Nesse sentido, na lente antropológica a cultura assume caráter holístico, no exercício de ligar os aspectos culturais e sociais, e caráter dinâmico, isto é, encontra-se em um processo contínuo e mutável (Pereiro; Fernandes, 2018).

Apesar da complexidade e diversidade dos conceitos antropológicos acerca da cultura, cabe indicar que existem características convergentes no entendimento do conceito. As características gerais da cultura pela lente antropológica elencadas por Pereiro e Fernandes (2018) são as seguintes: I) a cultura é aprendida; II) a cultura é simbólica, haja visto que é uma capacidade humana de criar símbolos que possam representar a conexão entre uma coisa e outra; III) a cultura liga-se com a natureza; IV) a cultura é geral e específica, isto é, a humanidade têm a capacidade de cultura e, ainda assim, diferentes sociedades no espaço-tempo tem suas culturais singulares; V) a cultura inclui tudo; VI) a cultura é partilhada, assim é aprendida socialmente e une as pessoas; VII) a cultura é regulada; VIII) possibilidade de uso criativo da cultura; IX) a cultura está em todas as partes.

Nesse contexto, a perspectiva antropológica de cultura a compreende de uma forma holística. Por outro lado, há a possibilidade de compreensão de cultura a partir do viés sociológico. De acordo com Pereiro e Fernandes (2018), o conceito sociológico de cultura a entende como um produto social particular em cada sociedade, assim, entende-se a cultura como produção e consumo de atividades culturais, daí a sua ligação com as políticas e as indústrias culturais.

Para Cuche (1999), a noção de cultura é inerente às ciências sociais, afinal, o homem é essencialmente um ser de cultura e no seu tocante ajuda a fornecer respostas nos debates entre as diferenças dos povos no mundo. “A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao seu próprio homem e suas necessidades e projetos” (Cuche, 1999, p. 10).

Santos (2009) entende que a cultura é uma dimensão do processo social, uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social, sendo, portanto, um produto coletivo da vida humana. Meneses (2006, p.43) considera que a cultura “é tudo o que se constrói na vivência coletiva, fruto de difusões de culturas distintas e de criações e saídas novas para problemas cotidiano”.

O surgimento do constructo moderno de cultura proveniente do século XVIII, compreendida e hoje relativamente aceita como os modos de vida e pensamento, gerou debates,

desacordos e diferentes e numerosas definições (Cuche, 1999). O desenvolvimento teórico científico acerca de culturas espalha-se nesse contexto moderno da sociedade e percorre diversas áreas de estudo e sistematizações do conceito. Para simplificar, Meneses (2006, p.43) esclarece que a ideia de cultura no nosso tempo anseia a união de noções dispares e, portanto, “é, para nós, tudo o que se constrói na vivência coletiva, fruto de difusões de culturas distintas e de criações e saídas novas para problemas cotidianos”.

As abordagens sobre cultura são demasiadas e não cabe a este trabalho discutir sua totalidade. Como indica Cuche (1999), a “noção de cultura interliga-se à ordem simbólica, de encontro ao que se refere ao sentido e, portanto, no ponto em que é mais difícil haver um comum acordo”. Acatando os limites propostos nessa pesquisa, compreende-se a dificuldade de anuir um conceito uno de cultura, limita-se, portanto, a compreender que é complexa, oriunda de uma construção sócio-histórica, relacionada às práticas culturais.

3.1 PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: A LITERATURA COMO MEIO DE DISCUSSÃO

As modificações que decorrem do processo histórico da construção conceitual de cultura carregam novas compreensões sobre memória e o patrimônio cultural. O patrimônio pela ótica de uso público remonta à Revolução Francesa, período em que houve destruição de símbolos da aristocracia e da Igreja, em que a noção de que os bens deveriam passar a ser do povo se consolidou. Nesse sentido, os elementos históricos e artísticos passam a ser utilizados na construção de uma representação de nação (Fonseca, 2009; Heinich, 2014a; Silveira; Medaglia, 2015).

A cultura, como um elemento central no conceito de patrimônio cultural, pode ser compreendida como o conjunto de criações da humanidade ao longo de sua história, nos vieses material e imaterial. Assim, pertencem à cultura bens tangíveis e intangíveis que valorizam a materialidade e imaterialidade daquilo que foi produzido pela humanidade (Dias, 2006).

De acordo com Meneses (2006, p.42), “a ideia de herança ou legado cultural passa necessariamente pela construção de uma identidade nacional (ou regional) que se quis e se quer construir, e, nesse sentido, o que torna hegemônica, até meados século XX, é a de considerar como patrimônio cultural as grandes construções culturais e identitárias”. Essa referência associa-se à arte ligada às classes dominantes como obras monumentais, arquitetura, escultura, pintura, literatura, teatro e música. Considera-se nessa ideia hegemônica de que apenas grandes fatos, majoritariamente ligados à política requerem esforços de herança, e, inclusive, daí que advém a palavra patrimônio.

Sumariamente, a palavra patrimônio remete aos bens de uma família, heranças e posses privadas. Ao longo da história, a concepção de patrimônio evoluiu para outros significados e identificações. A exemplo disso, durante a Idade Média estava associado ao sagrado, enquanto a partir do Renascimento, os objetos adquiriram valor histórico como produtos culturais que demarcavam uma época, somado a isso, os renascentistas também atribuíram valor artístico e beleza estética ao patrimônio. Mais recentemente, o patrimônio é compreendido como uma riqueza coletiva, que demanda conservação adequada (Dias, 2006).

Segundo Fonseca (2009), a construção do patrimônio envolve a memória e a tradição na construção de identidade coletivas como também a legitimação de uma ideia de nação definida pelos Estados modernos. Assim, “os bens que constituem os patrimônios culturais se propõem como marcos do tempo no espaço” (p.51).

Nesse sentido, considerando a ideia de um patrimônio estabelecido pelo ideal de nacionalismo, vêm sendo reconfigurado pelas noções de direitos culturais a partir de uma nova forma de afirmação de políticas estatais (Fonseca, 2009).

Para Meneses (2006), o patrimônio pode ser entendido como síntese simbólica dos valores identitários de uma sociedade, tais quais são reconhecidos, interpretados e valorizados por essa mesma sociedade e, por outra lente, o patrimônio pode ser apreendido como um documento histórico, da memória que se constrói socialmente e que reflete na capacidade de construção de uma cultura ao longo do tempo.

Para Heinich (2014b), estudiosa da temática patrimonial, “preservar para transmitir”, é uma das possíveis definições do entendimento do patrimônio, seja este familiar, nacional ou internacional. O patrimônio pode ser explicado por seis formas de definições diferentes e, especialmente, cabe a este estudo a abordagem relacionada a história cultural, que se interessa sumariamente pela representação do patrimônio, mais do que o próprio objeto (Heinich, 2014b).

Segundo Dias (2006), o patrimônio cultural associa-se aos valores, beleza, antiguidade, identidade, estéticas, curiosidade e outros elementos destinados à sua contemplação. Assim, o patrimônio cultural pode ser entendido como um conjunto de bens materiais e imateriais, legado a nós pelos antepassados e deverão ser transmitidos às gerações futuras.

O patrimônio cultural é composto por elementos tangíveis e intangíveis – tradições, **literatura**, língua, artesanato, dança, gastronomia, vestimenta, manifestações religiosas, objetos e materiais históricos, arquitetura etc. – tanto do passado quanto do presente, os quais, no seu conjunto, caracterizam um agrupamento social um povo, uma cultura (Dias, 2006, p.67-68, grifo nosso).

O patrimônio, seja de caráter material ou imaterial, é vivo, pois faz parte da construção cultural e histórica e dinâmico de acordo com seu espaço-tempo. Esse caráter de dinamismo é

diacrônico e sincrônico e, portanto, a construção de um modelo de interpretação do passado desse patrimônio, para usufruto em atrativo turístico, deve considerar e dignificar a vivência presente como parte de um todo cultural. Assim, um patrimônio converge na interpretação do passado e do presente (Meneses, 2006).

Para Gonçalves (2009), a classificação de bens patrimoniais correlaciona-se à concepção antropológica de cultura, cedendo ênfase às relações sociais e simbólicas, para além da atribuição física e técnica dos objetos. Assim, patrimônios de caráter intangíveis estão relacionados a caráter desmaterializado da noção de cultura pelo viés antropológico.

Ballart (1997, apud Dias, 2006, p.76-77) atribui valores ao patrimônio: i) valor de uso: a valoração do patrimônio pela sua utilidade e satisfação de necessidades, bem como um recurso para o desenvolvimento de comunidades; ii) valor formal: os elementos patrimoniais são apreciados pelos seus valores estéticos e outras qualidades sensíveis; iii) valor simbólico-significativo: os objetos patrimoniais são pontes entre o passado e o presente. Assim, são símbolos que atribuem significado ao passado.

O patrimônio simboliza, comunica e representa e age como ponte entre passado e presente. Existe para além da contemplação e representação abstrata. “O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (Gonçalves, 2009, p.31).

Para além de entender o patrimônio, a função patrimonial também alicerça a discussão da temática. “O patrimônio torna-se, assim, nessa como nada mais do que o estado peculiar resultante de alguns objetos submetidos a certos tipos de operações, através de gestos, escritos, palavras, leis, trocas financeiras etc. (Heinich, 2010, p.183). A função patrimonial é, então, a conservação material ou a inventariação imaterial aplicadas aos objetos que satisfaçam duas características principais: i) uma comunidade de pertencimento e ii) perenidade de seu valor.

Os objetos que assumem função patrimonial podem ser artefatos, como no caso dos monumentos históricos, ou naturais, como no caso dos lugares, das águas, entre outros, e podem ainda ser de caráter imaterial (Heinich, 2014a). Segundo Heinich (2010), para que haja valoração patrimonial é requerimento que quatro princípios sejam identificados: autenticidade, antiguidade, significação e beleza. Esses quatro valores podem ainda receber aprimoramento pelo caráter de raridade/singularidade. Ser mais ou menos aprimorados por um quinto: raridade (referente ao regime de singularidade).

Os processos de patrimonialização aplicados a um objeto (obra, bem, edificação, sítio, paisagem) ou a uma realidade ideal, ideia, valor, testemunho, evento, acontecimento ou prática não é natural. Ao contrário, expressam um valor admitido de forma coletiva, um acordo social implícito acerca de valores aceitos coletivamente, de um testemunho tácito de uma identidade compartilhada. Assim, para que haja patrimônio é necessário, portanto, que haja processo socialmente aceito de patrimonialização, a partir de

métodos específicos de transformar um objeto, uma ideia em valor simbólico preservado e com intemporalidade (DI MEO, 2007, p. 88).

Assim, a patrimonialização é o que caracteriza uma ação coletiva em ceder valor a uma obra, bem ou paisagem que carregam uma herança, uma identidade, uma memória.

No que tange a relação turismo-patrimônio, pode-se compreender as relações antagônicas e complementares. Em termos contraditórios um pode implicar no desenvolvimento do outro, entretanto, em termos complementares, percebe-se uma retroalimentação, afinal, em comunhão podem colaborar para a preservação da função patrimonial (Lazzarotti, 2003).

Assim, para que um lugar receba designação patrimonial, Lazzarotti (2003), esclarece que há a necessidade de duas logicas, sendo a primeira as legalizações quanto às regras e classificações e outra quanto ao caráter simbólico. Assim, quando há a “patrimonialização” de um lugar, primariamente esse patrimônio é validado na comunidade do entorno para que então, em segundo plano, exista uma promoção do patrimônio em termos turísticos.

Compreende-se então, que na relação turismo-patrimônio é possível considerar que a presença de turistas acerca do patrimônio estabelece conexões territoriais, O patrimônio dos lugares significa também afirmar a sua vinculação a um território, e os turistas, por sua vez, asseguram, através da sua mobilidade, das suas vistas e dos seus usos, o funcionamento e a validação dessa vinculação (Lazzarotti, 2003).

Ao longo da história, especialmente no Grand Tour, o patrimônio tem cativado a atenção de viajantes, afinal, como atração principal de visita dos *grand tourists* estavam os artefatos, esculturas e monumentos de antigas civilizações (Dias, 2006). Haja visto que desde meados do século XV ocorrem visitas aos patrimônios, considera-se também os estreitamentos entre patrimônio e turismo. Deste modo, pode-se inferir que o patrimônio é um essencial recurso turístico de uma localidade (Silveira; Medaglia, 2015).

Diversos documentos foram organizados e encontros foram realizados para discutir essa relação ao longo do tempo. Quando invoca o patrimônio cultural, necessariamente indica-se o papel da Unesco na proteção e salvaguarda do patrimônio e também a convergência na discussão do fenômeno turístico. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) têm a atribuição de construir uma construção intercultural por meio da proteção, assegurando a conservação do patrimônio cultural universal (Dias, 2006; Silveira; Medaglia, 2015).

Em suma, o patrimônio cultural abarca diferentes elementos, inclusive a literatura, que é considerada como a entrada principal ao conhecimento de valores do sentido estético e da imaginação em cada cultura (Dias, 2006 p. 98).

A relíquia e a memória identitária são os meios pelos quais podemos dar acesso ao passado e produzirmos conhecimento e informação acerca dele (Meneses, 2006, p. 26). “A memória coletiva é a memória da sociedade, da totalidade significativa em que se inscrevem e transcorrem as micromemórias pessoais, elos de uma cadeia maior” (Duarte, 2009, p. 306), e contribuem para a preservação de um patrimônio.

Já no final do século XVII, Charles Perrault, escritor e poeta francês, também indicado como “pai da literatura infantil”, se encantava com a função que o livro exercia sobre a memória, como instrumento de guardar aprendizados e evitar o ato de decorar (Meneses, 2006).

“O aparecimento da escrita, assinalou Pierre Nora, permitiu o desenvolvimento de duas formas de memória: a comemoração, através de monumentos alusivos a acontecimentos memoráveis que constituem indicadores da memória coletiva, e o documento escrito” (Freire; Pereira, 2002, p.122).

A memória coletiva envolve as memórias individuais e não se confunde com elas, evolui segundo suas próprias leis. É entendida, enfim, como uma memória social que comporta a história geral (Halbwachs, 1990). Cabe ressaltar então que as memórias coletivas coexistem numa diversidade que extrapola a dicotomia de memória oficial e subterrânea (Freire; Pereira, 2002).

A escrita surgiu na Mesopotâmia há 5 mil anos, entre outros objetivos, era destinada às transações econômicas e políticas. A escrita era assim utilizada pelos escribas, especialmente com o fim de centralizar o poder nas cidades. A invenção da escrita revolucionou o acesso ao passado. Complementar a isso, Le Goff (1990) discorre que o surgimento da escrita demarca uma profunda transformação na memória coletiva e como a chegada da imprensa revoluciona, ainda que de forma gradual, a construção da memória. Posteriormente, o movimento romântico também estabelece, de modo mais literário, um encanto pela memória. E, mais recentemente, a constituição de uma memória pautada no digital.

Em vista disso, a emergência da escrita é complementar a outras formas de mnemotecnica, surge como um recurso de preservação do que os gregos chamavam de coisas eternas ou que serviam à manutenção da eternidade (Duarte, 2009). Pode-se inferir ainda para a preservação patrimonial.

Para Le Goff (1990), a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (p.477).

Além disso, quando falamos da memória marcada pela literatura, Puchner (2017, p.98) pontua que “por meio de uma sólida cultura de interpretação, os leitores vão invariavelmente formar suas próprias ideias, valores e culturas a respeito de um texto, e vão entender de novas maneiras as mesmas palavras que existem há cem, mil ou 3 mil anos”. Proposição que converge com os conceitos de memória individual e coletiva e concebem relação com a cultura desenvolvida nas cidades.

A literatura como parte constituinte da cultura que permanece se desenvolvendo em várias atividades da sociedade e parte da vida dos indivíduos atribui-se de várias funções como comunicar os interesses da comunidade civil, as crenças, ideologias, história, costumes, valores, mitos e lendas e outras diversas, expressando-se como um fator heterogêneo. Além disso, a literatura como uma potente expressão da sociedade no espaço-tempo, preservadora da memória pode se constituir como uma atração turística, proporcionando benefícios mútuos entre cultura e apoio à existência do turismo (Suyasa, 2019).

Desse modo, “o patrimônio literário assume especial importância, na medida em que a literatura é um meio de perpetuar e (re) construir a memória individual (do autor ou do escritor) e coletiva (da sociedade), valorizando a herança cultural de uma determinada sociedade” (Fernandes; Carvalho, 2017).

Em suma, o patrimônio literário é instrumento para preservar as singularidades e memórias locais, conservando os aspectos culturais materiais e imateriais, através da literatura e do imaginário dos leitores, afastando-se da homogeneização e globalização, e em decorrência pode promover novos cenários e perpetuar alternativas para a cultura e, posteriormente, para o desenvolvimento de práticas do fenômeno do turismo (Fernandes; Carvalho, 2017; Suyasa, 2019; Viñal Junior *et al.*, 2019).

3.2 A CULTURA COMO PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO

A partir do século XIX, com a expansão dos centros urbanos, a cidade, para além de um local de concentração de pessoas, torna-se um espaço para guardar memórias das mudanças ocorridas nesse espaço e, portanto, passa a ser vista como construção histórico-cultural, um patrimônio para os residentes e, também se caracteriza como um espaço de memória (MENESES, 2006). Para Meneses (2006, p.87), a cidade é mais que espaço físico, “ela é *locus*

continuum de cultura, onde natureza, construção material, símbolos, significados e representações se constroem em diversidade e harmonia”.

Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (*Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD, 2018), existem duas possíveis perspectivas para compreender a contribuição da cultura no desenvolvimento local: a) os fluxos culturais globais interagem com os ambientes locais, isto é, a fluidez do global está intrinsecamente conectada aos talentos provenientes dos ambientes culturais locais e, por outro lado, o local flui, pois, encontra apoio financeiro e comunicacional no global; b) a segunda perspectiva desenvolve sob a articulação entre valor cultural intrínseco e valores culturais instrumentais. Assim, ainda que longe de ser fácil a compreensão, o potencial de reflexividade e criatividade resultante das experiências culturais - ou seu valor cultural intrínseco - também pode aparecer em áreas consideradas não culturais, como as de saúde, inclusão ou urbanismo (OECD, 2018).

De forma axiomática, a cultura está atrelada à política nacional. Políticas culturais são fundantes e de direito básico a todos numa sociedade democrática e contribuem para um país mais justo e solidário (Rubim; Barbalho, 2007). No contexto brasileiro, historicamente foram escassos os recursos materiais e humanos aplicados às políticas públicas culturais, ainda assim, é possível refletir sobre as políticas que engendraram acontecimentos notáveis no país,

Desde a criação do Departamento de Cultura de São Paulo e a atuação do governo Vargas nos anos 1930/40, passando pela Política Nacional de Cultura da Ditadura Militar nos anos 1970, pela criação do Ministério da Cultura na redemocratização dos anos 1980, até chegar às atuais transformações promovidas pela gestão de Gilberto Gil, entre outras referências possíveis (Rubim; Barbalho, 2007, s/p.).

Refletir sobre políticas públicas requer, entre outros elementos, intervenções sistemáticas e conjuntas com metas, a partir da ação de atores sociais visando o coletivo (Rubim, 2007). No Brasil, segundo Gomes e Zanetti (2022), a história de políticas culturais resume-se em uma predominância de autoritarismo e dificuldade em abranger a diversidade cultural do país numa construção coletiva da cultura. Considerando isso, cabe trazer à discussão as políticas públicas culturais no Brasil, em diferentes cenários políticos.

No período que compreende as primeiras sociedades autóctones, passando pela chegada dos portugueses, no cenário de colonização do Brasil, até a República Oligárquica, também chamada de República Velha, que se caracterizou pelo poder descentralizado, a cultura não recebe devida atenção.

Neste cenário, há inexistência de documentos acerca de políticas culturais, desarticulação do âmbito cultural e escassas ações pontuais. Demarca-se, no período colonial,

a chegada da família real ao Brasil e a criação de primeiras instituições culturais e educacionais, o surgimento de entidades de apoio a artistas, durante o reinado de dom Pedro II e, no início do século XX, o movimento modernista (Rubim, 2007; Rocha, 2022). Com a vinda de D. João VI na transferência da corte portuguesa para o Brasil, as instituições criadas são a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes e o Museu Histórico Nacional, por exemplo (Botelho, 2007).

Embora perceba-se essas ações culturais o período é essencialmente caracterizado por de repressão monárquica português, caracterizado pela negação das culturais indígenas e africanas, proibição da imprensa, censura a livros e jornais estrangeiros; interdição da educação e das universidades (Rubim, 2007).

O movimento modernista para além de uma busca de progresso, inovações técnicas e liberdade estética, teve grande impacto na construção de um projeto cultural do Brasil (Rocha, 2022). Existia, portanto, uma necessidade desses artistas em desconectar-se do colonialismo e valorizar e fomentar a identidade brasileira, assumindo um novo período para a cultura do país, distanciando-se das obstruções características do colonialismo português.

A República Oligárquica tampouco conseguiu conformar políticas culturais para o país. Foram empreendidas ações pontuais, ainda por artistas e intelectuais em busca de forjar uma identidade nacional. Assim, esse período da República Velha que compreende o final do século XIX até os anos 1930 é marcado por ações culturais pontuais, especialmente na área do patrimônio (Rubim, 2007).

A chamada “Revolução de 1930”, com o impedimento da posse de Júlio Prestes, e com a governança de um governo provisório assumida por Getúlio Vargas, demarca o fim da República Oligárquica do Brasil. O governo de Vargas é caracterizado por uma impulsão na industrialização, urbanização, na construção de um estado nacional centralizado e um modernismo cultural (Rubim, 2007) e é neste contexto que se inauguram as políticas culturais no Brasil.

De acordo com Fonseca (2009), o propósito do movimento modernista ultrapassava as questões literárias e artísticas, propunha-se também a repensar a função social da arte e, ao alinharem o discurso modernista à arte, romperam não apenas com uma tradição estética, como também com uma tradição cultural da sociedade. Assim, a temática do patrimônio urge no Brasil sob o viés de dois pressupostos: o caráter singular e universal das expressões artísticas e a autoria da esfera cultural em referência à outras esferas sociais.

A passagem do escritor Mário de Andrade pelo Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo (1935–1938) contribuiu nas ambições artísticas individuais para a

promoção destas no plano de ação pública. Além disso, tem-se a implantação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, dirigido por Gustavo Capanema (Rubim, 2007; Rocha, 2022).

Em suma, o período Vargas é caracterizado pela adoção de um governo nacional-popular, fomentando as manifestações culturais e populares e contribui para o surgimento de muitos estudos renomados no país, como *Casa Grande Senzala*, de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Além de constatar a emergência de universidade e o crescimento da indústria editorial no país (Albuquerque Júnior, 2007).

Com a instauração da ditadura do Estado Novo, organizada por Getúlio Vargas, o setor nacional da cultura se vê atingido por afrontas conservadoras, especialmente dirigidas pelo Departamento de Informação e Propaganda (DIP), instituição responsável pela censura dos materiais culturais, fomentando produções de exaltação e valorização nacionalista e difundindo a ideologia do Estado Novo nas camadas populares da sociedade. Neste cenário, é a primeira vez que o Governo Federal realiza um conjunto de intervenções no âmbito cultural, ora de repressão e ora de censura, ainda assim com o desenvolvimento de práticas, legislações e instituições (Rubim, 2007; Rocha, 2022).

A política cultural deste período valorizava o nacionalismo, a brasilidade, o trabalho e um esforço do coletivo do povo brasileiro. É desse período a criação de instituições como a Superintendência de Educação Musical e Artística; Instituto Nacional de Cinema Educativo (1936); Serviço de Radiodifusão Educativa (1936); Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937); Serviço Nacional de Teatro (1937); Instituto Nacional do Livro (1937) e Conselho Nacional de Cultura (1938) (Rubim, 2007).

Segundo Rubim (2007), a gestão instaurada por Vargas preconiza uma difícil tradição no Brasil que é a forte relação entre governos autoritários e políticas culturais, isso demarca substancialmente e problematicamente a história do país no que tange o desenvolvimento das políticas culturais nacionais.

O período de uma reconstrução democrática reafirma o que Rubim (2007) indica sobre as políticas culturais, afinal todo o desenvolvimento de uma cultura brasileira, ainda que incitada por censura e repressão, da Era Vargas não vê continuidade no curto período de um estado democrático.

As políticas culturais em todas as suas áreas têm poucas intervenções, mas ainda pode-se citar a instalação do Ministério da Educação e Cultura, em 1953; a expansão das universidades públicas nacionais; a Campanha de Defesa do Folclore e a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão vinculado ao MEC (Rubim, 2007).

Outras instituições não estatais também repercutem na área cultural, como os famosos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, movimento que contribuiu para a formação dos intelectuais e artistas renomados do cenário cultural do Brasil. Além disso, outra intervenção foi o Movimento de Cultura Popular, desencadeado na cidade de Recife (1960) e que se alastrou por outros estados, até ver sua desestruturação com a ditadura em 1964.

Com o golpe engendrado e a instauração de uma ditadura no país, “a preocupante tradição retorna e mais uma vez autoritarismo e políticas culturais vão estar associados. Novamente uma ditadura no Brasil aciona ativamente as políticas culturais” (Rubim, 2007, p. 20).

No período que concerne 1964 a 1968, o governo promove a criação de empresas de telecomunicação e implantação de uma indústria cultural rigidamente com controles rígidos sobre os materiais audiovisuais, reforçando uma política de censura que se propunha ser de segurança nacional. É deste período também a implantação do Conselho Federal de Cultura (1966) e a criação de secretarias estaduais de cultura. Com a criação do Conselho, foram propostos planos de recuperação da Biblioteca Nacional e Instituto Nacional do Livro, contudo nenhum deste vigorou (Rubim, 2007).

A expansão das atividades culturais acontece por meio de um controle restrito e se caracteriza como um período de repressão seletiva, pois ainda que haja censura, verificam-se manifestações políticas contrárias ao regime autoritário e desenvolvem-se iniciativas como o Cinema Novo e a Tropicália (Rocha, 2022).

O período entre 1968-1974 é considerado um vazio cultural, afinal a ditadura se alastra pela dominação da violência, tortura e censura sistemática, que bloqueou toda uma cultura prévia. A promulgação do Ato Institucional de número 5 (AI-5), afeta diretamente as políticas culturais, afinal passa a existir uma Doutrina de Segurança Nacional e uma censura sistemática dos meios de comunicação (Rocha, 2022). O período é brutal, marcado pela violência, prisões, torturas e os projetos culturais são “marcados pela imposição crescente de uma cultura midiática controlada e reprodutora da ideologia oficial, mas tecnicamente sofisticada, em especial no seu olhar televisivo” (Rubim, 2007, p. 21).

O período que se segue de 1974 a 1985, demarca uma longa transição entre a derrota da ditadura nas eleições de 1974 até alcançar uma nova reconstrução democrática. Segundo Rubim (2007), o contexto internacional influencia as dinâmicas nacionais, especialmente pelas políticas culturais discutidas nos encontros realizados pela UNESCO em meados de 1970 a 1980. Criam-se o primeiro Plano Nacional de Cultura (1975) e instituições culturais, como a

Fundação Nacional das Artes (1975), Centro Nacional de Referência Cultural (1975), Conselho Nacional de Cinema (1976), Radiobrás (1976), Fundação Pró-Memória (1979).

Destaca-se nesse movimento uma renovação das políticas culturais nacionais, indicadas pela criação e desenvolvimento da FUNARTE, proveniente do Plano de Ação Cultural (1973), a figura de Aloisio de Magalhães que ajudou na renovação do Centro Nacional de Referência Cultural (1975), IPHAN (1979), SPHAN e Pró-memória (1979) e Secretária de Cultura do MEC (1981). “Ainda que a maior parte da atuação do Estado tenha acontecido na fase de transição da ditadura, sua configuração continua sendo moldada por parâmetros do regime autoritário, em declínio” (Rubim, 2007, p.23).

O longo período de transição e construção da democracia (1985–1993), que compreende os governos José Sarney (1985–1989), Collor de Melo (1990–1992) e Itamar Franco (1992–1994), configura uma reconfiguração da sociedade e da política, e no âmbito cultural a implantação do Ministério da Cultura ganha destaque.

No governo Sarney, foi criada a primeira lei de incentivos fiscais para o financiamento cultural, denominada “Lei Sarney”, como também a criação de outros organismos culturais. Em 1985, criou-se o Ministério da Cultura e, desde seus primórdios, enfrentou problemas financeiros e administrativos (Rubim, 2007; Calabre, 2007). Destaque para Celso Furtado, que assumiu o cargo ministerial em 1986 e, em seu texto “A ação do Ministério da Cultura”, escrito em 1987, apresenta um balanço sobre sua gestão à frente da cultura. As diretrizes de Furtado podem ser resumidas em quatro eixos: i) a preservação e o desenvolvimento do patrimônio cultural, ii) o estímulo à produção cultural de ampla circulação sem interferências na criatividade, iii) o apoio à atividade cultural disruptiva ou de expressão de grupos específicos em relação às correntes dominantes e, iv) o fomento à difusão e ao intercâmbio culturais visando a democratizar o acesso ao patrimônio nacional e aos bens culturais no país e no exterior (Rocha, 2022, p. 8).

O governo de Sarney caracteriza-se pela conturbação, são diversos os responsáveis pela cultura e ainda que esforço de Furtado seja destaque, a instabilidade da política se espalha por todos os setores, inclusive à cultura nacional.

No governo de Collor, a Lei Sarney foi extinta e deu-se origem a outra lei de incentivo, a reconhecida Lei Rouanet, a legislação é vigente até os dias atuais (2023), mas passou por reformas nos governos de Fernando Henrique Cardoso, Lula e redução do instrumento no governo Bolsonaro. Em 23 de dezembro de 1991, foi promulgada a Lei^o 8.313, que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura, conhecida como Lei Rouanet, aprimorou a Lei Sarney

e, de forma gradual, injetou orçamentos no setor cultural por meio do instrumento de renúncia fiscal (Calabre, 2007)

A gestão de Collor é também caracterizada por um desmonte cultural, com a extinção de diversas instituições como a FUNARTE, EMBRAFILME, Pró-Memória, FUNDACEM, CONCINE e, inclusive, o próprio Ministério da Cultura (Rubim, 2007; Calabre, 2007).

O Ministério da Cultura foi rebaixado ao status de secretaria e as instituições de apoio a produção cultural e patrimonial foram reunidas em duas novas instituições, sem nenhum apoio orçamentário: o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (ibac) e o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (ibpc) (Botelho, 2007). O âmbito cultural permanece ermo por conta da escassez de recursos estatais, desarticulação de políticas públicas culturais e ausência de incentivos a cultura nacional (Rubim, 2007).

Após o impeachment de Collor, seu sucessor, Itamar Franco, retoma algumas ações culturais. O Ministério da Cultura é recriado em 1992 e instituições como Iphan (agora com o status de instituto) e a Funarte foram reestabelecidas. Destaque também para a Lei nº 8.685, Lei do Audiovisual, a fim de retomar a produção do setor a partir de incentivos fiscais (Rocha, 2022).

No governo de Fernando Henrique Cardoso, a política cultural concentrou-se em ampliar as leis de incentivo fiscal e reformas de impostos. Neste período, o Ministério foi, lentamente, recuperando presença pública em debates do âmbito cultural, ainda que com pouca consolidação quanto instância política da cultura e, além disso, algumas políticas setoriais foram aplicadas, como as bibliotecas e patrimônio (Projeto Monumenta) e a legislação acerca do patrimônio imaterial (Botelho, 2007).

Quanto ao patrimônio, considerando a ampliação do cenário de bens culturais, é instituído, em 2000, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, dando início ao processo de preservação do patrimônio (Calabre, 2007; Rocha, 2022). Embora percebam-se desenvolvimentos nas políticas culturais do país, a efetivação convergia à uma elitização e exclusão cultural, mesmo numa gestão legislativamente democrática.

As oscilações dos governos anteriores quanto as políticas culturais são evidentes e, apenas em 2003, no primeiro governo Lula, o Ministério da Cultura inicia um intenso processo de regularização da função do Estado no âmbito cultural. No primeiro mandato de Lula, Gilberto Gil assumiu o cargo de ministro da cultura e com discursos reivindicando uma cultura com viés antropológico. O MinC amplia seu alcance e com A Secretaria de Identidade e Diversidade Culturais e Secretaria Audiovisual. A figura de Gil a frente ministerial facilitou o

processo de internacionalização e encontros com outras posições de políticas culturais (Rubim, 2007; Botelho, 2007).

Em sua gestão, Gilberto Gil convidou Célio Turino para desenvolver um programa de democratização e acesso à cultura. Trabalho continuado na gestão de Juca Ferreira. Os resultados são os Pontos de Cultura, implantados por todo o Brasil, que tiveram como objetivo dar voz ao povo, para que se expressassem sob a forma de música, literatura, poesia e todas as expressões que formam o povo brasileiro (Turino, 2010).

Nesse cenário, a aplicação do conceito de gestão compartilhada e transformada no projeto dos Pontos de Cultura teve como propósito estabelecer um diálogo entre Estado e Sociedade, instruindo os grupos culturais a expressarem suas vontades e necessidades e, ao oposto de entender a cultura como produto, reconhecê-la como um processo.

Ponto de Cultura é um conceito de política pública. São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser para as pessoas, e sim das pessoas; um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura. Como um elo na articulação em rede, o Ponto de Cultura não é um equipamento cultural do governo, nem um serviço. Seu foco não está na carência, na ausência de bens e serviços, e sim na potência, na capacidade de agir de pessoas e grupos. Ponto de Cultura é cultura em processo, desenvolvida com autonomia e protagonismo social (Turino, 2010, p.64).

O Ponto de Cultura pressupunha protagonismo sociocultural e foi desenvolvido atrelado ao programa Cultura Viva, formulado em 2004. O programa, portanto, foi articulado via Ponto de Cultura, para conceder autonomia, protagonismo, empoderamento e gestão em rede dos agentes envolvidos no programa (Turino, 2010).

Assim, na gestão Lula, foram consolidados o Sistema Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Cultura, criação de Câmaras setoriais e descentralização das atividades do Ministério. Dentre as novas secretarias criou-se a de Políticas Culturais, a de Fomento e Incentivo à Cultura, a de Programa e Projetos Culturais, a do Audiovisual e a de Identidade e Diversidade Cultural (Silva, 2014).

Além disso, o Fundo Nacional de Cultura se estruturou a partir de editais públicos de apoio cultural e na concorrência de projetos. Embora as fragilidades nas políticas culturais persistissem, esse período contribuiu profundamente na formulação e implementação de políticas públicas de cultura nos níveis federais, estaduais e regionais, uma dificuldade enfrentada em todas as outras gestões anteriores (Rubim, 2007; Rocha, 2022).

Segundo Gomes e Zanetti (2022), mesmo considerando os avanços tidos em gestões democráticas, como os governos de FHC e Lula, ambos os governos se defrontaram com as

imposições do tradicionalismo político, do autoritarismo e das escolhas do que convêm a ser financiado no vasto domínio cultural das múltiplas experiências, saberes e fazeres, indicando ainda uma fragilidade persistente nas políticas culturais nacionais.

Em 2010, Dilma eleita também pelo PT, como seu antecessor, assume a presidência. Com Ana de Hollanda à frente da gestão do MinC, é um período de política emergindo da interação entre agentes e organizações, com rupturas, continuidades e inovações em relação ao a política cultural anteriormente estabelecida (Cid; Domingues; De Paula, 2022; Rocha, 2022).

É nesse período também um fortalecimento na interação entre cultura e educação, bem como a criação da Secretaria de Economia Criativa, anunciada pela ministra como um destaque da nova gestão cultural (Rocha, 2022). Posteriormente, Marta Suplicy assume o cargo a frente do MinC, e projetos criados e estruturados na gestão de Gil e Juca, ainda no governo Lula, são aprovados em Congresso Nacional e ganham destaque na política cultural do país.

No segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, após intensa pressão do setor cultural, o ex-ministro Juca Ferreira volta ao comando do ministério em 2015. Na sua gestão é possível destacar a criação da Secretaria de Educação e Formação Artística e Cultural, instituição que substitui a Secretaria da Economia Criativa, efetivada no primeiro mandato, além disso, novos debates políticos culturais ganham espaço (Rocha, 2022; Cid; Domingues; De Paula, 2022).

Em 2016, a presidenta Dilma sofreu o processo de impeachment que culminou com sua destituição do cargo em 31 de agosto de 2016, interrompendo os debates e as iniciativas em andamento no âmbito cultural. Michel Temer assume o governo como gestor interino e, de pronto, o MinC foi extinto, reduzido (novamente) a uma secretaria do que seria o Ministério da Educação e Cultura. Porém, por repressões em relação a medida, apenas onze dias depois foi recriado, também via Medida Provisória. Esse período caracteriza as políticas culturais como instáveis, especialmente exemplificadas pela alta rotatividade no comando da pasta (Cid; Domingues; De Paula, 2022; Rocha, 2022).

A eleição de Jair Bolsonaro, em outubro de 2018, possui como consequência imediata a extinção do MinC em 10 de janeiro de 2019, poucos dias após a tomada de posse do presidente (Rocha, 2022). O MinC rebaixa, mais uma vez, a estatuto de secretaria e, a princípio a Secretaria Especial da Cultura (Secult), depois Secretaria Especial do Ministério da Cidadania. Além disso, a gestão é instável, vide as diversas figuras que geriram a pasta cultural: Henrique Pires (janeiro a agosto de 2019), Ricardo Braga (setembro a novembro de 2019), Roberto Alvim (novembro de 2019 e janeiro de 2020), Regina Duarte (março a maio de 2020), e Mário Frias

(desde junho de 2020 até março de 2022) (Cid; Domingues, De Paula, 2022), sucedido por Hélio Ferraz de Oliveira (março de 2022- dezembro de 2022).

O governo de Bolsonaro é caracterizado pela instabilidade institucional evidenciada pelos embates do governo com o setor artístico, como pode-se citar o recuo de Patrocínio da Petrobras em projetos culturais. (Cid; Domingues; De Paula, 2022), além de ações tendenciosas, como a entrega de cargos a artistas alinhados ao bolsonarismo, exonerações de pessoal qualificado e a contratação de figuras sem qualquer conhecimento da pasta assumida, mas que coincidentemente eram ideologicamente favoráveis a gestão do executivo, confusão entre setores públicos e privados, problematizando a democratização cultural, além de diversos escândalos decorrentes das ideologias do governo e a inexistência de diálogo com o setor cultural (Gomes; Zanetti, 2022).

Nesse período, viu-se também deflagrar um controle sobre os projetos financiados pela Lei Rouanet,² num problema político em que “o gestor-auditor se coloca em posição de periciar o acesso aos fundos de incentivo, delimitar o volume de seus destinatários e responder ao público de um novo circuito para as políticas culturais” (Cid; Domingues; De Paula, 2022, p.14). Somado a isso, viu-se a enxurrada de discursos contrários a cultura, rejeitando o campo cultural e propagando um movimento conservador. É um momento de um novo obscurantismo no campo cultural do país, especialmente pelos ataques as personalidades o setor, a instabilidade da gestão, os problemas administrativos e o esvaziamento de incentivos financeiros (Rocha, 2022).

Nessa conjuntura, deflagra-se a pandemia mundial ocasionada pelo Sars-Cov 2, impedindo as aglomerações, perpassando problemas financeiros, sociais e de saúde por toda a população e soma-se ainda uma crise econômica no país. O cenário para o campo cultural é desfavorável e, ainda que agora a vacinação esteja avançada no país, a reabertura de espaços culturais e a retomada de todos os setores tenha acontecido, as implicações para a cultura ainda são incompreendidas.

Nesse contexto evidenciou-se a construção coletiva de políticas de incentivo, como o Projeto de Lei Paulo Gustavo (PL no 73/2021), e o Projeto de Lei Aldir Blanc 2 (PL 1518/2021), ambas vetadas pelo presidente (ROCHA, 2022) e, posteriormente a Lei Aldir Blanc 2 foi aceita, destinando o saldo do Fundo Nacional da Cultura (FNC), no valor de 3 bilhões de reais, para

² Oficialmente instituída pelo Programa Nacional de Incentivo à Cultura, estabelecido pela Lei Nº 8. 313 de 23 de dezembro de 1991, tem como finalidade captar e canalizar recursos para o setor cultural. Assim, conhecida como Lei Rouanet, tem como mecanismo estimular o apoio da iniciativa privada ao setor cultural.

editais de apoio a iniciativas culturais e pagamento de uma renda emergencial aos trabalhadores da área (Rocha, 2022).

O governo Bolsonaro efetivou políticas culturais excludentes, apenas no que tangenciou o apoio ao seu executivo de cunho conservador, apoiado por um polo progressista. Rejeitou o campo cultural e descontinuou políticas de todas as camadas da sociedade, além de atacar figuras do campo cultural. Resume-se que o período vivenciado pelo país de 2018 até o presente momento (novembro de 2022) é um retrocesso das políticas culturais e um desmonte da gestão cultural do país, no âmbito federal (Gomes; Zanetti, 2022; Rocha, 2022).

Até o presente momento, como indica Rocha (2022), continuam em pleno funcionamento as disputas em torno do complexo, desigual e inacabado processo de desenvolvimento do campo cultural brasileiro.

Em 30 de outubro de 2022 aconteceu o segundo turno para eleições presidenciais no Brasil. Em uma disputa acirrada, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito democraticamente, pela terceira vez, presidente da república, derrotando Jair Bolsonaro nas urnas. O governo Lula enfrentará novos desafios no cenário das políticas culturais do país, frente ao desmonte ocasionado pelo governo Bolsonaro. O sucateamento de autarquias como a Agência Nacional do Cinema (Ancine) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) são também desafios visíveis, além do repasse de verba ao setor cultural, e a preservação de acervos patrimoniais, considerando os incêndios que ocorreram no Museu Nacional (2018) e na Cinemateca (2022).

O discurso da vitória de Lula e uma publicação na rede social *Twitter*, indicam a recriação do Ministério da Cultura e uma atenção especial ao setor cultural: “[O povo] quer liberdade religiosa. Quer livros em vez de armas. Quer ir ao teatro, ver cinema, ter acesso a todos os bens culturais, porque a cultura alimenta nossa alma” (Lula, 2022). E segue, reforçando:

“Eu quero que vocês saibam que vamos recuperar o Ministério da Cultura e vamos criar comitês estaduais de cultura, para que a cultura se transforme em uma coisa para que as pessoas tenham acesso, para que a cultura se transforme numa cultura de produzir emprego e de gerar renda. Quem tem medo de cultura é quem não gosta do povo, é quem não gosta de liberdade, é quem não gosta de democracia e nenhuma nação do mundo será uma verdadeira nação se não tiver liberdade cultural. E o país vai recuperar a cultura.” (Lula, 2022).

Segundo Calabre (2007), as políticas devem ser engendradas considerando a cultura como um bem da coletividade e considerando a interferência nas práticas culturais enraizadas nas diversas áreas governamentais. Pauta-se também a diversidade cultural como um pilar da democratização da cultura. Para Albuquerque Junior (2007), o Estado tem o papel de regular e

investir no âmbito cultural, para que, enfim, as políticas culturais sejam mais inclusivas e democráticas. Embora essas ideias aludidas pelos autores sejam do começo dos anos 2000, considerando o cenário do desmonte sem uma política participativa e democráticas dos recursos de patrocínio cultural, pode-se afirmar que essas proposições seguem pertinentes ainda agora, quinze anos depois.

Botelho (2007) afirma que a cultural, para além de um bem coletivo a ser preservado, é uma produção coletiva e o patrimônio cultural produzido permite o desenvolvimento da vida cultural. Consoante a isto, Calabre (2007, p. 106) reitera que “a cultura é fator de desenvolvimento”. Existe a necessidade de um planejamento em longo prazo, fortalecendo as pessoas atuantes frente a gestão cultural, reforço de pesquisas e uma convergência do público-privado nos recursos financeiros (Porto, 2007).

Para Gomes e Zanetti (2022), é urgente pensar na constituição de um Sistema Nacional de Cultura articulante entre os âmbitos federais, estaduais e municipais, convocando à conversa todos os agentes sociais. Contudo, faz-se necessário compreender que o que nos foi comunidade, prosperando por anos e gestões diversas, foi uma construção de uma cultura com padrões que não caracteriza exatamente o povo brasileira, pois está pautada numa estrutura colonial, entretanto, para os autores “só alcançaremos um saber sobre nós mesmos quando aceitarmos as diferenças como pressupostos de nossa existência e cosmologia (Gomes; Zanetti, 2022, p.15). Para ilustrar a discussão aqui exposta, o quadro X resume as políticas culturais ao longo dos governos no Brasil.

QUADRO 1 - Compilado das políticas culturais do Brasil (década de 1810 a 2022)

Governo	Movimentações no âmbito cultural
Brasil Colônia e República Velha	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento Modernista, com sua expansão através da Semana de Arte Moderna de 1922; • Criação da Biblioteca Nacional, do Museu Nacional de Belas Artes e do Museu Histórico Nacional.
Era Vargas (1930-1945)	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas com caráter nacional-popular; • Movimento modernista; • Instauração do Departamento de Informação e Propaganda (DIP), no cenário de ditadura do país; • Criação: Superintendência de Educação Musical e Artística; Instituto Nacional de Cinema Educativo (1936); Serviço de Radiodifusão Educativa (1936); Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937); Serviço Nacional de Teatro (1937); Instituto Nacional do Livro (1937) e Conselho Nacional de Cultura (1938).
Período democrático (1945-1964)	<ul style="list-style-type: none"> • Instalação do Ministério da Educação e Cultura, em 1953; • Expansão das universidades públicas nacionais; • Campanha de Defesa do Folclore; • Criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão vinculado ao MEC; • Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes;

	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento de Cultura Popular
Ditadura cívico-militar (1964-1985)	<ul style="list-style-type: none"> • Conselho Federal de Cultura (1966) e a criação de secretarias estaduais de cultura; • Cinema Novo e a Tropicália; • Promulgação do Ato Institucional de número 5 (AI-5) e a imposição da censura em todos os meios, inclusive no âmbito cultural; • No plano de retomada de uma nova democracia são criados ou resgatados os seguintes elementos: Plano Nacional de Cultura (1975) e instituições culturais, como a Fundação Nacional das Artes (1975), Centro Nacional de Referência Cultural (1975), Conselho Nacional de Cinema (1976), Radiobrás (1976), Fundação Pró-Memória (1979), IPHAN (1979).
Governo Sarney (1985–1989)	<ul style="list-style-type: none"> • Criação da Lei Sarney, para apoio às políticas culturais; • Criação do Ministério da Cultura (1985); • Celso Furtado em frente a gestão do MinC.
Governo Collor (1990–1992)	<ul style="list-style-type: none"> • Extinção da FUNARTE, EMBRAFILME, Pró-Memória, FUNDACEM, CONCINE e, inclusive, o próprio Ministério da Cultura; • Extinção da Lei Sarney e criação do Programa Nacional de Apoio à Cultura, conhecida como Lei Rouanet.
Governo Itamar Franco (1992–1994)	<ul style="list-style-type: none"> • Recriação do Ministério da Cultura em 1991, do IPHAN (que assumiu status de instituto); • Recriação da FUNARTE.
Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002)	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de políticas setoriais: bibliotecas e patrimônio (Projeto Monumenta); • Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (2000).
Governo Lula (2003-2010)	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro mandato de Lula, Gilberto Gil assume o cargo de ministro da cultura; • Criação da Secretaria de Identidade e Diversidade Culturais e Secretaria Audiovisual; • Consolidação do Sistema Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Cultura; • Criação de câmaras setoriais para a descentralização das atividades do ministério; • Criação de Políticas Culturais, de Fomento e Incentivo à Cultura, a de Programa e Projetos Culturais, a do Audiovisual e a de Identidade e Diversidade Cultural; • Fundo Nacional de Cultura: estruturou-se via editais públicos. • Programa Cultura Viva – Ponto de Cultura
Governo Dilma (2011-2016)	<ul style="list-style-type: none"> • No primeiro mandato de Dilma, Ana de Hollanda assume a gestão do MinC; • Período de fortalecimento entre cultura e educação; • Criação da Secretaria de Economia Criativa; • No segundo mandato Juca Ferreira retorna ao comando do ministério, em 2015; • Criação da Secretaria de Educação e Formação Artística e Cultural, instituição que substitui a Secretaria da Economia Criativa, efetivada no primeiro mandato.
Michel Temer – gestor interino (2016-2018)	<ul style="list-style-type: none"> • Extinção do MinC – reduzido à secretaria. • Restituição do MinC – recriado 11 dias após sua extinção, via Medida Provisória. • Políticas culturais instáveis.
Governo Bolsonaro (2018-2022)	<ul style="list-style-type: none"> • MinC – rebaixado a estatuto de secretaria; • Gestão da secretaria é instável, com diversas figuras assumindo a pasta. • Controle sobre s projetos financiados pela Lei Rouanet. • Discursos contrários a cultura; ataque ao setor cultural;

	<ul style="list-style-type: none"> • Propagação de um movimento conservador; • Novo obscurantismo no campo cultural do país. • Lei Aldir Blanc 2 (PL 1518/2021), destinando recursos financeiro ao Fundo Nacional da Cultura, após o cenário pandêmico e crise econômica deflagrada no país.
Governo Lula (2023...)	<ul style="list-style-type: none"> • Através do Decreto nº 11.336, de 1º de janeiro de 2023, logo após a posse do atual governo, o Minc retomou mais uma vez a status ministerial; • Atualmente a pasta é gerida pela ministra Margareth Menezes. • Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar 202, de 2023).

FONTE: A autora (2023), com base em Botelho (2007), Calabre (2007), Rubim (2007), Fonseca (2009), Rocha (2022), Gomes e Zanetti (2022), Cid, Domingues e de Paula (2022).

Neste primeiro ano de mandato do governo Lula, o Ministério da Cultura retornou ao estrato ministerial e há evidências da reconstrução cultural, vide que todos os estados brasileiros e quase a totalidade dos municípios aderiram à Lei Paulo Gustavo, que destina R\$ 3,8 bilhões para investimento no setor cultural do país (Minc, 2023), além disso, a Lei Aldir Blanc 2 injetará R\$ 3 bilhões no setor cultural brasileiro.

Segundo Porto (2007), em consonância às atribuições da OECD, a partir do aprimoramento do setor cultural, há possibilidades melhorias nos indicadores socioeconômicos. Haja visto que não se propõe um isolamento da cultura de outras esferas públicas, mas a possibilidade de formular uma agenda que possa legitimar a construção cultural do país, alinhado ao que Amartya Sen destaca de desenvolvimento como liberdade (Porto, 2007). Pois “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações da liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (Sen, 2010, p.10).

No que concerne essa discussão, o desenvolvimento pode ser compreendido pelo crescimento do Produto Nacional Bruto e por rendas individuais como um meio de expansão das liberdades de uma sociedade, entretanto, as liberdades são também determinadas por fatores sociais e econômicos e direitos civis. Faz-se necessário o reconhecimento da diversidade em diferentes culturas e uma ideia de desenvolvimento como liberdade deve, indubitavelmente, associar-se a participação popular (Sen, 2010).

No contexto brasileiro, Celso Furtado interpreta o (sub)desenvolvimento também pela dimensão cultural, afinal há o reconhecimento do crescimento econômico para gerar desenvolvimento, mas somado a isso, existe a importância da dimensão cultural como fator decisivo na mudança social, outrora, no processo de desenvolvimento (Cassol; Niederle, 2016). Deste modo, o desenvolvimento só é possível através de crescimento econômico associado a mudanças no âmbito da cultura.

Nesta concepção de desenvolvimento, existe ainda, em todo o mundo e também no Brasil uma luta pelos direitos humanos básico e o acesso e satisfação de necessidades básicas, mas também o direito ao lazer, a arte e a literatura. A literatura pode, considerando o espaço-tempo de discussão, ser compreendida como uma necessidade e um direito a ser garantido aos cidadãos. Todavia, é difícil discuti-la quando ainda precisamos combater a fome, a pobreza, a violência e outros tantos desafios da nossa sociedade. Principalmente, tratando da literatura que é por muitas vezes elitizada e colocada numa distinção entre cultura popular e erudita, separando a sociedade em esferas incomunicáveis (Cândido, 2011).

A luta pelos direitos humanos, como também pelo desenvolvimento, abrange a luta de acesso a diferentes níveis de cultura. Assim, para Cândido (2011, p.193), “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

4. A LITERATURA E AS INTERFACES HISTÓRICAS, CRIATIVAS E TURÍSTICAS

4.1 ANTECEDENTES: VIAGENS LITERÁRIAS OU LITERATURAS DE VIAGENS

4.1.1 As viagens, aventuras e descobertas povoam o imaginário social através da contação de histórias

As viagens povoam o imaginário das sociedades desde os primórdios e a contação de histórias, em formato oral e, posteriormente, através da literatura, contribui para reforçar a identificação de leitores com as viagens.

Nosso imaginário está repleto de viajantes que se propuseram em ir em busca de novos destinos: Abraão, Moisés, Marco Polo, Fernão de Magalhães, James Cook, Cristóvão Colombo, Alexander von Humboldt (Trigo, 2013). Os relatos, experiências e guias estão dissolvidos em diversos livros, a saber: a Bíblia, guias impressos, livros autobiográficos com relatos de viagem e histórias de ficções.

Segundo Trigo (2013, p.33), “a literatura das viagens está repleta de lugares, objetos, promessas e idealizações que podem elevar o ser humanos aos graus de riqueza, poder, maior consciência e sabedoria. Alguns desses territórios almejados podem ser Oz, Canterbury, Mesa, Tibete, Atlântida, Eldorado, o Santo Graal ou a Terra Prometida dos judeus”. As históricas e contos usualmente começam com “em um lugar distante (...)”, criando um imaginário acerca de lugares misteriosos, incitando a curiosidade e demonstrando como a literatura pode contribuir na fascinação que o turismo exerce nos indivíduos (Bacal, 2002).

Nos tempos míticos as aventuras sucediam-se nas viagens e marcavam a vida dos indivíduos. A busca pelo desconhecido era angariada por príncipes, sacerdotes, guerreiros, comerciantes e aventureiros que desbravavam o insólito e protagonizaram histórias que hoje são contadas e recontadas por gerações (Trigo, 2013).

As culturas dos sumérios, fenícios e persas contribuíram significativamente na história das viagens, mas na Antiguidade Clássica, Grécia e Roma exerceram papel substancial no contexto das viagens (Yasoshima; Oliveira, 2002).

A antiga Grécia foi uma das culturas mais voltadas às viagens, e as realizaram por motivos diversos, como visitas aos santuários com motivos religiosos, para apreciar competições atléticas e esportivas ou ainda por necessidade de conhecimento, imortalizando cidades como Delfos, Atenas e Olímpia. O povo grego visitava o Oráculo de Delfos ou rumava

à Olímpia, para os Jogos Olímpicos, ou ainda, para terras distantes com o intuito de desbravar novos lugares (Barbosa, 2002; Dias, 2005).

No contexto grego, apenas mercadores, marinheiros, pensadores e militares tinham o direito de viajar para ilhas ou terras próximas, indicando que o cenário das viagens era raro e constituía-se apenas de homens livres. Os antigos gregos que puderam realizar deslocamentos relataram as dificuldades e maravilhas da viagem. Ciro Espítama, neto de Zoroastro e embaixador do império Persa é um exemplo de viajante livre que foi relatado no romance *Criação* de Gore Vidal, Por motivos políticos foi exilado e viajou para Índia, China e Grécia, o texto é uma viagem pelo mundo antigo em meados do século 5 a. C. (Trigo, 2013).

Outras aventuras são amplamente retratadas na literatura, como nos clássicos *Odisseia* e *Iliada*. (Barbosa, 2002; Trigo, 2013). A *Odisseia*, de Homero, é uma viagem épica de obstáculos em busca de casa e, eleva a viagem ao estatuto de uma busca simbólica - uma odisseia - e o viajante ao de arquétipo *triskter*-heroína (Bohls; Duncan, 2005). Apolônio de Rodes, do século 3 a.C., compôs uma epopeia em quatro cantos, intitulada *Argonautas* e transformou-se a primeira obra que chegou aos tempos atuais relatando a experiência de Jasão (Trigo, 2013).

A prática dos gregos em viajar em busca de conhecimento aparecem em viagens iniciativas contadas, por exemplo por Homero, Heródoto e Xenofonte, em histórias como a de Eneias (personagem de *Iliada*, de Homero), no périplo de Ulisses (personagem de a *Odisseia*, de Homero), nos textos de Dan Alighieri autor de *A Divina Comédia* (Dias, 2005; Trigo, 2013).

Heródoto tinha muita curiosidade e foi uma das poucas figuras que pode empreender longas viagens. A maior parte do que se conhece sobre as viagens clássicas gregas provém dos escritos de Heródoto, considerado como o primeiro narrador de viagens (Yasoshima, Oliveira, 2002). As viagens dos gregos eram feitas por motivos diversos, entre eles o turismo religioso de peregrinação, o turismo de saúde e a decorrência dos jogos olímpicos (Yasoshima; Oliveira, 2002), mas também praticavam viagens em busca de adquirir conhecimentos, sendo que essa prática é o que hoje entende-se por turismo cultural (Dias, 2005).

Os romanos também foram uma civilização de muitas viagens, especialmente porque foram facilitadas pelo desenvolvimento das estradas. Esses viajantes tinham grande interesse pela história grega e percorriam templos e sítios famosos à época, como por exemplo o lugar onde dormiu Alexandre, o Grande e a casa onde viveu Sócrates, visitavam as Pirâmides, a Esfinge e o Vale dos Reis, semelhantemente ao que fazem os turistas até os dias mais atuais (Yasoshima; Oliveira, 2002).

O nomadismo era traço marcante da sociedade medieval, até aproximadamente o século XII, e repercutia nas incessantes viagens, demandas e busca de aventuras de boa parte da literatura da época, expressamente através de histórias da cavalaria (Barbosa, 2002). O estudante judeu Benjamin de Tudela foi o primeiro viajante medieval a alcançar o oriente e relatou a experiência de 13 anos de viagem em um escrito em hebraico através da Europa, Pérsia e Índia (Barbosa, 2002).

Outro contexto que demarca os relatos de viagens são as peregrinações de caráter religioso. As viagens dos peregrinos cristãos eram de caráter religioso e tinham como destino a Terra Santa, Roma, Jerusalém, Santiago de Compostela e Canterbury e constituía-se em destinos com aspectos simbólicos marcantes e significava empreender uma caminhada espiritual (Barbosa, 2002).

Durante essa época também se registrou a emergência dos livros de viagem. O clássico *Travels*, de Sir John Mandeville, publicado em 1357, foi traduzido para nove idiomas e seu sucesso perdurou por mais de um século (Yasoshima; Oliveira, 2002).

No século IX, com a descoberta da tumba de Santiago de Compostela, houve peregrinações de jacobitas para o local e, em 1140, o peregrino francês Aymeric Picaud escreveu cinco volumes contando as histórias do apóstolo, congregando um roteiro de viagem partindo da França, podendo ser considerado o primeiro guia turístico impresso (Barretto, 2003).

Ainda em relação à Compostela, guardado na Catedral de Santiago está o Código Calistino, um manuscrito que data de meados do século XII e é composto por 5 livros, sendo que o quinto livro denomina-se Livro do Peregrino e trata-se de um guia com informações e indicações para que o peregrino possa realizar a sua viagem a Santiago (Trigo, 2013). Tão conhecido é o caminho de Santiago de Compostela que rendeu guias e livros e se tornou também composição de relato de viagem no livro intitulado *O diário de um mago* (1987), de Paulo Coelho, e se tornou um dos primeiros sucessos globais do escritor (Trigo, 2013).

Quanto às peregrinações religiosas, Trigo (2013) relata que um dos maiores tesouros da literatura medieval de viagens foi organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa. A instituição catalogou os relatos ibéricos das peregrinações à Terra Santa, realizados ao longo do século XVI E XVII, tornando possível estudos aprofundados acerca das viagens da época.

O contexto grego legou a Odisseia e, por outro lado, o mundo judaico legou o Genesis que, de acordo com Trigo (2013), foram os dois livros que mais inspiraram artistas, religiosos e místicos do ocidente. Abraão viajou em busca da Terra Prometida, aos 75 anos de idade, diferentemente por exemplo de Jacó e Davi que viajaram em plena juventude, tais viagens

iniciáticas, características de uma religião monoteísta estão descritas no Antigo Testamento (TRIGO, 2013).

Os exploradores de vários países, tanto ocidentais como orientais, em diferentes espaços-tempo, percorreram mares e terras, mapearam territórios, descreveram paisagens e hábitos, muitos morreram ao longo das viagens, mas os sobreviventes legaram relatos, fotos, filmes e mapas de todo o planeta (Trigo, 2013, p.127)

Já o século XV é demarcado pelas viagens transoceânicas protagonizadas por portugueses e espanhóis (Barretto, 2003), caracterizadas pela descoberta de novos continentes, a partir da visão eurocêntrica. A explosão das viagens marítimas são o destaque desse período, ainda que outras grandes navegações já tivessem sido feitas no período da Idade Média, como por exemplo, “no século XI, os *vikings* já haviam navegado até a América do Norte; no século XIII e Marco Polo explorara as rotas da Ásia” (Yasoshima; Oliveira, 2002, p. 37).

Nesse sentido, Marco Polo foi um viajante exemplo que transmitiu a posterioridade a profusão de conhecimentos sobre os povos e costumes orientais através de relatos de viagem. Há indícios de que as narrativas de Marco Polo influenciaram as viagens de Henrique o navegador, fundador da mítica Escola de Sagres, e de Cristóvão Colombo (Barbosa, 2002), este último foi uma das figuras de destaque das viagens transoceânicas do século XV e XVI.

Os antecedentes das viagens modernas podem ser compreendidos como viagens de caracteres diversos, a depender do espaço-tempo e das culturas que as realizavam, sem a percepção de uma organização sistemática de roteiro, mas percebe-se que as cartas, relatos escritos e os livros de viagem foram expressamente um meio de comunicar o fascínio das viagens. Assim, em termos culturais, as viagens difundiram-se inicialmente pela literatura (Trigo, 2013).

Contudo, foi a partir do Renascimento que se percebe a amplificação das viagens, especialmente as de caráter cultural, período do *Grand Tour*.

4.1.2 O *Grand Tour* e os diários de viagem

As viagens são parte da história da humanidade. Os deslocamentos sempre acompanharam o desenvolvimento humano e fazem parte da condição humana. Os antecedentes dos deslocamentos estão pautados em motivos diversos, mas, especialmente, o Renascimento europeu, período que compreendeu os séculos XIV ao XVII, reformulou a vida dos povos, incitando a modernidade a partir de um movimento cultural, político e econômico (Brodsky-Porges, 1982; Barbosa, 2002; Yasoshima; Oliveira, 2002).

Esse contexto resultou em um renascimento das cidades e na prosperidade das artes e da literatura. A partir dessa ótica, o renascer europeu contribuiu para o desejo de percorrer o mundo e a realizar viagens culturais, com a finalidade de estudos e experiências (Yasoshima; Oliveira, 2002).

A Renascença contribuiu sobremaneira para que a classe aristocrática, abrangendo professores, artistas, intelectuais e futuros ocupantes de cargos políticos desejassem se deslocar, explorar, descobrir e experienciar terras europeias. Esse movimento de viagens de cunho social e cultural ficou conhecido como *Grand Tour*. O circuito realizado na Europa Ocidental foi um dos períodos mais consideráveis na história do turismo e mobilizava uma elite social a um tour em busca de cultura e educação (Towner, 1985).

Essas viagens aristocráticas, típicas da cultura europeia, tinham como arcabouço a “busca de deleite e emoção, visando ao aprimoramento pessoal e fundadas em categorias de apreciação estética” (Salgueiro, 2002, p. 290), viagens realizadas principalmente, ainda que não exclusivamente, em busca de aprendizagem e prazer (Towner, 1985).

O *grand tourist* surge em um contexto histórico consecutivo ao Iluminismo e Revolução Industrial. Nesse período “o viajante passou a ser, pela primeira vez, um turista associando o lazer e a ânsia de conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes” (Milheiro; Melo, 2005, p.116).

Não há um consenso exato sobre as rotas vivenciadas pelos *grand tourists*, ainda assim, essas viagens oportunizaram diversos destinos no contexto europeu ocidental. Segundo Yasoshima e Oliveira (2002), eram propostos dois circuitos: o primeiro, intitulado *Petit Tour*, abarcava Paris e o sudoeste da França e o segundo, intitulado *Grand Tour* abrangia também o Sul, sudeste e a Borgonha. Barretto (2003) reforça que não existe apenas uma versão, ainda assim esclarece que, no século XVIII a publicação de um guia divulgava o *Petit Tour* pelo Vale do Loire e o *Grand Tour* estendia-se por Bordéus, Provença, Lyon e Paris. Milheiro e Melo (2005) indicam que o *Grand Tour* contemplava Paris e o Sul de França, os Países Baixos, os Alpes, Viena, Praga e Itália. Para López Martínez (2015), o itinerário mais comum realizado incluía Paris, norte da Itália, Florença, Roma, Nápoles, Suíça e, às vezes, a Alemanha, em um período que durava em torno de dois a três anos.

De toda forma, o *Grand Tour* tinha o propósito de desenvolver uma nova classe de indivíduos para o exercício de cargos políticos, militares ou civis e tornar-se membro da classe dominante e se colocasse à serviço do país, igreja e sociedade e, para que os jovens ingleses completassem a formação necessária, propunha-se então essa viagem de caráter formativo (Brodsky-Porges, 1982; Barbosa, 2002; Barretto, 2003; Trigo, 2013).

Figuras de destaque viveram esse momento, a saber Joseph Addison, Joachin Winckelmann, Horace Walpole, Thomas Gray e Johann Wolfgang von Goethe (Salgueiro, 2002). Esses e demais *grand tourists* faziam “culto ao sublime” e, segundo Salgueiro (2002), havia uma sensibilidade especial à essas figuras, pois permitiam-se vivenciar emoções que seriam transportadas para seus relatos escritos e registros visuais. As visitas aos lugares eram facilitadas por amigos e pessoas familiarizadas com os lugares, que se transformavam em oportunos guias nas cidades visitadas.

As viagens de formação exigiam preparo antecipado, com acompanhamento de um tutor, contatos com lugares, conhecimento de idiomas e uma análise das sociedades e culturas a serem visitadas. Cada viagem tinha caráter singular e dependia de diversos fatores para que o indivíduo chegasse às cidades, como a origem da rota, os trajetos, meios de transporte e condições climáticas. (Salgueiro, 2002; Trigo, 2013).

O tutor ou professor era desejável na execução das viagens e implicava que essa figura tivesse experiência no país visitado para que pudesse explicar a cultura e seus costumes. Reconhecidamente um desses tutores chamava-se Richard Lassels, escritor do livro *An italian voyage*, publicado em 1679 (Barretto, 2003).

As viagens do *Grand Tour* visavam questões culturais como a visita a galerias de arte, museus, capelas, igrejas e mosteiros que possuíam obras do renascimento e a visita a obras de artistas célebres. De acordo com Trigo (2013), um dos principais *grand tourists* foi James Boswell, que elaborou um diário de suas viagens e experiências e outro guia especializado em auxiliar os viajantes, intitulado *Grand Tour*, foi escrito por Thomas Nugent e publicado em 1749 com indicações dos detalhes a serem observados na viagem

Neste contexto, os destinos e lugares visitados nestas viagens culturais foram narrados em diários de viagem pessoais dos *grand tourists* e são tidos como os primeiros textos sobre viagens (Barbosa, 2002; Quinteiro; Baleiro, 2019). De acordo com Salgueiro (2002, p.297), “a preparação para a viagem constituía-se inclusive de leituras prévias de obras célebres de autores antigos e renascentistas influentes nas artes e na arquitetura”. O êxito do *Grand Tour* impulsionou o aparecimento da literatura de viagem, e, conseqüentemente, essas publicações serviram para despertar o interesse das pessoas em viajar e de conhecer os lugares descritos nessa literatura (Barbosa, 2002; Milheiro; Melo, 2005).

A produção escrita era um dos propósitos do movimento das viagens culturais:

O objetivo do *Grand Tour* de ampliar o conhecimento sobre a história e a arte dos antigos, um hábito aristocrático e altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados. A

escrita do diário e a ilustração faziam parte de um ritual metodológico que ia se impondo, cujo ponto alto era a sua publicação, ao retorno do viajante, o que ampliava o conhecimento e despertava o interesse dos leitores para novos projetos de viagem e novos conhecimentos. A publicação conferia também bastante prestígio ao autor, que procurava referir-se a passagens históricas e a textos da literatura clássica para estabelecer relações com o que era visto no ato da viagem, pois isso denotava um saber em moda e compartilhado com o público leitor (Salgueiro, 2002, p. 301).

Os diários de viagem foram transformados em livros ou publicados em jornais da época e continham passagens escritas que exaltavam as paisagens, o patrimônio histórico e cultural e a gastronomia e esclareciam sobre as hospedarias, os meios de transporte e a rota da viagem (Barbosa, 2002; Salgueiro, 2002). Assim, a fonte primária de informações sobre as viagens dos *grand tourists* são os próprios diários de viagens e manuscritos publicados (Towner, 1984).

A narrativa proveniente dos diários de viagens caracteriza-se pela descrição da viagem e, além de outros gêneros, também compõem a literatura de viagens. Este gênero, segundo Quinteiro e Baleiro (2019), é abarcado pelo conjunto de textos da literatura de turismo que, para além da narrativa de viagem, tem a capacidade de motivar leitores a realizar a viagem. Autores como Hendrix (2014) e Quinteiro e Baleiro (2019) expressam a dificuldade em distinguir a literatura de viagem e a literatura de turismo, mas compreendem que não existem fronteiras entre gêneros literários e tampouco os gêneros que se debruçam sobre o turismo são excludentes.

A literatura de turismo ou *travel literature* é um gênero de texto em crescimento, pois esses trabalhos têm o poder de influenciar em decisões, motivações e expectativas dos turistas, especialmente antes da viagem. A literatura de turismo oferece uma representação literária do espaço e agrega valor a esse lugar como atração turística (Hendrix, 2014; Quinteiro; Baleiro, 2019). A viagem literária pode ser motivada por textos ficcionais, como também por outros gêneros literários, como a poesia e textos biográficos.

De acordo com Hendrix (2014), textos que foram concebidos para explicitar e valorizar os lugares sempre existiram e suas narrativas representam os lugares visitados concebendo valor turístico, como exemplos o autor indica o livro *Ulisses*, de Homero, cujo poema é composto por uma elaborada representação dos locais visitados pelo protagonista, semelhante acontece com romances de Rousseau e Scott que evocaram lugares na Escócia e, conseqüentemente, desencadeou um numeroso turismo para os locais descritos nas obras (Hendrix, 2014).

Hendrix (2022) explica que quando o turismo serve como ferramenta para a imaginação literária, existe a produção de textos cunhados como “literatura turística”, dentro da categoria mais abrangente da “literatura de turismo”, esses textos constituem um subgênero determinado por sua relação explícita com as práticas turísticas.

Portanto, os guias de viagem, ainda que não apenas deste, podem também fazer parte do gênero da literatura de turismo, ainda que em dado momento tenham se transformado em textos compostos de exaustivas listas de lugares a serem visitados, opções de hospedagens, transporte e alimentação, os seus primórdios remontam ao *Grand Tour* que, para além de informações básicas, eram verdadeiros relatos de diários de viagem que construíam, através das descrições minuciosas, uma imagem positiva e apelativa dos lugares visitados (Barbosa, 2002; Salgueiro, 2002; Quinteiro; Baleiro, 2019).

Segundo Quinteiro e Baleiro (2019), os guias de viagem são retratos fiéis à época no tangente à história social, política e econômica como também ao turismo. Como exemplos dos guias de viagem que transcendem o caráter informativo pode-se citar: *Lisboa: O que o turista deve ver* (1925), de Fernando Pessoa, como o *Guia de Ouro Preto* (1938), de Manuel Bandeira.

Von Goethe, reconhecido como um dos principais escritores da literatura alemã, por exemplo, visitou a Itália no período de 1786 a 1788 e, em *Viagem à Itália*, relatou sua experiência no país, incorporando, para além de uma narrativa de viagem e registro autobiográfico, um relato de desenvolvimento pessoal com mudanças intelectuais profundas (Maas, 2017; Guidotti, 2012). *Viagem à Itália* relata a experiência de viagem do escritor, porém houve longo espaço temporal entre a viagem e o arranjo da publicação no seu formato completo e, ainda que reorganizado posterior à viagem, a obra é escrita com a narração em tempo presente, indicando local e data da visitação aos lugares, sugerindo que Goethe quis ceder caráter fidedigno e testemunhal às experiências e, que, para além de uma narrativa de viagem e registro autobiográfico, o guia é um relato de desenvolvimento pessoal com mudanças intelectuais profundas (Maas, 2017; Guidotti, 2012; Guimarães, 2017).

O livro *Lisboa: o que o turista deve ver*, de Fernando Pessoa atua como um guia turístico, mas para além da informação e listagem de locais a serem visitados na cidade de Lisboa, o poeta também tem como pretensão dignificar a cidade perante os olhos estrangeiro e engrandecer a capital portuguesa. O narrador é também a figura de um guia e em seu texto dá enfoque na apresentação de fragmentos da paisagem, da história, da arte e da cultura lisboeta, sem dar espaço para a narração de experiência pessoais (Santos, 2009; Cabral, 2012; Lopes; Baleiro; Quinteiro, 2017; Quinteiro; Baleiro, 2019).

O *Guia de Ouro Preto* surge como uma publicação para reforçar a identidade cultural brasileira e surge como uma ao imperialismo português numa tentativa de encontrar a essência cultural do Brasil. O guia de Manuel Bandeira concentra-se nas informações do passado, assim, a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais é descrita pela ótica dos anos de colonização, da corrida ao ouro dos inconfidentes. A construção narrativa está pautada na imagem da cidade

para a atração do olhar do turista que remonta a uma cidade no período colonial (Lopes; Quinteiro; Baleiro, 2017; Romano, 2019).

A literatura de viagens praticável pelos guias de viagens que aludem ao *Grand Tour* e se estendem pela literatura mundial em diferentes contextos são percebidos como os primeiros indícios da literatura exercendo motivação e desejo de viagem nos leitores. Os guias de viagem podem compor, além de outros, a literatura de turismo, que é essencialmente aquela que tem aptidão de incentivar uma viagem turística e são indicativos de que a literatura serve como inspiração turística, remontando épocas e contextos históricos há mais de 300 anos.

Para além dos guias que compõe o gênero, cabe indicar que a literatura de viagem é um gênero em crescimento e, portanto, muitos outros modelos textuais podem incitar uma viagem literária, pois

(...) as obras têm o poder de influenciar as decisões, motivações e expectativas dos turistas, principalmente antes da viagem. O fato de muitos livros de viagem serem *best-sellers* confirma isso. Os livros de viagem podem conter narrativas baseadas em aventura, natureza ou cultura, bem como adotar uma abordagem que considere o destino como um todo em todos os seus aspectos. Além dos livros de viagem, guias, revistas, jornais e sites da internet são outros exemplos (Çevik, 2022, p. 99).

Como atualização mais recente acerca dessa discussão do binômio literatura-turismo, Hendrix (2022) explica que quando o turismo serve como ferramenta para a imaginação literária, existe a produção de textos cunhados como “literatura turística”, dentro da categoria mais abrangente da “literatura de turismo”, esses textos constituem um subgênero determinado por sua relação explícita com as práticas turísticas. Isto pode ser entendido como poetas e escritores que se comportam como turistas enquanto escrevem suas obras e fazem uso de suas experiências pessoais como escopo narrativo.

Inspirados por essa prática, locais podem até mesmo transformarem-se em paisagens diversas ou paisagens urbanas literárias, tendo em cona que a exploração cultural e comercial depende das indicações fornecidas nos textos literários que engendram tais locais na mente coletiva e podem, portanto, cunharem a “literatura turística” (Hendrix, 2022). Percebe-se, enfim, a estreita relação entre literatura e turismo e suas imbricações que decorrem desde os diários do *Grand Tour*.

4.1.3 Movimento Romântico

Em decorrência da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, as viagens por lazer no espaço europeu cessaram, e esse movimento histórico de viagens foi interrompido. A

partir do século XVIII, com a retomada dos deslocamentos e as transformações estruturais ocasionadas pela Revolução Industrial, as viagens tiveram seus formatos alterados. O turismo se desenvolveu e se consolidou, com novos formatos de viagem e viajantes. (Rejowski *et al.*, 2002; Salgueiro, 2002; Milheiro; Melo, 2005).

Já no século XIX, emerge na Europa uma alta sociedade e profissionais liberais, que conquistaram pela via das Revoluções antecedentes, tempo livre de descanso e meios financeiros para realizar viagens. As mudanças econômicas e sociais, a migração rural dos trabalhadores e as novas tecnologias de transportes propiciam a realização de viagens, ainda que com motivações distintas daquelas da ânsia pelo conhecimento que demarcaram o *Grand Tour* renascentista. As viagens deste período são caracterizadas pelo distanciamento das cidades e dos frios rigorosos em busca de paisagens e climas amenos (Rejowski *et al.*, 2002; Santos, 2017).

A revolução industrial é também um marco do surgimento do que se considera um turismo moderno (Meneses, 2006). O turismo moderno emerge de um ambiente romântico de descobertas e de construção de valores para memoriar o passado. A origem histórica decorrente da Revolução Industrial, Revolução Francesa e Romantismo engendra o turismo moderno em um formato essencialmente cultural (Meneses, 2006). Assim, “após os séculos de viagens de comércio, exploração e peregrinação, expedições militares e científicas, aventuras e riscos incalculáveis em terras desconhecidas, surgiu, a partir de meados do século XIX, o turismo organizado nos moldes em que é hoje entendido e oferecido para consumo” (Trigo, 2013, p.130).

Nesse cenário de mudanças comportamentais derivadas de uma nova construção social, percebe-se um considerável crescimento na busca por informes sobre o passado e bens que os documentem, como um repertório de salvaguarda da cultura que se quer conhecer e valorizar. Busca-se, no sentido de uma herança cultural e identitária, reconhecer um patrimônio memorialística identificados por espaços e edificações, que passam também a ser explorados economicamente pelo turismo. Como outro exemplo, tem-se a literatura de viagem, que foi evidenciada no período do *Grand Tour* e que tem um crescimento no século XIX (Meneses, 2006)

O desenvolvimento acelerado do turismo moderno começa a partir de 1870 do século XIX por toda Europa pela dedicação ao lazer, é indica por Pereiro e Fernandes (2018, p. 184) como “o tempo do romantismo, uma época na qual se glorificou a natureza e a paisagem, algo que também contribuiu para o desenvolvimento do turismo”.

Neste novo contexto, há uma preocupação mais humanista e o turismo a se caracterizar educativo e com interesse cultural (Barretto, 2003). “A burguesia em ascensão também aderiu à construção ou compra de casas no campo e, para além do fator da saúde, o movimento do Romantismo na arte e na literatura estimulou o interesse pela natureza, cenários e montanhas” (Rejowski *et al.*, 2002, p.53).

Para além de uma escola, Kunz e Castrogiovanni (2021) escrevem que o Romantismo é uma visão de mundo que se difundiu pela Europa e se funde atrelado à ascensão burguesa e em vias de independência. Demarca-se também a etapa do chamado turismo romântico, cujas viagens buscavam ar, montanhas e natureza (Barretto, 2003). Em suma, esse movimento artístico-literário localiza o nascimento da Europa na Idade Média e busca valorizar esse período histórico e suas construções (Meneses, 2006, p.38)

Em caráter de mimetização dos hábitos aristocráticos, o romantismo divulga às burguesias ascendentes um turismo que reforça o gosto pela natureza e curiosidade pela vida de outrem (Santos, 2017). Anteriormente, a viagem era legitimada como uma busca séria por informação ou educação, mas nas últimas décadas do século XVIII, geralmente se tornou uma forma de fuga privada, subjetiva, emocionalmente carregada e recreativa (Smith, 2013).

Agora, a viagem é um estímulo para tirar partido das virtualidades relacionais cénicas com a natureza e torna-se a pedra angular de uma nova lógica do desenvolvimento de formas culturais socializáveis. Com ela, aprecia-se a libertação das formas, a leveza, o pitoresco, o exótico, de modo impressionista, no contexto de produções literárias que catapultam o romance para espaços de regresso às raízes, em busca de identidades perdidas.” [...] Numa cultura que eleva o sujeito à sua máxima potência, o *sightseeing* turístico do movimento romântico burguês dos séculos XVIII e XIX inaugura a incorporação do olhar à subjetividade, explorando novos fundamentos para as transformações do gosto. De tal forma a imaginação se coagula na exaltação do espaço, que os ‘objetos’ promovidos à existência estética impregnam as atitudes relativamente à viagem turística. O ‘juízo do gosto’, elevado a esfera de competência estética, passa a associar-se à contemplação, à apreciação, à percepção, ao sentimento e à fruição, remetendo a razão para o lugar onde convergem as afeções que dão expressão à realidade subjetiva (Santos, 2017, p. 297; 298).

Santos (2017) esclarece ainda que a viagem turística situada no contexto do movimento romântico se torna uma prática social ativa, através da recuperação do patrimônio cultural, um encontro com o passado conservado no formato de monumentos. Em suma, “A trajetividade romântica sedimenta o estatuto imaginário da história, onde domina o eixo temporal, que se cruza nos relatos de passeios turísticos com abundantes anotações dos lugares e das paisagens” (Santos, 2017, p. 303).

De acordo com Smith (2013), o turismo é altamente influenciado por práticas culturais e desenvolvimento tecnológico. No que tange a história do turismo literário, talvez o mais influente movimento tenha sido o Romantismo, bem como a Revolução Industrial, esta última

relacionada não só a inovações em transporte, mas especialmente aos avanços na indústria e impressão e publicação.

O Romantismo divulga o turismo entre as burguesias ascendentes, desejosas de mimetização dos hábitos da aristocracia. Difundem-se, portanto, os deslocamentos de viajantes que exploram, a serviço das cortes reais, o continente africano e americano. “As viagens interpelam escritores, poetas e filósofos para o empreendimento da aventura de viver a sua própria história, numa experiência pessoal e cenários reais” (Santos, 2001, p. 200).

Um dos elementos importantes na invenção moderna do turismo foram a contribuições fornecida pelos escritores que contribuíram para a criação de um desejo coletivo na busca pelo estranho, desconhecido e até mesmo exótico (Pereiro; Fernandes, 2018).

A literatura romântica contribui para a valorização de construções do passado e estimula a viagem. Romances célebres, como *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, fundamentam-se nessa busca e revivência do passado, no exotismo, no fantástico, e se apoia no valor históricos das construções materiais frente aos novos valores do capitalismo industrial (Meneses, 2006).

Pereiro e Fernandes (2018) recordam outros exemplos literários como Stendhal, que em 1838 escreveu *Memórias de um turista*, texto resultante de suas viagens pela Itália e França, e Almeida Garret. Estes e outros autores, enquadrados num nacionalismo romântico deram lugar ao gosto pelo conhecimento de lugares diferentes e à escrita de guias e itinerários de viagens. Além disso, fomentaram a viagem como possibilidade de aprendizagem cultural (Pereiro; Fernandes, 2018).

Considerando as mudanças induzidas pelas transformações sociais e econômicas, promoveram a disseminação da leitura entre o público de classes médias e mulheres e, conseqüentemente, auxiliou na divulgação dos ideais do movimento romântico. No centro do Romantismo protagonizaram escritores como Percy Bysshe Shelley, William Wordsworth, Lord Byron, Victor Hugo, François Chateaubriand, Johan Wolfgang von Goethe e Friedrich Schiller. Cada um destes escritores veio a integrar-se no domínio do turismo literário (Smith, 2013).

O Romantismo também levou a mudanças gerais nas sensibilidades turísticas e nas práticas e sentimentos dos turistas literários. A década de 1780 testemunhou uma onda de interesse nas sepulturas dos escritores, especialmente por parte dos turistas britânicos. De modo geral, durante a era romântica, houve um movimento de saída tanto no pensamento cultural quanto nas viagens físicas para locais considerados mais naturais e autênticos relacionados a escritores e suas obras literárias. Especialmente o sentimento de autenticidade motivou

visitações a outros locais relacionados aos autores, como locais de nascimento, casas e refúgios (Smith, 2013).

O Romantismo se ampara nos monumentos históricos e numa narrativa literária que é construída de forma simbólica no espaço e tempo, e permite um princípio de transformação do significado e propósito da viagem (Santos, 2002; Meneses, 2006). Esse contexto é permeado de valorização da arte e ideias românticas de identidade e revelação de saberes e fazeres humanos (Meneses, 2006).

A constituição do turismo literário, especialmente no século XIX no contexto Europeu, deu-se muito em razão das tendências sociais e culturais como o desenvolvimento dos meios de transporte e do Movimento Romântico, cujo interesse pela paisagem, exaltação da emoção, da imaginação e do sublime geraram fascínio pelos altares e, conseqüentemente, motivou visitas aos lugares que inspiraram escritores célebres (Baleiro; Viegas; Faria, 2022). Assim, o romantismo foi um movimento que impactou a sociedade, a cultura e construiu pontes entre a literatura e o turismo.

4.2 CULTURA E TURISMO: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA

Durante grande parte do século XX turismo e cultura foram entendidos como aspectos díspares de um local. Os recursos culturais eram compreendidos como parte constituinte do patrimônio cultural de um destino, majoritariamente relacionados à educação da população local, por exemplo. Por outro lado, o turismo era compreendido como uma atividade relacionada ao lazer, desassociado da vida e da cultura da comunidade local. Apenas em meados de 1980, é que o turismo cultural passa a tomar forma e torna-se uma fonte de desenvolvimento econômico para os destinos (OECD, 2009).

A articulação entre cultura e turismo foi estimulado por diversos fatores, a saber: o interesse crescente na cultura por parte demanda turística em conhecer em detrimento de uma globalização, os níveis de crescimento do capital cultural, um consumo com foco no desenvolvimento pessoal e um desejo por experiências, bem como o crescimento da importância da cultura imaterial, o desenvolvimento do turismo cultural, aumento da oferta cultural resultante do desenvolvimento regional e a acessibilidade à informações sobre turismo e cultura decorrentes das novas tecnologias, entre outros fatores (OECD, 2009).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (*Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD, 2009) indica que como resultado desse cenário de mudanças, a cultura passou a ser incluída como um aspecto dos produtos turísticos

e das estratégias dos destinos turísticos, da mesma forma que o turismo passou a incorporar as estratégias de desenvolvimento cultural, a partir do suporte ao patrimônio cultural de um local.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2018), nas últimas décadas, o turismo e a cultura tornaram-se indissociavelmente ligados em parte devido ao aumento do interesse pela cultura, particularmente como fonte de identidade local face à globalização, ao crescimento do turismo e à acessibilidade facilitada aos bens e experiências culturais.

O relatório da OMT intitulado *Cultural Heritage and Tourism Development* (2001 apud OMT, 2018, p.14) já indicava as sinergias entre turismo e cultura e argumentava que: “cultura e turismo têm uma relação simbiótica. Artes e ofícios, danças, rituais e lendas que correm o risco de serem esquecidos pela geração mais jovem podem ser revitalizados quando os turistas demonstram grande interesse por eles. Monumentos e relíquias culturais podem ser preservados com recursos gerados pelo turismo”.

Mais recentemente, as mudanças decorrentes dos estilos de vida, do surgimento ou reconstrução de novas formas de cultura e criatividade e do aparato das tecnologias permitem que a sinergia entre cultura e turismo seja reforçada. O valor imensurável da cultura constitui-se em um dos ativos mais importantes para o fenômeno turístico e, semelhantemente, o turismo pode contribuir na promoção e conservação do patrimônio material e imaterial, encorajando o desenvolvimento de artes, ofícios e outras atividades criativas (OMT, 2018).

O turismo como um fenômeno que se expressa coletivamente e, a partir de motivações pessoais, urge motivadores coletivos, como é o caso do turismo cultural que se estrutura por meio do conhecimento de recursos de origem cultural (Costa, 2009).

A cultura permeia as agendas de discussão das cidades, regiões e territórios cuja lente global enfatiza a dimensão tecnológica da cultura, todavia, considerando as perspectivas locais a cultura assume lugar primordial como capital social e permite reflexões acerca da identidade de um espaço local, oportunizando confiança e cooperação para a produção de bens culturais (OECD, 2018).

O patrimônio cultural é a essência do turismo cultural e decorre de um papel educativo, culminando no contato do indivíduo com o seu assunto de interesse, seja um monumento histórico, um tipo de artesanato ou a literatura (Dias, 2006). Assim, o objeto do turismo cultural é formado por elementos culturais, sejam estes de natureza material ou imaterial (Costa, 2009).

O Ministério do Turismo (2006) define que o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Dessa forma, a cultura e seus diversos desdobramentos são a base do turismo Cultural. Pintura, escultura, teatro, dança, música, gastronomia, artesanato, **literatura**, arquitetura, história, festas, folclore, entre outros, formam uma combinação que permite a vivência da diversidade cultural brasileira (Ministério Do Turismo, 2010, grifo nosso).

Em meados de 1990, o turismo cultural se fortaleceu globalmente como um segmento importante (Richards, 2021). Em termos de definição, a UNWTO (2017) o estabeleceu como:

Um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experienciar e consumir atrações/produtos culturais tangíveis e intangíveis em um destino turístico. Essas atrações/produtos se relacionam a um conjunto de características materiais, intelectuais, espirituais e emocionais distintas de uma sociedade que engloba artes e arquitetura, patrimônio histórico e cultural, patrimônio culinário, **literatura**, música, indústrias criativas e as culturas vivas com seus estilos de vida, sistemas de valor, crenças e tradições (UNWTO, 2017, grifo nosso).

Assim, o turismo cultural considera o legado cultural como atrativo e ao mesmo tempo que o torna atraente ao turista deve ajudar a preservá-lo (Meneses, 2006). Nesse contexto, considerando a cultura e seus diálogos com o patrimônio, as cidades, os monumentos e a memória, ressalta-se que esta pode assumir um papel no que tange o desenvolvimento local.

A gestão correta do turismo cultural permite a preservação de uma herança cultural bem como um meio para o desenvolvimento econômico local, além da obtenção de recursos para a preservação do patrimônio, manutenção de lugares e manifestações (Goodey, 2002; Dias, 2006).

A variedade de elementos que constituem o patrimônio cultural, para usufruto do turismo é enorme e, por isso, alguns estudiosos partiram para a criação de “sub tipologias” do turismo cultural, como por exemplo o turismo patrimonial, o turismo gastronômico e o turismo literário, entre outros (Costa, 2009). A valorização da cultura por meio do turismo cultural tem seus desdobramentos nos segmentos turísticos abarcados por essa abordagem, como por exemplo o turismo gastronômico, étnico, cívico, religioso entre outros (Ministério Do Turismo, 2010; UNWTO, 2017).

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2015, p. 71) indica que “os nichos com maior desenvolvimento são aqueles ligados ao turismo patrimonial, turismo de arte, turismo de festivais e, sobretudo, indústrias culturais e criativas, sendo que este último abarca como o turismo de artesanato, turismo cinematográfico, turismo linguístico, turismo literário, turismo culinário e turismo de música e dança, entre outros”.

De toda forma, o fenômeno do turismo cultural é constituído de roteiros culturais, que têm o poder de ajudar no fomento do turismo cultural e criativo e impulsionar o desenvolvimento cultural, econômico e social através da gestão turística responsável do

patrimônio cultural, das artes e das indústrias culturais e criativas (OMT, 2015; Timothy, 2012; Tresserras, 2014).

O turismo cultural é viabilizado através da interpretação planejada e realizada junto à comunidade. Assim, por meio da interpretação do patrimônio, o lugar pode se expor de forma natural à apreciação do visitante, pois fala sobre si mesmo e explicita sua identidade (Freire; Leite, 2002).

Acrescido a isso, Goodey (2002) indica outros cinco elementos fundamentais: i) a interpretação do patrimônio, visando conhecimento aprofundando do bem e comunicando-o a partir das necessidades do olhar do visitante; ii) a percepção, buscando uma interpretação interativa, cujo visitante possa aprender mais com a experiência do lugar; iii) estabelecer vínculos locais, regionais ou nacionais para garantir uma compreensão do papel que o patrimônio desempenha em conjunto com outros lugares; iv) a essência do turismo cultural é a experiência, portanto, indica a necessidade de envolvimento prático do visitante; v) o que se propõe é a integração do patrimônio cultural com a vida moderna, os visitantes serão capazes de compreender a relação entre gente e o lugar.

Segundo Freire e Leite (2002, p.128), “a interpretação preocupa-se com a relação morador/visitante e propõe que todos usufruam de paisagens, objetos, monumentos e momentos de presença no lugar, ao invés de consumi-lo apressadamente, como algo descartável e de fácil substituição”. As diferentes motivações que levam o turista a se envolver na cultura de um destino também designam diferentes níveis de contato cultural e envolvimento do visitante com a localidade (Chen; Rahman, 2018).

A interpretação de um patrimônio contribui para a valorização da experiência do visitante bem como do próprio patrimônio. Assim, interpretar é o ato de comunicar, acrescentar valor a experiência de quem visita, fornecendo informações e representações que evidenciem a história e as características do lugar (Murta; Goodey, 2002).

Segundo Murta e Goodey (2002), a interpretação existe desde que os primeiros viajantes registraram suas impressões de viagem em diários e os monumentos comemorativos foram edificadas em espaços públicos. Assim, a interpretação sugere que o patrimônio revele significados, provoque emoções e estimule a curiosidade do visitante, além de conservar por meio da gestão que orienta o fluxo e a proteção do patrimônio.

Em suma, a interpretação é essencial para estabelecer uma comunicação afetiva com o visitante e contribui para a relação do turismo, com a preservação do patrimônio e o desenvolvimento cultural de comunidades locais (Murta; Albano, 2002).

Assim, a literatura e sua interrelação com a cultura expressam-se por meio do Turismo Literário, como um segmento englobado pela abordagem guarda-chuva do turismo cultural. As obras literárias podem ser interpretadas como testemunhos das raízes culturais e relações que vinculam uma sociedade a um determinado lugar ou paisagem (Lando, 1996). Frutos da relação entre turismo e cultural, expressadas pelo turismo literário, e apoiado por práticas de interpretação da literatura para conceder experiências significativas, são as Cidades Criativas da Literatura da UNESCO.

4.3 AS CIDADES CRIATIVAS DA UNESCO

A UNESCO, como esclarecido previamente, é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e tem como propósito contribuir para a paz e a segurança promovendo a cooperação internacional em educação, ciências, cultura, comunicação e informação. Os programas provenientes da organização contribuem ativamente para o alcance dos Objetivos Sustentáveis da Agenda 2030.

A UNESCO também promove datas comemorativas, como o Dia Mundial do Livro e do Direito Autoral. Todos os anos, no dia 23 de abril, celebram-se os livros e o prazer da leitura, reconhecendo o alcance dos livros - um elo entre o passado e o futuro, uma ponte entre gerações e entre culturas. Anualmente, uma cidade é escolhida como Capital Mundial do Livro para fomentar comemorações e incentivar o acesso aos livros.

No ano de 2022, Guadalajara, No México, foi nomeada como a Capital do Livro. A cidade, que já é uma Cidade Criativa de Artes Midiáticas desde 2017, foi selecionada por seu plano abrangente de políticas em torno do livro para desencadear mudanças sociais, combater a violência e construir uma cultura de paz. Acra, capital de Gana, foi a escolhida para as comemorações do ano de 2023.

Para a organização “no Dia Mundial do Livro e do Direito Autoral, principalmente em tempos incertos, devemos valorizar e defender os livros como símbolos de esperança e diálogo” (UNESCO, 2022). Assim, na busca pela defesa dos livros, valorização da criatividade, do acesso igualitário a cultura e ao conhecimento, as ações são propagadas pela Rede de Cidades Criativas.

A Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UNESCO Creative Cities Network/ UCCN), foi criada em 2004 para promover a cooperação internacional entre as cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável. As cidades que compõem a rede têm como objetivo fomentar a criatividade e as indústrias culturais e torná-

las elementos constituintes de seus planos de desenvolvimento em nível local (UNESCO, 2022).

Ao engajar-se com UCCN, as cidades passam a se comprometer em desenvolver parcerias que envolvam os setores público e privado e a sociedade civil. A partir da adesão, as cidades podem se fortalecer na criação e divulgação de bens culturais, desenvolver polos de criatividade e inovação, melhorar o acesso e a participação dos grupos e indivíduos da sociedade civil no que tange a vida cultural e integrar efetivamente a cultura e a criatividade em seus planos e estratégias de desenvolvimento local. A Rede contribui para alavancar a criatividade e inovação e compõem um alicerce para a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (UCCN, 2017).

A Rede abrange sete áreas criativas: Artesanato e Artes Populares, Artes de Mídia, Cinema, Design, Gastronomia, Literatura e Música. Objetiva-se para essas áreas criativas ações em nível internacional e local como: compartilhar experiências e conhecimentos; projetos-piloto, parcerias e iniciativas que associem setores público, privado e sociedade; programas de intercâmbio profissional e artístico; estudos, pesquisas e avaliações sobre a experiência das Cidades Criativas; políticas e medidas para o desenvolvimento urbano sustentável; e atividade de comunicação e sensibilização (UCCN, 2017).

A cultura e a criatividade contribuem na diversificação da economia e geração de empregos como também aumentam a qualidade de vida dos cidadãos, participando na construção social e na diversidade cultural de uma cidade (UNESCO, 2020). A Rede é atualmente (2023) composta por 246 cidades-membro dispostas em mais de 80 países que trabalham em conjunto com a missão de colocar a criatividade e as indústrias culturais como ponto central de seus planejamentos e trabalham transversalmente, especialmente em encontros comuns como reuniões internacionais e a Conferência Anual da Rede.

Em setembro de 2022, as Cidades Criativas da Literatura da UNESCO se reuniram em Melbourne, na Austrália, para o encontro anual da sub rede. O evento contou com a tradicional cerimônia dos aborígenes “Welcome to Country” e imersão na história do povo indígena da cidade. O encontro fortaleceu a cooperação internacional através de discussões e colaborações em projetos, além de uma agenda de passeios culturais e mesas redondas com o tema da economia criativa e turismo cultural.

práticas seriam muito elementares e tinham como motivação outras narrativas que não necessariamente as literárias (Quinteiro; Baleiro, 2019).

Hendrix (2008 *apud* Quinteiro; Baleiro, 2019; Baleiro; Viegas; Faria, 2022) afirma que a gênese do turismo literário remonta ao século XVI, quando peregrinos literários visitavam a casa de escritores, especialmente motivados pela admiração à obra e por ser local de memória dessas figuras, como por exemplo Francesco Petrarca. Contudo, mais intensamente, as casas de personalidades ilustres, nomeadamente escritores e artistas, têm sido lugar de visitação especialmente desde o início da idade moderna, quando viajantes as incluíram em seus roteiros de *Grand Tour* (Hendrix, 2020).

Os viajantes visitavam locais ligados aos escritores, como suas casas e sepulturas e, especialmente no contexto europeu, o fascínio por esses lugares foi impulsionado pelo Romantismo e pela experiência do *Grand Tour* (Baleiro; Viegas; Faria, 2022). Assim, ainda que haja registros que retratem práticas do turismo literário anteriores, o *Grand Tour* demarca o início da viagem com motivação literária (Quinteiro; Baleiro, 2019).

O século XIX marca o desenvolvimento do turismo literário, com a imponência e consolidação que os lugares literários correlatos à vida dos escritores exercem na viagem, e demarca cidades e regiões como sinônimos dos escritores, a saber: Stratford-upon-Avon de William Shakespeare; a Yorkshire das irmãs Brontë; a Londres de Charles Dickens; o *Lake District*, de William Wordsworth, entre outros (Quinteiro; Baleiro, 2019; Baleiro; Viegas; Faria 2022).

Até o século XX, as figuras dos escritores e os lugares de memória relacionados a eles representam a devoção dos visitantes e os locais que incluem em seus itinerários de viagem. Posteriormente, especialmente o século XXI, as práticas de turismo literário passam também a ser motivadas pelos textos literários (Quinteiro; Baleiro, 2019).

A relação entre turismo e literatura resultando numa prática turística, se deve, especialmente, ao desenvolvimento e transformações socioculturais e a promoção de uma prática que se afasta do turismo de massas para estreitar a relação com a cultura. Assim, a literatura alicerça o patrimônio cultural e artístico de uma sociedade, e propaga a cultura e o patrimônio, oportunizando-a em um determinado espaço-tempo (Oliveira, 2017; Castro, 2020).

A paisagem literária é um elemento capaz de potencializar um determinado local e diversificar a oferta do turismo, pois os lugares podem apropriar-se de personagens, escritores ou obras e associá-los a uma prática de turismo. Por essa razão, o turismo literário através da estruturação de produtos literário, apresenta-se como possibilidade de dinamização do consumo frente a um cenário tão diversificado do turismo (Diogo, 2021).

Nesse interim, o turismo literário é uma prática diferenciada, que pode contribuir para o desenvolvimento de uma localidade, pois pode contribuir na área econômica de uma região bem como na construção e fortalecimento de uma marca cultural e literária. Assim, o turismo literário tem também como papel a preservação das identidades locais, contrariando os efeitos de uma homogeneização (Castro, 2020).

Em termos conceituais, autores como Robinson (2002), Hoppen (2011), Magadán Diaz e Rivas García (2011) e Quinteiro e Baleiro (2019) compreendem o turismo literário como um nicho do turismo cultural. Por outro viés, Squire (1991) e Herbert (2001) compreendem o turismo literário como parte do turismo patrimonial e, ainda, Busby e Klug (2001, p. 316) relacionam a visita a lugares celebrados por livros e autores que denominam “*media-related tourism*”, isto é, turismo que se relaciona às mídias.

Robinson (2002) discorre que o turismo literário se caracteriza pela fusão com o cultural e, em consonância, Magadán Diaz e Rivas García (2011) indicam que é uma modalidade do turismo cultural. Por outro lado, Squire (1991) indicava no início dos anos 1990 que o turismo patrimonial estava em crescimento e que parte importante dele era o turismo literário. Ainda assim a autora esclarece que o turismo literário é um mediador da experiência cultural. Uma década após, Herbert (2001) buscou identificar as relações entre turismo literário e patrimonial, indicadas especialmente pelos significados atribuídos aos lugares literários e seu papel patrimonial na prática turística bem como a relação reflexiva entre os visitantes e o lugar.

Segundo Butler (2022, p. 79, tradução literal), o turismo literário é “motivado por um desejo dos participantes em experimentar as conexões literárias sobre um local, que pode estar relacionado com a casa de um escritor, ou de um personagem famoso da literatura, ou como cenário, real ou imaginário, em uma obra literária”.

Hoppen (2011) levanta a discussão acerca das diferenças entre turismo cultural e patrimonial, pontuando que ambos são praticamente iguais, apenas com a exceção do turismo patrimonial diferenciar-se apenas por estar mais interligado ao senso de lugar. Assim, o turismo literário pode ser considerado um nicho dentro de um nicho no campo mais amplo do turismo cultural e patrimonial, ou seja, o turismo literário se enquadra no turismo criativo que, por sua vez, se enquadra no turismo cultural e patrimonial (Hoppen, 2011).

QUADRO 2 - Classificações de turismo literário

Classificação segundo tipologias de turismo	Autores
Turismo cultural	Coutinho, Faria e Faria (2016) Fernandes e Carvalho (2018) Henriques e Henriques (2010) Hoppen (2011) Hoppen, Brown e Fyall (2014)

	Magadán Diaz e Rivas García (2011) Monteiro (2016) Neves (2010) Quinteiro e Baleiro (2019) Richards (2013) Andersen e Robinson (2002) Sardo (2008) (2009) Smith (2013) Valencia (2014)
Turismo patrimonial	Squire (1991) Herbert (2001) Hoppen, Brown e Fyall (2014)
Turismo de Interesse especial	Sosa (2013)
Turismo relacionado a mídias	Busby e Klug (2001)
Turismo criativo	Hoppen, Brown e Fyall (2014) Mintel (2011)

Fonte: Adaptado de PIRES (2020).

Pires (2020) elaborou o quadro de classificação do turismo literário de acordo com as várias tipologias de turismo, segundo a visão dos autores que estudam a temática. O quadro foi atualizado, inserindo outros pesquisadores e suas classificações. Assim, evidencia-se que há estudiosos que incluem o turismo literário como subcategoria do turismo cultural, outros como um nicho dentro de um nicho.

Quinteiro e Baleiro (2019, p. 34) definem que “para simplificar esta rede complexa de associações, o turismo literário é um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura”.

É também nesta conjuntura que este estudo se desenvolve, compreendendo a interconexão do turismo literário ao cultural e ao patrimônio correlato à literatura, como também admite a literatura como um fator da criatividade. Assim, o enquadramento que se compreende é do turismo literário desenvolvido no guarda-chuva do turismo cultural. Assim, suprida a discussão terminológica e as relações do turismo literário ao turismo cultural, cabe, portanto, entender do que se trata este tipo de viagem.

Para Shelagh Squire (1991), uma das pesquisadoras pioneiras nesse campo de estudo, o turismo literário envolve diferentes tipos de relações textuais e, mais especificamente, compreende a relação entre leitores e textos, textos e paisagens e leitores e lugares. “A relação entre produção cultural e consumo da qual derivam os circuitos de cultura também é parte integrante dos processos de turismo literário” (Squire, 1994, p. 106).

“O turismo literário é aquele que está associado a lugares celebrados por representações literárias e/ou conexões com figuras literárias” (Squire, 1996a, p. 119, tradução nossa). Squire (1996b, p.82) discorre ainda que o turismo literário é essa visita a “lugares celebrados por

vínculos com livros ou autores específicos e oferece outra maneira de esmiuçar essas relações entre textos e leitores, e os significados e valores culturais resultante de uma obra literária”.

Butler (2000) define o turismo literário como uma forma de turismo cuja principal motivação é a visita a localidades específicas relacionadas com um interesse literário, que pode incluir a visita a casas antigas ou atuais de autores vivos ou falecidos, lugares reais ou mítico descritos da literatura e localidades afiliadas com personagens ou eventos da literatura. Reforçando sua posição, Butler (2022, p. 79, tradução literal) estabelece que o turismo literário é “motivado por um desejo dos participantes em experimentar as conexões literárias sobre um local, que pode estar relacionado com a casa de um escritor, ou de um personagem famoso da literatura, ou como cenário, real ou imaginário, em uma obra literária”.

Segundo Tetley (1998), no campo do turismo literário, entende-se que um senso de lugar em uma obra literária tem o poder de promover e até mesmo iniciar um destino turístico, e pode derivar não apenas do texto literário, mas também do desejo de ver aspectos da vida real do autor. Para Sardo (2008), o turismo literário é um tipo de turismo cultural que se desdobra na descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores.

Diogo (2021, p.9) indica que “o turismo literário permite a um indivíduo viajar e conhecer lugares através dos olhares dos escritores, das suas vivências, dos seus feitos, inteirar-se de um meio com uma ligação profunda a um autor, obra ou personagem”. Assim, o turismo literário conduz, assim, o visitante pelas pegadas de um autor, de um universo ficcional, ou explora um território através de múltiplas perspectivas literárias (Fournier; Le Bel, 2018).

O turismo literário pode ser interpretado pela relação entre livros e turismo que, na prática, possibilita leitores se tornarem turistas dos lugares descritos nos textos ou dos lugares correlatos a vida do autor que os escreveu (Viñal Junior *et al.*, 2019).

A literatura exerce influência sobre os leitores e tem o poder de nos transportar a um novo mundo, seja real ou fictício, instigando o imaginário das pessoas, seja por meio das palavras, das características das personagens e contribui na formação do ser humano (Viñal Junior *et al.*, 2019).

Os turistas literários têm interesse pelos lugares que influenciaram as narrativas literárias como também pelos lugares criados a partir da escrita. Esse turista é interpretado por Sardo (2008) como aquele que pega um livro e parte à procura dos sítios literários. Para Namora (2017), o turista literário tem como principal motivação reviver emoções que experimentou através da literatura e deseja tornar essa experiência real. No entanto, esse turista não se limita àquela figura que lê, têm o imaginário instigado e parte em uma viagem para vivenciar o texto literário. Pode-se dizer que:

(...) um turista literário é aquele que se desloca ao local que foi descrito ou imaginado (se existir) numa obra, a fim de poder contactar diretamente com a realidade do autor ou com algum sítio onde ele viveu, ou ainda com locais que lhe prestem homenagem. É um turista que procura viver ou re(viver) – já as pode ter vivido através da literatura-experiências que preencham o desejo de se sentir mais ligado aos autores, ou aos locais a estes ligados (Pires, 2020, p.20).

Para Watson (2022), o turista literário é aquele indivíduo que viaja para lugares associados à vida de um escritor e/ou de seus escritos com a intenção de ampliar, estender e autenticar os sentimentos associados à experiência de leituras prévias.

O conceito de turista literário abarca diferentes perfis, como aqueles leitores ou estudiosos conhecedores do autor e da obra literária, aqueles que querem estabelecer uma conexão com o escritor, ou ainda aqueles que visitam lugares literários, mas não são necessariamente entusiastas da literatura e cultura. As motivações são variadas, desde aqueles que buscam visitar um lugar literário após assistir uma adaptação audiovisual, ou por motivos educacionais e culturais, entre outras possibilidades. Assim, há variedade no conceito de turistas literários como também as suas motivações (Baleiro; Viegas; Faria, 2022).

O estudo de Çevik (2020) reforça que os turistas que visitam um lugar literário ou um destino com figuras literárias têm motivações diversas. O nível de consciência literária desempenha um papel decisivo nas motivações dos turistas literários. Como parte integrante da ideia de peregrinação literária, a consciência literária indica os níveis dos turistas literários para se tornarem peregrinos literários. Desse modo o turista literário busca autenticar a sensação física associada com a experiência de leitura por meio da visita a um lugar físico real, onde é possível transpor a experiência de leitura em uma experiência dimensional de um lugar materializado (Watson, 2022).

O turista literário apresenta possíveis comportamentos e práticas, a saber: comparação do local real com o relato do escritor em cartas, diários, poesias ou ficção; identificação com o autor ou personagem ao “seguir seus passos” ou “ver com seus olhos”; ler ou recitar no local onde o escritor escreveu ou se inspirou; deixar pichações socialmente sancionadas ou registrar em um livro de visitantes; adquirir lembranças materiais do local por meio de *souvenirs*, reais ou metonímicos; e escrever um relato de experiência (Watson, 2022, p. 93).

Em menores dimensões, convertendo a discussão para o cenário brasileiro, o estudo de Faria *et al* (2017), buscou identificar o perfil do turista literário e suas motivações em visita a uma atração da literatura. Neste caso, a amostra foi coletada no evento literário da Semana Roseana, que acontece na cidade de Cordisburgo, estado de Minas Gerais, em memória ao

escritor Guimarães Rosa. Percebe-se que a maioria das visitantes são mulheres, mineiras, com idade média de 46 anos, com poder aquisitivo alto e elevado nível de escolaridade.

O propósito da visita foi “vivenciar o que o escritor viu e sentiu, estar onde viveu e escreveu”, muitos visitantes frequentavam o evento pela primeira vez, no entanto, os números mostram uma fidelização de pessoas que estavam visitando entre a sexta e décima vez o evento. Em resumo ao estudo, pode-se dizer que é um indivíduo de renda alta, dos extratos superiores da pirâmide da hierarquia social, com nível superior de escolaridade e um assíduo frequentador de festivais literários (Faria *et al.*, 2017).

Para avançar no perfil dos turistas literários brasileiros, e especialmente ampliando para além de festival literário, o estudo quantitativo de Baleiro, Viegas e Faria (2022), busca contribuir na compreensão do perfil e fornece resultados na forma de evidências empíricas das práticas, experiências e motivações do turismo literário no Brasil. Pode-se afirmar que o perfil demográfico é composto por mulheres, casadas, com idade média de 47 anos, com diploma universitário e, no contexto econômica, situam-se na classe alta.

A preparação para visitação turístico-literária é normalmente feita de forma independente com antecedência, com pesquisa online e relendo o texto literário. A experiência se dá especialmente pela visita a casa dos escritores e as motivações são variadas sendo para entender melhor a obra literária, para visitar os lugares associados a vida do escritor, para ver os lugares retratados na obra e para conhecer melhor o espaço (Baleiro; Viegas; Faria, 2022).

O turista literário tem a curiosidade de conhecer os lugares que antes eram somente conhecidos nas páginas dos livros e criados e seu imaginário ou lugares correlatos a biografia de um escritor e, assim, nasce um leitor-turista (Faria *et al.*, 2017; Milheiro, 2018). É, enfim, alguém que viaja por diferentes lugares geográficos com a motivação de visitar lugares literários (Quinteiro; Baleiro, 2019).

As experiências ou produtos originários do turismo literário são construídos a partir de propostas que atraem os visitantes por autores e literaturas populares e canônicas bem como por aqueles menos conhecidos e divulgados, mas que se dispõem a descobrir novos autores, textos e lugares literários (Quinteiro; Baleiro, 2019).

Compreende-se que esta prática turística também pode contribuir para o enriquecimento cultural da sociedade, possibilitar recuperar, preservar e revitalizar sítios que, de outra forma, poderiam ser abandonados e esquecidos (Sardo, 2008). Pois, neste contexto, o turismo exerce papel fundamental na promoção da leitura, criando uma oferta proveniente de obras literárias e promovendo a literatura para o público e novos leitores (Monteiro, 2016). O turismo literário também exerce o papel de proteção do patrimônio literário, afinal

Ao longo de algumas narrativas, dos percursos das personagens, das considerações do narrador, da descrição dos espaços físicos, sociais e psicológicos, vai o leitor resgatando, pela memória individual das personagens e dos narradores (ou dos narradores/personagens), as paisagens, a História e as histórias, as lendas, os mitos e as tradições que compõem o património histórico-cultural dos locais que inspiraram o espaço físico onde as ações ficcionais se desenvolvem. Através dos textos, o leitor reconstrói, a partir da memória individual, a memória coletiva (Sardo, 2008, p. 79).

A estruturação dos elementos literários enquanto produto turístico possibilita a procura de lugares e acontecimentos literário a partir de uma motivação educacional ou pelo fator curiosidade. Deste modo, os elementos que compõem a prática de turismo literário permitem que os conhecedores das obras, personagens e escritores aprofundem seu conhecimento e, por outra via, possibilita que se apresentem para dar a conhecer ao público que anteriormente não os conhecia (Diogo, 2021). Monteiro (2016) ressalta que o turismo literário também desempenha as funções de divulgar e internacionalizar autores nacionais e na criação da imagem de marca de um destino.

O turismo literário funda-se na intersecção entre o texto literário, a realidade e a imaginação do leitor (Quinteiro; Baleiro, 2019). As pessoas procuram visitar lugares que têm uma conexão com a vida dos escritores ou com os textos literários. A conexão com a vida pode ser, por exemplo, “no Brasil, a Bahia de Jorge Amado, o Ceará de José de Alencar, o Rio de Janeiro de Machado de Assis, ou as Minas Gerais de Guimarães Rosa. Os visitantes buscam um contato com lugares que foram palco das vidas destes escritores e dentro deste espaço visitar as casas onde moraram, edifícios onde trabalharam [...]” (Menezes, 2016, p. 49).

A visita a lugares que serviram de cenário ao desenvolvimento de obras literárias constrói-se por cidades e países serviram como paisagem literária para a construção das narrativas, pode-se citar a Colômbia de Gabriel García Márquez e a Inglaterra de Jane Austen. Os lugares mencionados, a paisagem descrita e os personagens inventados se tornam a motivação para que o turista-leitor visite os lugares literários (Menezes, 2016).

Na confluência entre literatura e turismo, o espaço é o elemento tangível em que o leitor-turista encontra os personagens, o autor ou as descrições da obra (Quinteiro; Baleiro, 2019). A literatura desempenha o papel influente na formação da paisagem e dos lugares e, portanto, pode ser de grande importância na criação de uma paisagem turística e de um turístico (Tetley, 1998).

Segundo Smith (2003) há dois tipos de lugares literários: os lugares da vida real e os lugares imaginários. Os lugares da vida real estão associados aos escritores, sítios patrimoniais da vida e morte dos escritores, como local de nascimento, túmulo, casas-museu. A exemplo disso pode-se citar a casa-museu de Jorge Amado na Bahia, a casa-museu Madalena e Gilberto

Freyre, em Recife. Já os lugares imaginados compreendem os locais ficcionais correlatos às descrições literárias ou ainda lugares que parcialmente correspondem a uma referência geográfica real, como por exemplo Ilhéus, em Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado (Baleiro; Viegas; Faria, 2022).

Os locais relacionados com a literatura constituem o atrativo da prática do turismo literário, tais como casas-museu de conhecidos autores (casa de Charles Dickens, em Londres, ou a casa de Victor Hugo, em Paris), percursos reais tornados ficcionais, ou que foram mistificados pela criação literária, ou, ainda, festivais literários. Pode-se indicar também os lugares frequentados pelos escritores despertam interesse, tais como cafés, restaurantes, bibliotecas, hotéis, entre outros (Milheiro, 2018).

Por conseguinte, os lugares literários fundam-se pelo texto literário e pelos escritores, por isso, a escrita, a autoria e a referência literária demarcam as fronteiras e determinam como se constroem os lugares literários (Quinteiro; Baleiro, 2019).

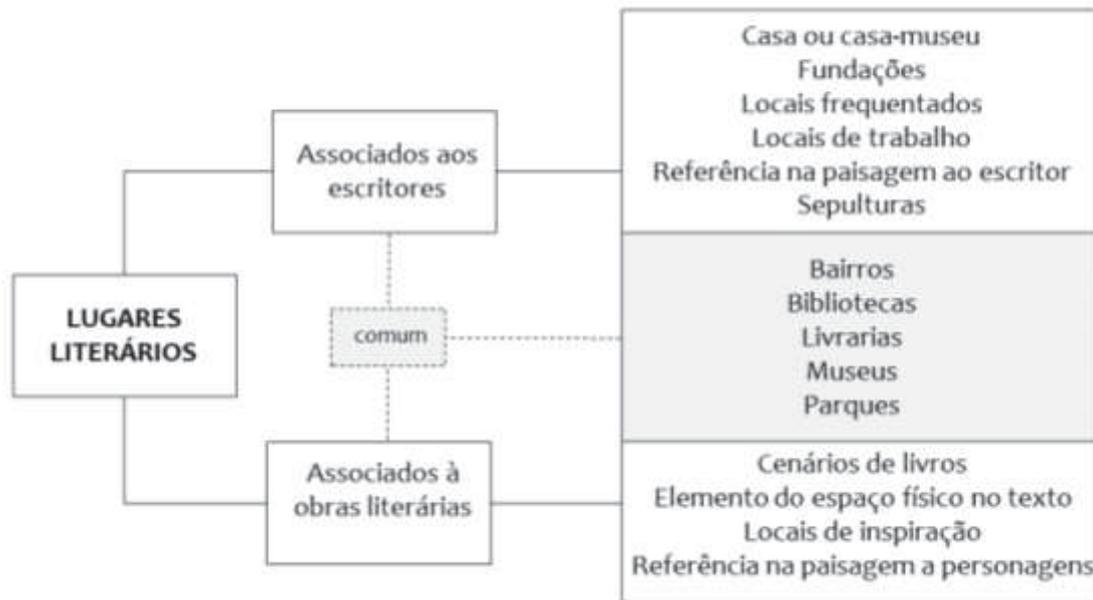
Conforme Sardo (2008, p.79) “as palavras dos poetas e dos escritores levam-nos, por um lado, a destinos longínquos, míticos e exóticos, mas seduzem-nos, também, na descoberta do país onde vivemos, das suas paisagens, regiões, cidades, locais e gentes que animaram os seus textos”. Assim, os lugares tornam-se atrativos no contato entre visitante e obra ou vida de autores. O lugar literário é o encontro em que o turista-leitor reconhece o marcador literário e a paisagem literária se manifesta através de múltiplas interpretações, elemento que texto e autor amparam significados diversos (Quinteiro; Baleiro, 2019; Quinteiro; Carreira; Gonçalves, 2020).

Recorre-se assim aos pressupostos da geografia cultural e humanista, em que o espaço assume função de lugar pelos significados e símbolo ali desenvolvido, pois:

O lugar se constrói na interseção das pessoas com o espaço, no significado que um determinado recorte do espaço físico ganha quando é vivido por um sujeito ou por uma comunidade. É também assim que entendemos os lugares literários, enquanto recortes de espaço aos quais os autores, os textos ou os eventos criados em seu torno, ou que a eles se associam, criam significado literário (Quinteiro; Gonçalves; Carreira, 2020, p. 94).

De acordo com Quinteiro e Baleiro, os lugares literários podem ser compreendidos por três categorias: a) representados nas obras literárias (Fawcett; Cormack, 20010, b) associados a figura dos escritores, e c) o lugar produzido a partir da correlação entre texto literário e elementos do espaço físico. As tipologias de lugares literários (Figura 3) permitem diversas constituições de práticas de turismo literário.

FIGURA 3 - LUGARES LITERÁRIOS, DE ACORDO COM QUINTEIRO E BALEIRO (2019)



FONTE: Valle, Chemin e Valduga (2022).

Nessa conjuntura, é a partir da visita aos lugares e paisagens literárias que ocorrem as práticas de turismo literário, isto é, mediante a instauração de projetos e casos literários (Valle; Chemin; Valduga, 2022). “Podemos, pois, concluir que os lugares literários ganham significado na fusão do plano ficcional com o plano geográfico concreto, sendo percebidos e construídos naqueles fragmentos de território onde essa interseção é mais nítida” (Quinteiro; Baleiro, 2019, p.55).

Portanto, o turismo literário ocorre a partir da prática de visitação aos lugares literários. Na concepção de Butler (1986) e Busby e Laviolette (2006), a visita pode ocorrer pela via de três categorias:

QUADRO 3 - Categorias do turismo literário, na perspectiva de Butler (1986) e Busby e Laviolette (2006)

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
BASEADAS NA FICÇÃO	centradas nos personagens fictícios (criado por um aturo conhecido ou anônimo)
	centradas num local dentro da história (local real ou fictício)
BASEADAS NO AUTOR	centradas na via pessoal do autor (local de nascimento, casas onde viveu, estadias em hotéis, túmulos etc.).
	centradas no autor, relacionadas a escrita ou realização (cafés que frequentava, espaços utilizados habitualmente etc.).
BASEADAS NA MEDIAÇÃO E PROMOÇÃO	centradas em livros (documentos originais ou manuscritos originais mantidos de forma acessível ao turista ou visitante)
	centradas em eventos (festivais e feiras literárias)
	centradas em filmes (locais de filmagem utilizadas para adaptações audiovisuais)

	centradas em intervenções de sinalização turística quando o país é utilizado como um espaço promocional literário ou quando nomes de cidades ou de lugares são alterados para se relacionarem com o patrimônio literário
--	--

FONTE: Adaptado de PIRES (2020)

Gentile e Brown (2015) e Çevik (2022) indicam que o turismo literário pode ser praticado através dos seguintes elementos: a) visitas a casas onde nasceu o escritor; b) visitas a sepulturas de escritores, c) visitas a casas de escritores, d) turismo relacionado com a ficção, e) turismo induzido por filmes, f) escrita de viagem, g) turismo de livraria e h) participação em festivais literários.

Os lugares associados tanto a obra literária como os personagens oferecem experiências significativas quando coincidem com as imagens mentais previamente criadas pelos turistas literários, portanto destinos que abarcam várias figuras literárias tornam-se atualmente produtos essenciais do turismo literários (Çevik, 2022).

Com base nos lugares literários criam-se produtos e experiências turísticas diversas (QUINTEIRO; BALEIRO, 2019). As autoras propõem uma lista (Quadro 4), baseada em Busby (2004), Busby e Klug (2001) e Mansfield (2015), constando produtos e experiências possíveis do turismo literário, ainda que esta deva permanecer sempre em aberto, pois existem muitas maneiras de estabelecer conexão entre o autor, a obra literária e os lugares literários.

QUADRO 4 - Produtos e experiências derivados do turismo literário

Tipos de produtos e experiências literários	Descrição
As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores	Viagens às casas onde os autores nasceram, viveram ou morreram, aos espaços onde escreveram, às escolas onde estudaram, aos cafés, restaurantes e hotéis que frequentavam, às igrejas onde foram batizados, casaram ou decorreram as suas cerimónias fúnebres, às suas sepulturas e estátuas erigidas em sua homenagem.
As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras	Visitas aos cenários onde se desenrola a ação, às estátuas das personagens, aos lugares onde as obras foram escritas ou lugares onde foram encenadas.
A realização de passeios literários	Passeios desenhados com base na vida e obra de um ou vários autores, que podem ser realizados com a orientação de um guia ou autonomamente, a partir de documentação disponibilizada em papel ou online e, eventualmente, complementado por sinalética nos pontos de paragem.
As viagens para participar em festivais literários	Viagens que têm como intuito participar em ou assistir a atividades do festival, como, por exemplo, jantares, passeios e tertúlias.
As visitas a bibliotecas	Visitas cuja motivação é a beleza da biblioteca ou o desejo de ver de perto um manuscrito, um texto histórico ou, mesmo, uma primeira edição. ¹⁷
As visitas a livrarias	Visitas motivadas quer pelo edifício propriamente dito ou sua associação à literatura. ¹⁸
As visitas a parques literários	Visitas a parques criados com base em textos literários e/ou nos seus autores. A maioria destas viagens realiza-se em direção a parques ligados à literatura para crianças, ainda que sejam cada vez mais comuns os parques destinados a adultos.
As visitas a cidades literárias	Visitas às cidades literárias da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e outras que, por terem uma forte associação à literatura, podem ser objeto desta classificação.
As estadas em hotéis literários	Estadas em hotéis que de alguma forma estão relacionados com a literatura, com um autor, uma obra ou uma personagem.
As estadas em hotéis-biblioteca	Estadas em hotéis associados à literatura por via dos numerosos livros que colocam à disposição dos seus hóspedes. Estes espaços pretendem ser lugares privilegiados de leitura e são lugares propícios a um retiro literário.
A participação em concursos	Participação em concursos que têm como objeto a literatura, como é o caso dos <i>peddypapers</i> literários, dos <i>literary quizzes</i> e de jogos de detetives inspirados em narrativas policiais.
A participação em jantares literários	Participação em jantares evocativos de um autor, obra ou personagem. Estes jantares podem incluir os pratos referidos numa obra, a utilização de vestuário da época, encenações, leituras de excertos, tertúlias.
A participação em tertúlias e sessões de leitura	Participação em atividades de leitura e debate em torno de um autor ou obra que se podem realizar com ou sem participação ativa do turista.
As encenações dramáticas de textos literários	Encenações de excertos de obras que podem decorrer em espaços descritos nos textos das obras ou noutros nos quais se constroem cenários alusivos aos descritos nas obras. As encenações podem realizar-se com ou sem a participação do turista.

FONTE: Quinteiro e Baleiro (2019).

No que tange a efetivação do turismo literário, o estudo de Valle, Chemin e Valduga (2022) buscou identificar, por meio de uma revisão sistemática, o que se entende por casos

efetivos através das práticas de turismo literário e constatou que são diversas e em diferentes localidades geográficas. “As práticas literárias estão majoritariamente associadas à visita às casas onde viveram os escritores ou serviram de refúgio no processo de escrita; muitas dessas casas também se transformaram em museus, repletos de objetos da vida dos autores. As localidades que serviram de inspiração ou compuseram o cenário de uma obra também compõem o conjunto das práticas literárias” (Valle; Chemin; Valduga, 2022, p. 16).

Os lugares literários correlatos à obra literária podem também ser caracterizados como o conceito desenvolvido por Umberto Eco das “terras e lugares lendários”, o seja, lugares ficcionais inspirados em lugares reais, onde os leitores buscam encontrar vestígios dos livros que experienciaram (Eco, 2013, p.7). Lugares que serviram de cenários para enredos e não necessariamente existem na realidade, como também aqueles que se transformaram em matéria literária por existirem na realidade, como por exemplo a ilha de Robinson Crusoe, que inspirou Defoe e fica no arquipélago Juan Fernandez, na costa do Chile, ou ainda os devotos de Arsène Lupin, que visitam a agulha de Étretat, na Normandia, imaginando as narrativas, e há ainda os esgotos de Paris (com mínima parte aberta à visita) e Viena. O primeiro se tornou mítico pela trajetória de Jean Valjan, em *Os miseráveis*, e o segundo pela fuga de Harry Lime, em *O terceiro homem* (Eco, 2013).

Por interesse comercial, lugares que não existiam foram reconstituídos, como a cela do conde de Montecristo (fictícia) no Castelo de If (real), que recebe visita de fãs de Alexandre Dumas e a casa de Sherlock Holmes em Baker Street, Londres. Esses lugares e muitos outros recebem um lugar real no espaço físico que é construído após as histórias, especialmente pelo desejo dos aficionados e uma motivação financeira por parte da localidade. Mas há também de se considerar que nem todos os lugares das narrativas têm representação real, assim existem os mundos possíveis da nossa imaginação, no qual existe Harry Potter, Nárnia, a Gotham City de Batman e outros (Eco, 2013).

Nesse sentido, muitas práticas de turismo literário são influenciadas a partir das produções audiovisuais. As adaptações televisivas ou cinematográficas também são veículos para de comunicação da obra literária ou da vida do escritor e, portanto, também contribuem no campo literário. De acordo com Busby e Klug (2001), neste caso, em que o turismo literário é induzido pelo cinema, recorre-se a concepção de *film-induced literary tourism*. Como por exemplo, pode-se citar: 4 Exemplos deste nicho de turismo são: *Lord of the Rings Tours* (Nova Zelândia), *Dracula Tours* (Romênia), *Da Vinci Code Tours* (Itália e França), *Game of Thrones Tours* (Irlanda e Croácia), *Hunger Games Tours* (EUA) ou a *Warner Bros Studio Tour*, dedicada a Harry Potter (Inglaterra) (Quinteiro; Baleiro, 2019).

Com o crescente interesse pelo turismo literário, gradualmente os produtos também estão se diversificando, como por exemplo hotéis literários com a promessa de experiências turísticas memoráveis, roteiros com o intuito de seguir os passos de um escritor favorito, vivenciar a literatura e arte por meio de uma temática literária, hospedar-se em um local rodeado de livros. Além disso, museus, *pubs* e cafés literários, bibliotecas, livrarias e parques literários compõem uma gama de produtos turísticos literários cada vez mais diversificados e que podem enriquecer novos produtos de um destino literário (Çevik, 2022).

Para Butler (2022), “o turismo literário é uma forma de turismo motivada por um desejo dos participantes em vivenciar as conexões literárias sobre uma localização, que pode estar relacionada ao seu papel como casa de um escritor ou de um personagem famoso da literatura, ou como cenário, real ou imaginário, em uma obra literária”.

Em suma, muitas são as possibilidades de se praticar o turismo literário, que acontece a partir da efetivação de lugares literários e paisagens literárias. Todavia, existem também projetos em estruturação, compondo o que chamamos neste estudo de propostas de turismo literário. Assim, com o intuito de entender como se pratica e como se propõe o turismo literário, a revisão sistemática da literatura busca examinar esse cenário.

5. PROPOSTAS E PRÁTICAS DE TURISMO LITERÁRIO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Este capítulo apresenta a proposta metodológica da revisão sistemática da literatura, a partir do uso do protocolo PRISMA e das análises provenientes do software MAXQDA, que é um software acadêmico para análise de dados qualitativos e métodos mistos de pesquisa e que oportuniza a análise de diversos dados não estruturados, tais como análise de conteúdo, entrevistas, discursos, grupos focais, arquivos de áudio/vídeo/imagem, dados do Twitter entre muitas outras possibilidades. O software possibilita a categorização de informações apriorísticas ou não apriorísticas através de códigos, cores e símbolos e oportuniza a análise a partir de diversas ferramentas visuais (MAXQDA, 2023).

5.1 CONSTRUÇÃO DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Com o intuito de analisar as propostas e práticas de turismo literário e para o desenvolvimento teórico e prático dessa investigação, empregou-se como procedimento metodológico a revisão sistemática de literatura (RSL).

As revisões sistemáticas da literatura têm como pretensão identificar e interpretar as pesquisas disponíveis relevantes para uma determinada temática de pesquisa e são conduzidas por uma sequência lógica e rigorosa de processos metodológicos, previamente estabelecidos por um protocolo de pesquisa, que permitem a outros pesquisadores auditar, replicar e atualizar os resultados em pesquisas futuras (Kitchenham, 2004; Biolchini *et al*, 2005; Brizola; Fantin, 2016; Galvão; Ricarte, 2020). Além disso, a RSL é uma técnica crescente nas pesquisas em turismo (Albach; Medeiros, 2020).

As revisões sistemáticas e meta-análises ampliaram-se especialmente como apoio às pesquisas na área da saúde, mas são também aplicados a outras diversas áreas do conhecimento. As revisões são essenciais, por exemplo, por formuladores de políticas e para outros contextos de tomada de decisão (Page *et al.*, 2021a; Page *et al.*, 2021b). Neste sentido, considerando a necessidade de confiabilidade e aplicabilidade das descobertas das revisões para tomadas de decisões, as revisões sistemáticas devem ser relatadas de forma rigorosa, integral e transparente, possibilitando a replicação ou atualização.

Tendo em vista a necessidade de um guia para relato de revisões sistemáticas, em 2009 um grupo interacional elaborou um guia com enfoque no relato de meta-análises de ensaios clínicos randomizados nomeado QUORUM (Qualidade dos Relatos de Meta-análises). Considerando os avanços conceituais, metodológicos e terminológicos das revisões

sistemáticas, e a expansão para além dos casos específicos da área da saúde, a diretriz foi renomeada PRISMA- *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses* (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análise) e atualizada em 2020.

A declaração PRISMA 2020 conta com novas orientações de relatórios, indicações para síntese dos estudos e estruturas de apresentação dos itens, com expansão e revisão de *checklists* e fluxogramas que dão suporte aos relatos de revisão sistemática baseados nas diretrizes PRISMA. A lista de verificação contém 27 itens para detalhar os relatórios de revisões sistemática, apresentando explicações e exemplificações sobre os itens a serem descritos (Page *et al.*, 2021).

Embora a declaração do PRISMA tenha sido projetada principalmente para revisões sistemáticas de estudos de intervenções na área da saúde, os itens da lista de verificação são aplicáveis a pesquisas de outras naturezas, como para estudos de turismo (Pahlevan-Sharif; Mura; Wijesinghe, 2019; Takata; Hallmann, 2021; Ram, 2021; Lin; Rasoolimanesh, 2022; Tiwari; Chowdhary, 2022; Otowicz; Macedo; Biz, 2022). Assim, oportuniza-se também sua aplicação para o presente estudo.

Primeiramente, elaborou-se um protocolo para a revisão sistemática da literatura, seguindo as orientações de elaboração do PRISMA-P (Shamseer *et al.*, 2015). Os protocolos de revisão sistemática permitem o planejamento e a documentação dos métodos de revisão, auxiliam na tomada de decisões durante o processo e permitem aos leitores a auditoria do rigor científico durante a revisão sistemática. Com base nas diretrizes PRISMA, um grupo internacional de especialistas criou a diretriz PRISMA-P (para protocolos) com o objetivo de melhorar a transparência, precisão, integridade e frequência de revisão sistemática documentada. O objetivo da diretriz é melhorar a qualidade dos protocolos e ajudar pesquisadores a documentar um roteiro prévio para condução da RSL (MOHER *et al.*, 2015). A lista de verificação PRISMA-P contém 17 itens (26 subitens) considerados essenciais para um protocolo de RSL, categorizados em três seções principais: informações administrativas, introdução e métodos. Assim, para este estudo, elaborou-se o protocolo (Apêndice 1), que deu apoio ao processo de sua construção.

Este estudo teve como apoio o software StArt (*State of the Art through Systematic Review*) Versão 3.0.4 Beta, que foi construído pelo Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software (LaPES) (DC/UFSCar) e dá suporte aos pesquisadores de revisões sistemáticas da literatura por meio de três etapas: 1) Planejamento: inserção do protocolo de pesquisa; 2) Execução: identificação do estudos através da importação dos dados, etapa de seleção e qualidade dos dados e extração de dados dos documentos; 3) Sumarização: Visualização final

dos dados. Nesta pesquisa, incluiu-se o protocolo previamente estruturado aos moldes PRISMA à plataforma e a ferramenta apoiou a etapa de seleção dos documentos científicos e etapa de qualidade dos dados. A etapa de extração e sumarização foi realizada por meio do software de pesquisa qualitativa MAXQDA, esclarecido na sequência. Em suma, a veiculação desta revisão sistemática da literatura está pautada nas diretrizes PRISMA 2020 e PRISMA-Protocolo 2015.

No âmbito do turismo literário, pesquisas anteriores deram enfoque a revisões de literatura acerca da produção científica com o intuito de compreensão do turismo literário como campo de pesquisa, bem como sua evolução teórico-conceitual e metodológica (Arcos-Pumarola; Osácar Marzal; Llonch-Molina, 2020; Çevik, 2020; Cabral; Pereira, 2021; Marques; Fonseca Filho, 2021).

O panorama que essas revisões sistemáticas da literatura apresentam é que a maioria dos estudos de turismo literário se atém a uma região específica, lugar literário ou figura literária, sendo a Europa a principal região que ancora a pesquisa, especialmente o Reino Unido. (Çevik, 2020). Em consonância, Arcos-Pumarola, Osácar Marzal e Llonch-Molina (2020), indicam que existe uma predominância de pesquisadores do Reino Unido, seguido dos Estados Unidos, Canadá e Austrália.

Os temas estudados são: autenticidade, motivações e experiências dos turistas literários, questões administrativas ou de marketing, interpretação, trilhas e tours literários, mercantilização, peregrinação literária e sensibilização literária (Çevik, 2020). A essas categorias, adiciona-se ainda a paisagem literária e imagem (Arcos-Pumarola; Osácar Marzal; Llonch-Molina, 2020).

Çevik (2020) indica que quanto às metodologias, majoritariamente os estudos têm caráter empírico com métodos qualitativos. De forma minoritária existem estudos conceituais, quantitativos e mistos. O uso qualitativo mostra que o turismo literário não pode ser generalizado e varia de acordo com os lugares literários e os destinos. A abordagem que se destaca é o uso de estudo de caso, seguido da etnografia, observação e entrevista, além da análise textual, documental e de discurso.

De acordo com Arcos-Pumarola, Osácar Marzal e Llonch-Molina (2020), comumente as pesquisas sobre turismo literário tem se voltado para o estudo de realidades específicas, ou seja, por meio de estudos de caso, pretendendo aprofundar objetos de estudo específicos por meio de metodologias qualitativas. Destacam-se como metodologias qualitativas a análise de conteúdo, entrevistas detalhadas e observação. Marques e Fonseca-Filho (2021) relatam que surgem, ainda que de maneira incipiente, algumas pesquisas hermenêuticas, pesquisa *survey* e

método autoetnográfico. Cabral e Pereira (2021) também reforçam em sua revisão as informações supracitadas e discutiram os achados com o lazer e sua dimensão criativa.

Nesse cenário, as revisões sistemáticas da literatura de turismo literário foram desenvolvidas com o objetivo de caracterizar a produção científica ao longo do tempo, identificando os autores e períodos mais produtores, as metodologias e os temas abordados pelos estudos. Todavia, ainda não foram realizadas revisões sistemáticas da literatura com o intuito de analisar a produção científica acerca das propostas e práticas de turismo literário.

Assim, o objetivo da revisão sistemática foi analisar na produção científica as propostas e práticas de turismo literário. Entende-se propostas estudos que abordam as potencialidades e proposições de casos a serem instituídos na seara do turismo literário e práticas como projetos e casos literários efetivamente instituídos e referenciados por lugares e paisagens literárias associados à vida e obra de escritores.

Este estudo teve como universo de estudos as produções científicas publicadas em formatos de artigos científicos, dissertações e teses, buscando ter uma visão abrangente das práticas e propostas do turismo literário. Justifica-se, enfim, essa RSL, pela sua aplicação à crescente das revisões sistemáticas em turismo e aos pesquisadores da área que tenham interesse na compreensão da efetivação do turismo literário e tenham interesse em desenvolver trabalho sobre a temática.

Como pré-estabelecido no protocolo, as fontes de dados utilizadas foram as bases de dados científicas com acesso via Portal de Periódicos (CAPES/MEC), através do acesso remoto via CAFe (comunidade acadêmica federada), fornecida pela Universidade Federal do Paraná. Além disso, foram incluídas outras bases de dados, para além deste acesso, como Publicações de Turismo/EACH USP.

As buscas nas bases de dados foram realizadas com o termo “turismo literário” nos idiomas inglês (bases internacionais), português (bases nacionais), espanhol para pesquisas secundárias (bases ibero-americanas), francês (base francesa). Foram aceitos estudos em idiomas para além do português, espanhol e inglês desde que atendessem aos requisitos de inclusão. Foram considerados trabalhos de quaisquer abordagens, natureza e métodos, desde que trouxessem um panorama sobre as práticas e propostas de turismo literário. O quadro 5 ilustra o processo de busca nas bases de dados e os respectivos resultados.

QUADRO 5 - Diário da Revisão Sistemática da Literatura

Bases de dados	Data	Strings utilizadas	Resultados
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD	11/05/2022	Turismo literário + todos os campos	11
		“turismo literário” + todos os campos	2

Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)	11/05/2022	“turismo literário”	3
EBSCO	11/05/2022	“literary tourism” + TX Texto Completo + Revistas Acadêmicas + todas as bases de dados	259
Global ETD Search (electronic theses and dissertations contained in the NDLTD- Networked Digital Library of Theses and Dissertations archive)	11/05/2022	“literary tourism”	25
KCI-Korean Journal Database	11/05/2022	tópico + “literary tourism”	11
Persée	11/05/2022	“literary tourism” + tipo de documento “artigo”	8
		“tourisme littéraire” + tipo de documento “artigo”	15
Publicações de Turismo	17/05/2022	todos os campos + turismo literário	19
		todos os campos + literary tourism	41
Redalyc	16/05/2022	“turismo literário” + artigos	25
		“literary tourism” + artigos	10
Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP	17/05/2022	descrição + “turismo literário” + tipo de doc (artigo, tese, dissertação)	30
		descrição + “literary tourism” + tipo de doc (artigo, tese, dissertação)	27
SciELO	16/05/2022	turismo literário + todos os índices	3
		literary tourism + todos os índices	8
Scopus	17/05/2022	TITLE-ABS-KEY ("literary tourism") AND (LIMIT-TO (DOCTYPE, "ar") OR LIMIT-TO (DOCTYPE, "re"))	111
Web of Science (Coleção principal)	16/05/2022	tópico + “literary tourism” FILTRADO POR tipos de documento	77
TOTAL			685

FONTE: A autora (2023).

Os 685 documentos do quadro 5 foram exportados das bases de dados e importados em uma planilha no Software Excel, contendo título, resumo e palavras-chave. Optou-se pela integração dos dados no Excel para facilitar a limpeza de dados duplicados, sem informação, informações incompletas, documentos obsoletos e que não se tratava de artigos, teses e dissertações. Na etapa de busca de duplicados foram excluídos 162 documentos e na etapa de limpeza foram excluídos 71 documentos. Os 452 documentos restantes foram convertidos em formato .RIS e importados para o software StArt.

Assim, iniciou-se o processo de seleção dos estudos, através da leitura do título, resumo e palavras-chave e foram aplicados os critérios de inclusão (Quadro 6) e exclusão (Quadro 7).

QUADRO 6 - Critérios de inclusão dos estudos

Critério Inclusão	Descrição
CI1	Serão incluídos trabalhos que sejam integralmente de acesso aberto para o acesso CAFe via UFPR.
CI2	Serão incluídos trabalhos que estejam disponíveis integralmente via periódicos, ResearchGate, Google Scholar.

CI3	Serão incluídos trabalhos que apresentem propostas e práticas do turismo literário.
CI4	Serão incluídos trabalhos de outros idiomas, além do inglês e português, desde que atendam aos critérios da pesquisa.
CI5	Serão incluídos artigos de periódicos, teses e dissertações.

FONTE: A autora (2023).

QUADRO 7 - Critérios de exclusão dos estudos

Critério Exclusão	Descrição
CE1	Serão excluídos trabalhos que não sejam integralmente de acesso aberto.
CE2	Serão excluídos trabalhos que não discutiram ou analisaram propostas e práticas de turismo literário.
CE3	Serão excluídos trabalhos no formato de pôsteres, resenhas, resumos de anais de congresso, artigos curtos, artigos de eventos e livros.
CE4	Serão excluídos trabalhos que não tenham nenhuma relação com turismo literário.

FONTE: A autora (2023).

Na primeira etapa de seleção foram aceitos 187 documentos, rejeitados 261 documentos e encontrou-se 4 duplicados. Considerando que este processo foi realizado por apenas uma pesquisadora, ainda que o orientador fosse consultado em caso de dúvidas, foram realizadas releituras e uma segunda etapa de seleção. Assim, nesta etapa foram rejeitados 320 documentos, com 4 duplicados e 128 documentos aceitos.

Os 128 documentos aceitos passaram para a etapa de qualidade (Quadro 8), ou seja, os critérios de qualidade são aplicados quando, após todo o processo de inclusão e exclusão, a leitura do título, resumo e palavras-chave de algum documento deixou dúvida aos pesquisadores e, também, quando a amostra permanece muito grande e inviabiliza o processo de análise e extração de dados e informações. Assim, foi refeita a leitura dos resumos e da seção de resultados dos documentos, para compreender se o texto apresenta propostas e práticas de turismo literário e analisar se o estudo está alinhado com o turismo. Se concluído que os critérios de qualidade foram atendidos, o estudo foi incluído na análise, de forma contrária, foi excluído neste processo da filtragem.

QUADRO 8 - Critérios de qualidade dos estudos na RSL

Critério	Descrição do Critério de Qualidade
CQ1	As propostas e práticas do turismo literário tem centralidade no estudo? Se necessário será realizada a leitura da seção de resultados dos documentos
CQ2	O estudo está alinhado com o turismo?
CQ3	Foi possível recuperar o documento integral em formato PDF?

FONTE: A autora (2023).

Após aplicação dos critérios de qualidade, o *corpus* final de análise foi composto por 108 estudos que tratam de práticas e propostas de turismo literário. O processo de coleta de

dados dos documentos a partir da extração das informações foi realizado através do software MAXQDA.

No software de pesquisa qualitativa foram importados os documentos em formato PDF para a leitura integral do estudo, buscando coletar as informações acerca das práticas e propostas de turismo literário (Quadro 9).

QUADRO 9 - Categorias apriorísticas de análise qualitativa

Campo	Conteúdo
Tipo de lugar literário (QUINTEIRO; BALEIRO, 2019)	Casas dos autores / casas-museu de autores; Fundações de autores; Sepulturas de autores; Locais de trabalho dos autores; Locais frequentados por escritores; Locais de inspiração; Cenários de livros; Referências na paisagem a personagens; Referências na paisagem a escritores; Bairros literários; Parques literários; Bibliotecas de interesse turístico-literário; Livrarias de interesse turístico-literário; Museus literários; associação do texto literário a um elemento do espaço físico.
Tipos de produtos e experiências literárias (QUINTEIRO; BALEIRO, 2019)	As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores; As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras; A realização de passeios literários; As viagens para participar em festivais literários; As visitas a bibliotecas; As visitas a livrarias; As visitas a parques literários; As visitas a cidades literárias; As estadas em hotéis literários; As estadas em hotéis-biblioteca; A participação em concursos; A participação em jantares literários; A participação em tertúlias e sessões de leitura; As encenações dramáticas de textos literários.
Práticas e propostas do turismo literário	Descrição da prática e proposta e suas principais características.
Localização geográfica da prática e proposta	País, estado, cidade, região etc.

FONTE: A autora (2023).

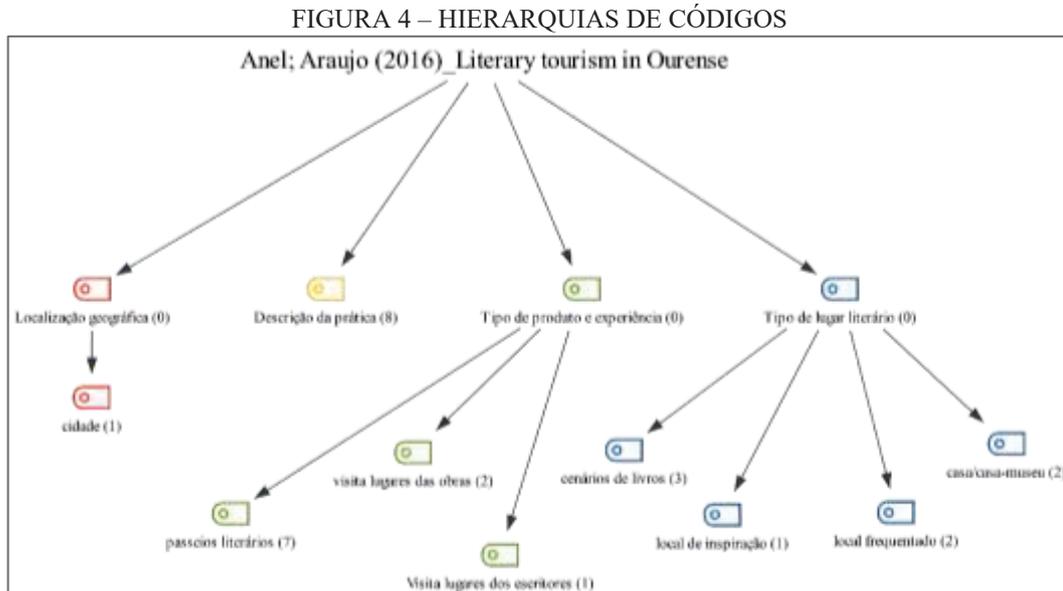
Na sequência apresentam-se os resultados proveniente desta RSL e os dados analisados através do software MAXQDA, ilustrado pelas ferramentas visuais e as inferências das codificações apriorísticas.

5.2 EXPERIÊNCIAS E OPORTUNIDADES LITERÁRIAS PELO MUNDO: OS RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática resultou em 108 artigos que discutem as propostas e as práticas de turismo literário em diversos contextos. No software MAXQDA foram incluídos os códigos apriorísticos definidos no protocolo PRISMA, dos quais emergiram os subcódigos, bem como a necessidade de aplicar cores diferenciadas para facilitar o processo de codificação. Na sequência foram incluídos os documentos, que passaram pela leitura integral e codificação.

A Figura 4 ilustra, por meio do exemplo de um estudo, como foi feito o processo de codificação dos estudos da revisão sistemática da literatura. Neste caso é possível verificar que o estudo trata de uma prática de turismo literário em uma cidade, sendo que a experiência do

visitante permeia passeios e visitas a lugares das obras e dos escritores. Os lugares possíveis de visita relacionados às obras são os cenários de livros e locais que inspiraram a escrita, e quando relacionados a vida do escritor o turista literário pode visitar os locais frequentados por esse escritor bem como a casa em que viveu.



FONTE: Dados da pesquisa, MAXQDA (2023).

Alguns países de destacaram na quantidade de trabalhos que retratam alguma proposta de implementação ou de atividades já praticadas de turismo literário, são eles: China (5), África do Sul (5), Coreia do Sul (4), Canada (3), Inglaterra (3), Romênia (3), Colômbia (2), Croácia (2), França (2), Portugal (2), Suécia (2). Todavia, nem sempre os trabalhos retratam a localidade do turismo literário pelo país, assim sendo, os estados que aparecem são: Queensland (2), Minas Gerais (1), Bahia (1), Massachusetts (1), Tasmânia (1). Quanto às regiões, a região do Lake District, no Reino Unido, aparece 2 vezes em trabalhos distintos. Quanto às cidades, temos que: Lisboa (11), Coimbra (5), Dublin (3), Istambul (2), los Angeles (2), Olhão (2), Sintra (2), Estocolmo (2), Stratford (2). Outras tantas localizações também aparecem nos trabalhos e estão espalhadas por diversos contextos geográficos.

Esse cenário indica que Portugal é a localização geográfica com a maior quantidade de estudos de propostas e práticas de turismo literário, comportando um total de 22 citações dentre os estudos analisados, entre as indicações de país e cidades.

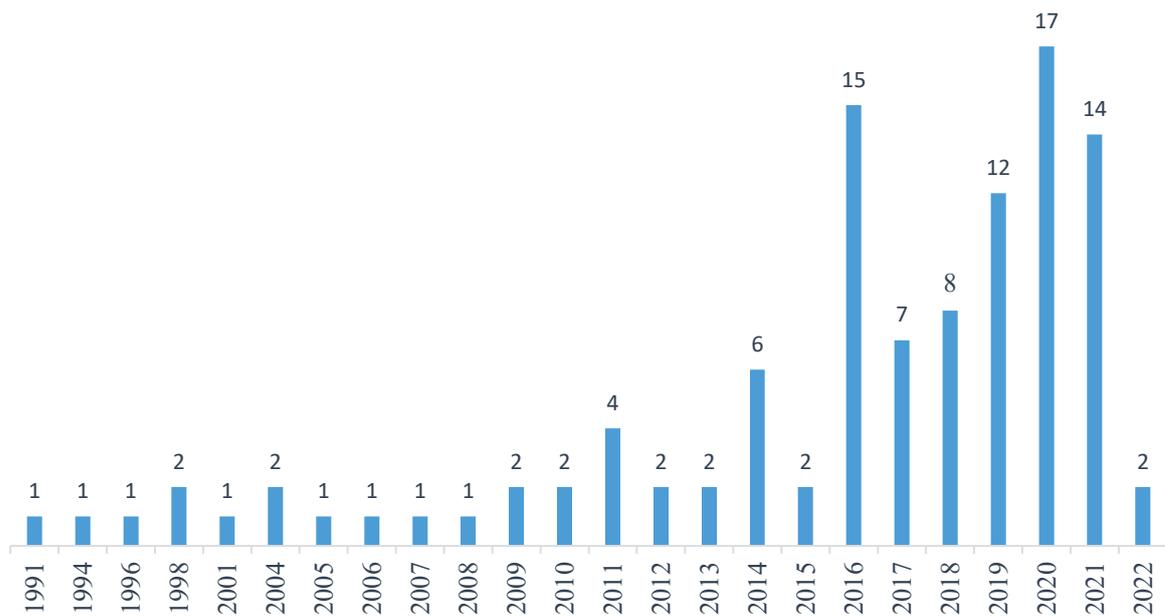
Também é perceptível que dois países de diferentes contextos se destacam: a África do Sul é estudada a partir do seu potencial, com diversos escritores com obras tanto em inglês quanto em português e, por outro lado, a Coreia do Sul se destaca pelas práticas relacionadas à

poesia, seja pelo contato com a vida de poetas, seja por lugares físicos representados nas poesias.

O Brasil aparece em três estudos: 1) a análise do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu pela apropriação da obra Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa; 2) a proposta de um roteiro em Salvador na Bahia, com base nos lugares literários de uma obra de Jorge Amado; 3) estudo sobre a casa de Cora Coralina, na Cidade de Goiás. Esse dado reafirma como o tema ainda é emergente no contexto brasileiro.

Entre os resultados da revisão, foi possível analisar a distribuição dos estudos ao longo dos anos. O Gráfico 1 mostra que os estudos datam do início dos anos 1990 e, a partir de 2015, vem tendo uma crescente no montante de publicações. Apesar do turismo literário ter indícios elementares no século XVI (Hendrix, 2020), há apenas três décadas vêm sendo estudado, no âmbito científico, as possíveis experiências literárias.

GRÁFICO 1 - NÚMERO DE ARTIGOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO



FONTE: A autora (2023)

A partir da análise e codificação dos documentos, identificou-se que a maior parte (79) tratam de práticas de turismo literário, ou seja, são atividades turísticas já implementadas e visitadas por turistas literários, enquanto as propostas (59) discutem possibilidades de criação e implementação de roteiros literários ou criação e abertura de lugares literários. O total não representa 100% pois em alguns estudos discutia-se tanto as práticas existentes quanto as possibilidades do turismo literário.

FIGURA 5 - PROPOSTAS E PRÁTICAS POR DOCUMENTO

	Total
📄 Descrição da proposta	49,1%
📄 Descrição da prática	53,7%
Σ SOMA	102,8%
# N = Documentos/Oradores	108 (100,0%)

FONTE: Dados da pesquisa, MAXQDA (2023)

Assim como indica Fournier e Le Bel (2018), o turismo literário permite a exploração do território através de múltiplas perspectivas literárias, sejam elas pelo viés do escritor ou da obra literária. Diversas são as experiências baseadas na literatura, que podem estar associadas à ficção ou à vida pessoal do escritor, ou ainda na mediação e promoção através dos eventos, audiovisual e intervenções de sinalização turística ou do patrimônio literário (Butler, 1986; Busby; Laviolette, 2006; Pires, 2020). Assim sendo, cruzou-se os códigos de práticas e propostas aos tipos de produtos e experiências literárias.

FIGURA 6 - CRUZAMENTO ENTRE PRÁTICAS E PROPOSTAS E OS TIPOS DE EXPERIÊNCIAS

Lista de Códigos	Descrição da proposta	Descrição da prática
▼ Tipo de produto e experiência		
📄 encenações dramáticas de textos lit		
📄 participação em tertúlias ou sessões	1	
📄 participação em jantares literários		
📄 participação em concurso		
📄 estadia em hotéis-biblioteca		
📄 estadias em hotéis literários	2	1
📄 visita cidades literárias	1	2
📄 visita a parques literários		
📄 visita a livrarias		1
📄 visitas a bibliotecas	1	
📄 festivais literários	7	5
📄 passeios literários	14	19
📄 visita lugares das obras	29	26
📄 Visita lugares dos escritores	13	26
Σ SOMA	68	80

FONTE: Dados da pesquisa, MAXQDA (2023)

É possível analisar que as experiências literárias convergem massivamente para visitas aos lugares literários relacionados às obras literárias, relacionados a vida dos escritores e a passeios literários. As motivações dos turistas literários são diversas, mas essencialmente pode-

se indicar que a obra e o escritor são constituintes das experiências literárias e oportunizam aos turistas a vivência de estarem mais conectados aos autores ou aos locais da vida deles (Çevik, 2020; Pires, 2020).

Foi possível também cruzar as práticas e propostas aos códigos do tipo de lugar literário. A Figura 7 ilustra que quase todos os tipos, sejam associados aos escritores ou às obras literárias, têm representações nos estudos. O lugar concretiza a experiência literária e oportuniza o contato do turista literário com o exercício turístico.

FIGURA 7 - CRUZAMENTO ENTRE PROPOSTAS E PRÁTICAS E OS TIPOS DE LUGARES LITERÁRIOS

Lista de Códigos	Descrição da proposta	Descrição da prática
▼ Tipo de lugar literário		
☑ texto-elemento do espaço físico	3	2
☑ museus literários	1	5
☑ livrarias		1
☑ bibliotecas	1	2
☑ parques literários	2	
☑ bairros literários		
☑ referências na paisagem a escritores	2	4
☑ referências na paisagem a personagens	3	4
☑ cenários de livros	17	16
☑ local de inspiração	10	8
☑ local frequentado	5	7
☑ local de trabalho	3	3
☑ sepultura	3	2
☑ fundação	2	5
☑ casa/casa-museu	12	17
Σ SOMA	64	76

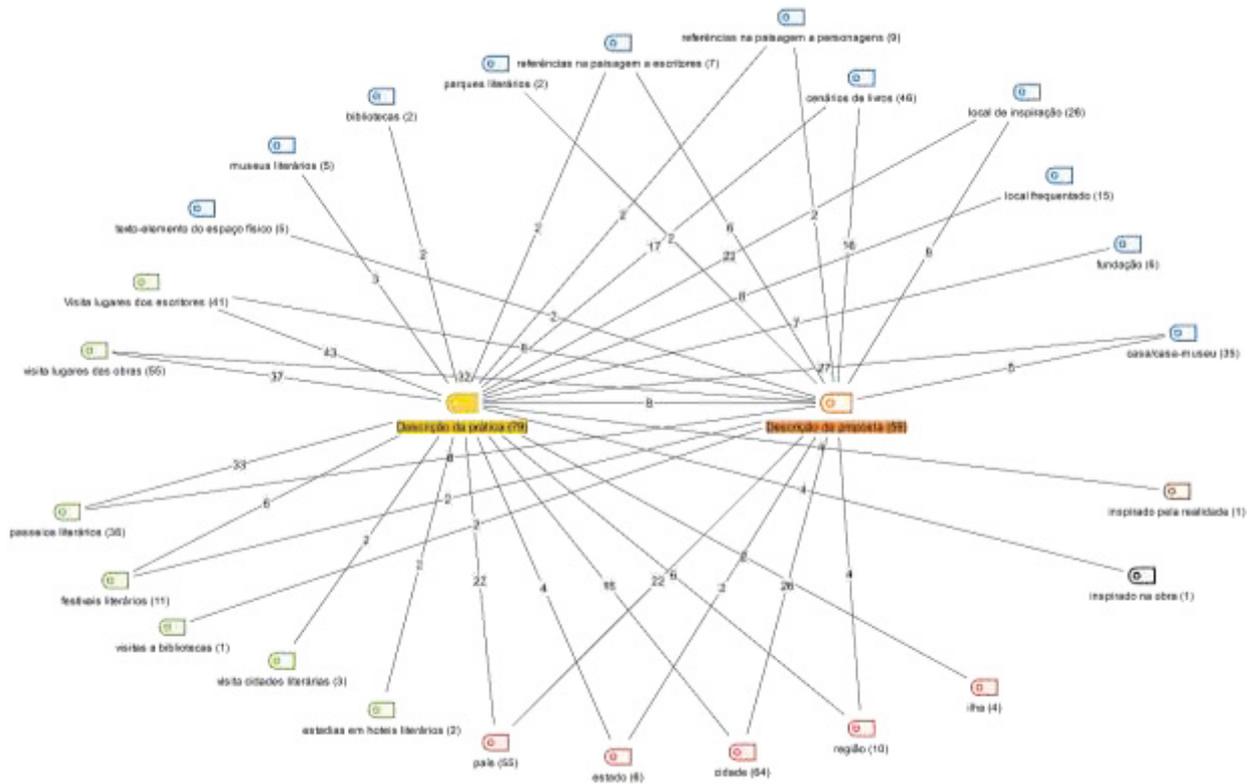
FONTE: Dados da pesquisa, MAXQDA (2023)

Os lugares são simbólicos e se constroem na interseção das pessoas com o espaço, além de manifestarem diversas interpretações entre escritores, textos, leitores e prática de turismo literário (Tetley, 1998; Quinteiro; Gonçalves; Carreira, 2020). O espaço é, portanto, o elemento tangível em que o turista literário se encontra com os personagens, com o escritor, com as paisagens descritas nos livros (Menezes, 2016; Quinteiro; Baleiro, 2019).

O turismo literário associa-se a lugares celebrados por representações literárias ou pelas conexões com as figuras da literatura (Squire, 1996a). Assim, pode-se inferir que as propostas para o turismo literário estão majoritariamente associadas à visita a lugares associados às obras literárias, especialmente aos locais que inspiraram as narrativas e que compuseram os cenários destas obras. Conquanto, as experiências que já recebem visita são relacionadas igualmente às obras e aos escritores e os lugares mais requeridos são os espaços geográficos

que comportam os cenários dos livros e as casas ou casas-museu dos escritores. As práticas e propostas também convergem nos estudos, especialmente quando os pesquisadores buscam maximizar as experiências literárias já atuantes ou como exemplificação de casos efetivos de sucesso e a possibilidade de implementação em outros contextos geográficos. A Figura 8 representa a coocorrência dos códigos na análise.

FIGURA 8 - MODELO DE COCORRÊNCIA DE CÓDIGOS



FONTE: Dados da pesquisa, MAXQDA (2023)

O turismo literário, analisado pelo viés das propostas e práticas, pode ser compreendido pelas experiências relacionadas aos escritores e aos livros e, torna-se tangível a partir do encontro dos visitantes com os lugares que se relacionam a esses elementos. Mormente, turistas literários buscam conectar-se às paisagens literárias que serviram para a construção de narrativas, como a Colômbia de Gabriel García Márquez e a Inglaterra de Jane Austen, ou ainda visitar as casas-museu que comportam toda a história da vida de um escritor, como a casa de Cora Coralina, em Goiás-Brasil, ou ainda a *Cavendish Home*, no Canadá, casa de L. M. Montgomery, autora de *Anne de Green Gables*.

Por fim, por meio de uma nuvem de palavras (Figura 9) emergiram os principais termos dos estudos analisados pela presente revisão sistemática.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como finalidade apresentar as estratégias de pesquisa, descrever o corpus da pesquisa, a construção dos instrumentos de coleta de dados e as ferramentas de análise e interpretação dos dados.

6.1 OS CAPÍTULOS QUE COMPUSERAM ESTA HISTÓRIA

A produção científica é um processo cumulativo (Maletta, 2009), assim, minhas experiências pessoais e acadêmicas repercutem nas minhas escolhas metodológicas, afinal essa pesquisa situa-se na abordagem qualitativa, que pressupõe a presença ativa da pesquisadora. As minhas escolhas e meus posicionamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos constroem análises sobre o fenômeno do turismo literário a partir de um ponto de vista que, certamente, será distinto de outros pesquisadores que tiveram/tem/terão outras escolhas (Grix, 2009).

Assim, é substancial que eu compartilhe, a partir de uma narração em primeira pessoa, as experiências que me trouxeram até aqui, para que as estratégias de pesquisa fiquem, então, esclarecidas. Essa história inicia-se em 2021 e, por dois anos, busquei participar de eventos e elaborar trabalhos que me ajudassem a compreender de maneira ampla o turismo literário.

Eu sabia, assim como um leitor com seu livro novo, que essa história de dissertação, ambientada no turismo literário, com uma narrativa que resgatou os conceitos da geografia, da cultura e da literatura, me impulsionaria à uma catarse. Além dos motivos pessoais pela escolha do objeto de pesquisa, há de recorrer aos expostos supracitados da importância sociocultural que a literatura desempenha, bem como o fenômeno do turismo.

Ao longo desse um ano e meio de pesquisa, em conjunto com meus orientadores, eu desenvolvi diversas atividades: a) participei como ouvinte do Simpósio Internacional "Literatura, turismo: museificação e divulgação dos lugares dos escritores", do III Encontro UFF e UERJ - Rio de Janeiro e Lisboa: Cidades Literárias, do Curso de Extensão Literatura e Paisagem: Cidades Escritas; b) apresentei no XVIII ANPTUR (2021) o trabalho intitulado "Sobre sete colinas : o destino Lisboa nove décadas após o guia "O que o turista deve ver", de Fernando Pessoa" e no XIX ANPTUR (2022) o trabalho intitulado "Práticas de turismo literário: uma revisão sistemática da literatura"; c) apresentei, no IX FCGTURH - Fórum Científico De Gastronomia, Turismo e Hotelaria (2021), o trabalho intitulado "Os lugares literários de Helena Kolody, Jamil Snege e Paulo Leminski: referências iniciais para um roteiro

literário e turístico em Curitiba-PR"; d) Na conferência online *Literature, Tourism and Waterscapes* apresentei o trabalho "*Literary Waterscapes: Water Representation in the Travel Diary Italian Journey, by Johann Wolfgang Von Goethe*".

Em acréscimo à trajetória acadêmica de mestranda, eu participei de três práticas literárias:

1) Em agosto/2022 atendi à 9ª edição do Litercultura – Festival Literário de Curitiba: evento criado em 2013, se caracteriza como um dos maiores festivais literários do Brasil, e já reuniu mais de 100 autores e autoras, evidenciando a literatura local, nacional e internacional. Neste ano, o multipremiado autor Itamar Vieira Junior debateu sobre a literatura no Brasil, os povos originários e quilombolas. Tive a oportunidade de prestigiar esse painel e estar em contato com um dos maiores autores nacionais.

2) Em setembro/2022 foi realizada a 3ª edição da FLIMO – Festa Literária de Morretes. Semanas antes do evento, a FLIMO já desenvolvia ações de incentivo à leitura pela cidade como oficinas para crianças, formações para professores da rede pública de ensino, apresentações de artes cênicas e uma biblioteca móvel para a infância. Durante o evento, paralelamente aos debates e espetáculos voltados ao público adulto, a ORELHA, programação infantil, foi desenvolvida foi diversas atividades para as crianças. Infelizmente, pude participar apenas de um dia dos painéis, mas foi uma super experiência atender à conversa "Pensar e fazer o literário: mulheres criadoras de movimento" que contou com a participação de Alice Ruiz (uma das principais escritoras paranaenses), Andréia Carvalho Gavita e Julia Raiz.

3) O XIX Seminário da ANPTUR/2022 ocorreu em Recife/PE e participei do evento presencialmente, o que me concedeu a oportunidade de visitar a Vivenda Santo Antonio de Apipucos, hoje (2023) Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre. A casa-museu é o local onde o escritor morou por mais de 40 anos. A construção, reconhecida como casa-grande original do século XIX e reformada em 1881, abriga o conjunto de objetos colecionados, guardados e ordenados pela família Freyre. A visita foi realizada por uma mediadora da instituição e nos conduziu pelos ambientes internos e externos da casa. A duração da visita teve em média uma hora e a mediadora nos apresentou com um guiamento repleto de histórias, interpretações e dúvidas respondidas. É proibido o uso de câmeras nos ambientes externos, mas foi possível registrar esse emocionante momento pelos ambientes externos. Essa, acredito eu, pode ser considerada realmente uma prática de turismo literário, afinal a casa-museu constava no meu roteiro muito antes de ter o trabalho aprovado para apresentação. Além disso, ainda em Recife

visitei algumas das estátuas que compõem o Circuito da Poesia⁴, como por exemplo Antônio Maria, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna.

Juntas, trajetória acadêmica e as experiências práticas, contribuíram na construção textual e nas escolhas de percursos desta pesquisa. Por conseguinte, espero assim tornar legível aquilo que até pouco tempo só eu compreendia em meus rascunhos, afinal toda experiência virou história para contar e me geraram uma catarse que transformou completamente esta pesquisa e oportunizou novas estratégias teóricas e metodológicas.

6.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS DA PESQUISA

De forma elementar, o conhecimento foi produzido a partir da experiência. A partir das experiências e observações o homem pré-histórico concebeu seu saber e, ao longo do tempo, muitas formas foram elaboradas e contestadas antes do saber ser concebido da maneira mais eficaz possível: a pesquisa científica. A trajetória do saber perpassou mitos, tradições, a figura da autoridade e crenças antes de ser cunhado de maneira racional, à luz da cientificidade (Laville; Dionne, 1999).

A produção científica é um processo contínuo em que a investigação científica está diretamente relacionada à comunicação científica (Maletta, 2009), ou seja, a relação entre teoria, metodologia e dados empíricos origina o conhecimento a partir dos resultados da investigação, que por sua vez, se interligam diretamente à lógica e linguagem dando forma aos produtos científicos, comunicados à comunidade científica e por ela validados como investigação científica.

Maletta (2009) enfatiza que ainda que toda investigação científica precise de comunicação científica para ser validada, não é necessário dados empíricos para que o saber seja entendido como científico. O conhecimento que eu produzirei, a partir da produção da minha pesquisa, pode ser entendido como conhecimento científico porque será produzido em formato de dissertação e validado por professores pesquisadores, que fazem parte de “tribos acadêmicas” (Tribe, 2010) e, posteriormente, a pesquisa poderá ser apresentada em comunicações redigidas em formato de artigos, divulgados aos nossos pares da comunidade científica (Maletta, 2009).

Todavia, esse construto de produção científica está calcado numa ideia parcial de conhecimento científico, afinal, para além de uma posição circunscrita em uma redoma de

⁴ Circuito da Poesia em Recife/PE: <https://circuitodapoesia.recife.pe.gov.br>

comunicação científica, cabe também a mim, como pesquisadora e narradora desta história, que o turismo literário seja comunicado e divulgado para a sociedade civil, dando enfoque às dinâmicas culturais, socioeconômicas e políticas relativas ao desenvolvimento do fenômeno do turismo. Finalmente, a principal tarefa da ciência é criar conhecimento útil.

Considerando isto, a compreensão da ontologia e epistemologia, que delineiam o estudo, é o princípio para a indicação dos procedimentos metodológicos escolhidos para esta pesquisa. Pois, na pesquisa, essas ferramentas específicas têm seus propósitos, afinal o conhecimento claro dos pressupostos ontológicos e epistemológicos na pesquisa contribuem para compreender a inter-relação dos componentes da pesquisa e, especialmente, os *'building blocks'* contribuem na defesa das nossas escolhas de pesquisa (Grix, 2002).

A ontologia parte da questão: qual a natureza do conhecível? Ou ainda, qual a natureza da realidade? Enquanto isso, a epistemologia busca responder: qual é a natureza da relação entre o conhecedor (inquiridor) e o conhecido (ou conhecível)? (Ayikoru, 2009).

A ontologia é o ponto de partida da pesquisa, e pode ser esclarecido como o que acreditamos constituir a realidade social em estudo (Grix, 2002). Assim, este estudo parte do princípio do construtivismo, ou ainda, antifundamentalista, em que os fenômenos sociais e seus significados estão continuamente sendo realizados por atores sociais. Isso implica que os fenômenos e categorias sociais não são apenas produzidos por meio da interação social, mas que estão em constante estado de revisão. A realidade é uma construção por intermédio da interação social e em constante revisão (Grix, 2002; Ayikoru, 2009; Bryman, 2016;).

No paradigma interpretativo das ciências sociais, a relação entre o pesquisador e o sujeito é mais subjetiva do que objetiva (Jennings, 2001). Assim, a escolha do tema não foi aleatória e não existe a intenção de separar sujeito de objeto de estudo, tampouco distanciar a figura de pesquisadora da natureza do conhecível, pois a realidade da natureza se mistura a própria pesquisadora afinal, esta é também uma construção sempre inacabada de produção do conhecimento.

Sendo que a ontologia é o que podemos saber, a epistemologia diz respeito as possíveis formas de conhecer a realidade em estudo, ou seja, como o que se supõe a existência possa ser conhecido. “A noção de epistemologia direciona a compreensão da relação do pesquisador com seu sujeito/objeto de estudo e é fundamental para o processo de produção e desenvolvimento de conhecimento. Dessa forma podemos conhecer o sujeito/objeto de estudo dependendo dos conceitos adotados, ou seja, da lente teórica utilizada” (Massukado-Nakatani, 2011, p. 86).

O conhecimento e as formas de descobri-lo não são estáticos, mas estão sempre mudando (Grix, 2002, p.177), assim sendo, adotamos como natureza do conhecimento uma

abordagem interpretativista, como uma posição que respeita as diferenças entre sujeitos e objetos, produzindo uma descrição subjetiva da realidade, dando ênfase às estruturas sociais e a ação dos atores que compõem a realidade em estudo, especialmente aplicada ao campo cultural (Grix, 2002; Flick, 2009; Bryman, 2016;).

A posição interpretativista enfatiza a compreensão de um fenômeno por meio da interpretação das opiniões de seus participantes. Assim, o interpretativismo diz respeito à interação entre os indivíduos (Bryman, 2001; Creswell, 2007; Denzin; Lincoln, 2018), tendo em conta que múltiplas realidades e verdades existem e são cocriadas e co-construídas (Creswell, 2007; Jennigs, 2001; Bryman, 2016).

Em pesquisas de abordagem qualitativa, as teorias fornecem lentes que moldam a realidade em questão em as indagações que são feitas, ainda assim a teoria pode ser modificada ou ajustada a partir das descobertas da realidade social (Creswell, 2007). Em acréscimo, as teorias ajudam a fornecer uma base para a compreensão do complexo fenômeno multidisciplinar do turismo (Brentch Ritchie; Sheehan; Timur, 2008). A teoria também molda a análise de pesquisa com o objetivo de explicar as observações por meio de conceitos, assim para entender a aplicação teórica adotamos o modelo dedutivo, isto é, pelo método científico (Bricker *et al.*, 2015).

Logo, partimos do pressuposto de que é possível aproximar-se da natureza do fenômeno do turismo literário considerando uma configuração que envolve os atores sociais, organismos de atuação nas políticas públicas culturais e estruturas analíticas de documentos de proposições e ações no que tange o fenômeno, em um espaço-tempo demarcado.

6.3 ABORDAGEM, DELIMITAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para responder à problemática enunciada, a pesquisa adotou abordagem qualitativa, que é aquela que “procura descobrir e descrever as coisas relevantes que tem significado no mundo – tipos de pessoas, tipos de ações, tipos de crenças e interesses – focando nas diferenças e como as formas dos fenômenos fazem diferença nos significados” (Erickson, 2018). A pesquisa qualitativa tem como estratégia dar ênfase às palavras, ações e interpretações em vez de quantificação, seja no ato da coleta ou análise dos dados, oportunizado as pluralizações (Bryman, 2016; Flick, 2009).

O projeto de pesquisa qualitativa resiste à tentativa de imperar um paradigma único sobre o projeto (Denzin; Lincoln, 2018). Ela não é exatamente facilmente explicada, pois é

constituída de muitas camadas e tecidos e é sustentada por pressupostos interpretativistas (Creswell, 2007). Assim, pode-se dizer que:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Eles transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e memorandos para si mesmo. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus ambientes naturais, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas atribuem a eles (Denzin; Lincoln, 2018, p.43)

Algumas características são atribuídas à pesquisa qualitativa e contribuem na aderência das justificativas de abordar o estudo a partir de uma lente qualitativa: a) é interpretativo e com significados múltiplos; b) é situacional e dificilmente generalista, ocupando-se de um viés holístico; c) é personalístico e empático para compreender as percepções no campo (Stake, 2016); d) o pesquisador coleta dados no campo de habitat natural dos participantes; e) o pesquisador assume-se como um instrumento-chave; f) a reunião de múltiplos métodos para entender o significado da natureza da realidade; g) raciocínio complexo por meio da lógica indutiva e dedutiva, afinal a pesquisa qualitativa é um processo de ir e voltar diversas vezes; h) foco no significado que os participantes atribuem à questão; i) projetos de pesquisa emergentes, que podem ser alterados quando os pesquisadores adentram o campo; j) posicionamento dos pesquisadores, isto é, as experiências pessoais colaboram na interpretação da realidade (Creswell, 2007).

Nessas pesquisas, eu como pesquisadora compreendo que as alegações descritas anteriormente, minha trajetória acadêmica e experiências têm papel fundamental na investigação. Meus vieses, valores e interesses estão diretamente relacionados ao tópico e ao processo de pesquisa (Creswell, 2007).

A abordagem qualitativa permite explorar determinados fenômenos sociais e descrever uma situação social circunscrita. Posto isto, pode-se classificar também a pesquisa como exploratória, ou aquela que objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema em estudo, e como descritiva, a partir da descrição das características do fenômeno do turismo literário (Gil, 2002; Deslauries; Kérisit, 2008).

As escolhas aqui definidas se dão porque as pesquisas que tratam do turismo literário no Brasil são ainda incipientes e, além disso, não foram identificados estudos sobre a temática no contexto do destino Curitiba, ainda que seja uma cidade com representações literárias.

O estudo de caso foi escolhido como procedimento metodológico desta pesquisa, pois envolve o estudo de um exemplo - um caso – de um fenômeno sendo pesquisado. A pesquisa de estudo de caso é uma abordagem qualitativa em que o pesquisador investiga um sistema determinado da vida real, isto é, um caso ou múltiplos casos, através da coleta de dados detalhas e que envolva múltiplas fontes de informação, como por exemplo observações, entrevistas e análise de documentos (Yin, 2001; Veal, 2011; Creswell, 2014).

Em suma, pode-se dizer que “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Yin, 2001, p. 21). Ainda segundo Yin (2001), é possível definir esta pesquisa como um projeto de pesquisa com casos múltiplos, pois pretende-se analisar as práticas e as propostas do turismo literário em Curitiba, resultando em um estudo de casos múltiplos e holístico.

6.4 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS

Tendo em conta que estudos internacionais costumam investigar a relação entre visitação, turismo e lugares literários e demonstram a relevância de conhecimento preliminar sobre vida e obra dos autores, como também do acervo de referências geográficas e da paisagem que articulam experiências de turismo literário (Yu; Xu, 2016; Wang; Zhang, 2017; Quinteiro; Gonçalves; Carreira, 2020), percebeu-se que, ainda que Curitiba tenha acolhido e presenciado escritores de notoriedade nacional, cujas vidas e obras estão conectadas aos locais do estado do Paraná, não existem estudos acerca do fenômeno do turismo.

Assim, a primeira etapa da pesquisa se constitui da revisão sistemática da literatura, seguida da construção de um framework para compreensão dos conceitos discutidos. A segunda etapa se constitui de um levantamento dos lugares literários e práticas literárias em Curitiba, a partir da pesquisa em sites oficiais, como Paraná Turismo, Fundação Cultural de Curitiba e Instituto Municipal de Turismo de Curitiba.

A Coleção Roteiros Turísticos, idealizada pelo Instituto Municipal de Turismo de Curitiba tem em seu portfólio o roteiro intitulado “A Curitiba de Leminski”, lançado em 2017, composto por diversos lugares contemplados pelo poeta e músico Paulo Leminski na cidade. O roteiro literário não é divulgado e não é mais distribuído nos pontos turísticos da cidade. A segunda etapa da pesquisa buscará entrevistar informantes qualificados do Instituto Municipal de Turismo de Curitiba e da Fundação Cultural de Curitiba para compreender como esta prática de turismo literário ocorreu, os motivos pelos quais não há divulgação e entrega nos pontos

turísticos e investigar a estagnação do roteiro, bem como compreender as interfaces do turismo e da cultura com a literatura.

Não foram identificadas investigações acerca de itinerários, rotas ou roteiros de turismo literário que fazem uso do material e obra literária de escritores da cidade de Curitiba. Embora a série “Roteiro Literário”, publicada pelo selo Biblioteca Paraná, braço editorial da Biblioteca Pública do Paraná, composta por três volumes: Roteiro Literário Helena Kolody (2018), Roteiro Literário Jamil Snege (2017) e Roteiro Literário Paulo Leminski (2018), apresente um capítulo específico sobre lugares da vida e das obras dos escritores, não se tem conhecimento de estudos sobre esses escritores. Deste modo, propõe-se, a partir da análise de conteúdo hermenêutica, analisar o capítulo de geografia literária dos Roteiros Literários Helena Kolody (2018), Jamil Snege (2017) e Paulo Leminski (2018), buscando identificar as potencialidades turístico-literárias desses roteiros.

A última etapa constitui-se no estudo de caso, sendo essa uma triangulação entre os dados obtidos e objetivando caracterizar as propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR. O quadro 10 resume os procedimentos metodológicos deste estudo.

QUADRO 10 - Procedimentos metodológicos da pesquisa

Problema de pesquisa: Qual é a conjuntura atual e o potencial do turismo literário em Curitiba/PR?		
Objetivo geral: analisar as propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR.		
Objetivos específicos	Instrumento de coleta de dados	Amostragem
Compreender as propostas e práticas do turismo literário através da revisão sistemática da literatura.	Revisão sistemática da literatura.	Corpus de 110 artigos científicos.
Identificar os lugares literários, os projetos e as potencialidades de turismo literário em Curitiba/PR.	Levantamento.	Sites oficiais: Paraná Turismo, Fundação Cultural de Curitiba e Instituto Municipal de Turismo de Curitiba.
	Entrevista semiestruturada.	Informantes qualificados que trabalharam com a concepção e implantação do roteiro “A Curitiba de Leminski”.
	Análise de conteúdo hermenêutica	Roteiros Literários: Helena Kolody (2018), Jamil Snege (2017) e Paulo Leminski (2018).
Caracterizar o cenário das propostas e práticas de turismo literário em Curitiba/PR.	Estudo de caso	Composição dos dados totais da pesquisa por meio de framework e um ensaio de proposta.

FONTE: A autora (2023)

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 CURITIBA LITERÁRIA: OS LUGARES E OS FESTIVAIS LITERÁRIOS

No âmbito das políticas públicas, Curitiba possui um Plano Municipal do Livro, Leitura Literatura e Bibliotecas (Decreto 1.232/15) ((PMLLLB – Curitiba), com diretrizes e linhas de ação para a criação e manutenção do escopo da literatura. O Plano foi aprovado por Lei em 2016, no entanto, até o momento não há uma comissão executiva das estratégias propostas.

O Foro Setorial do livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (Foro L3B) de Curitiba reúne agentes de diversos eixos literários na cidade enquanto sociedade civil para a construção coletiva de ações para a expansão das políticas públicas para a área e, atualmente (2022-2023), tem articulado com a Fundação Cultural de Curitiba e Secretaria Municipal de Educação para dar andamento à construção do colegiado executivo do PMLLLB.

Em suma, o PMLLLB organiza-se em quatro eixos estratégicos: I) democratização do acesso; II) fomento à leitura e à formação de mediadores; III) valorização institucional da leitura e de seu valor simbólico e; IV) desenvolvimento das cadeias produtiva e criativa do livro.

A principal política pública de leitura do município é o Programa Curitiba Lê, criado em 2010 pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC), tem como prelúdio as casas de leitura (imagem x) que, atualmente, somam 15 espaços para empréstimos de livros e realização de ações de fomento à leitura. Atendendo um público variado de crianças, jovens, adultos e idosos, as Casas da Leitura buscam manter vínculo com a comunidade de seu entorno, principalmente por meio de instituições como escolas, centros sociais, associações de bairro, ONGs etc. Muitos desses espaços estão localizados em Ruas da Cidadania de diversas Regionais de Curitiba, para tornar-se acessível à comunidade. Além desses espaços, o Bondinho da Leitura (Figura 10) e o Farol do Saber Miguel de Cervantes também são constituintes do incentivo à literatura.

FIGURA 10 - BONDINHO DE LEITURA, NA RUA XV



FONTES: Centro Histórico de Curitiba e Prefeitura Municipal de Curitiba - Cido Marques (2023)

Para construção desta pesquisa, fez-se necessário fazer o levantamento dos lugares correlatos à literatura na cidade de Curitiba. As fontes de pesquisa foram sites oficiais: Paraná Turismo, Viaje Paraná, Instituto Municipal de Turismo de Curitiba e Fundação Cultural de Curitiba. As buscas visaram identificar dentre atrativos turísticos e espaços culturais, os lugares literários. O quadro 11 apresenta os lugares identificados e suas descrições.

QUADRO 11 - LUGARES LITERÁRIOS DE CURITIBA

LUGARES	DESCRIÇÃO
Biblioteca do Bosque Alemão	A Biblioteca do Bosque Alemão, também conhecida como Casa Encantada ou Casa da Bruxa, foi inaugurada em 1996. No caminho até a casa, os visitantes percorrem uma trilha formada por painéis com azulejos com trechos e imagens da história de João e Maria, um dos contos mais populares da literatura infantil, de autoria dos Irmãos Grimm, de 1812. A Biblioteca possui acervo de livros destinado ao público infantil e presta atendimento às escolas e comunidade em geral com contações de histórias, realizadas por pessoas fantasiadas de bruxas.
Biblioteca Hideo Handa	O espaço está localizado dentro do memorial da imigração Japonesa, na praça do Japão e possui obras da cultura nipônica em português e japonês. Além disso, oferece atividades culturais com o objetivo de divulgar a cultura oriental.
Biblioteca Pública do Paraná	A Biblioteca Pública do Paraná foi criada pelo vice-presidente da província José Antônio Vaz de Carvalhaes, em 7 de março de 1857. É considerada uma das maiores bibliotecas públicas do Brasil, com seus 8,5 mil metros quadrados. O acervo reúne cerca de 730 mil livros, periódicos, fotografias, mapas, cartazes e materiais de multimeios e multimídia. Segundo dados da Biblioteca, o espaço é altamente frequentado por diversos públicos e atende em média 2 mil usuários e realiza aproximadamente 500 empréstimos de livros por dia.
Bondinho da Leitura	O equipamento é um antigo bonde elétrico, que não fez nenhum transporte e veio com o intuito de exposição para o calçadão da Rua XV. Inaugurado em 1973, foi destinado à recreação para crianças, com atividades pedagógicas e artísticas. De 1986 a 1989 foi ponto de informações turísticas da cidade. Em 2010 foi revitalizado e, sob a administração da FCC, passou a abrigar o bondinho da leitura, parte das ações do programa Curitiba Lê. É também um espaço para empréstimo de livros.
Casa da Leitura Augusto Stresser Casa da Leitura Dario Vellozo Casa da Leitura Hilda Hilst Casa da Leitura Jamil Snege Casa da Leitura Laura Santos Casa da Leitura Manoel Carlos Karam Casa da Leitura Marcos Prado Casa da Leitura Maria Nicolas Casa da Leitura Miguel de Cervantes Casa da Leitura Nair de Macedo Casa da Leitura Osman Lins Casa da Leitura Walmor Marcellino	Espaços para empréstimos de livros, compostas por acervos especializados em literatura e artes e com ações de incentivo à leitura, promovendo atividades como rodas de leitura e contações de histórias.

Casa da Leitura Wilson Bueno – Portão Cultural Casa da Leitura Wilson Martins Casa da Leitura Paulo Leminski	A Casa da Leitura Paulo Leminski foi inaugurada em 16 de abril de 2010 e foi nesta biblioteca que surgiu o projeto "O contador de histórias". A Casa da Leitura presta homenagem ao poeta e escritor curitibano Paulo Leminski (1944-1989), autor de uma extensa e relevante obra literária, que inclui poesias, romances, contos, biografias, traduções e letras de músicas. Entre suas obras mais conhecidas estão "Catatau", "Agora é que são elas", "Caprichos e Relaxos" e "Metamorfose, uma viagem pelo imaginário grego" (Fundação Cultural de Curitiba, 2023).
Farol do Saber Miguel de Cervantes	O espaço que era ocupado pela Casa da Leitura Miguel de Cervantes foi reformado e inaugurado em junho de 2016, para abrigar também outras atividades culturais. Além da biblioteca, o espaço tem o Atelier La Mancha, com uma programação voltada a todas as idades, envolvendo várias linguagens, como dança, música, circo, cinema e teatro. O Farol possui um amplo acervo de livros em espanhol, contendo obras de referência da literatura espanhola, entre elas a obra-prima de Cervantes, "Dom Quixote de la Mancha", e de autores da literatura ibero-americana, como Federico García Lorca, Jorge Luis Borges e Isabel Allende.
Feira do Poeta	Localizada no Largo da Ordem, a Feira do Poeta se integra a outras iniciativas de apoio à poesia. A Feira funciona de terça a domingo como mais uma opção cultural para os frequentadores acompanharem os eventos e visitar a biblioteca especializada. O espaço recebe aos domingos novos e antigos frequentadores, escritores, amantes da poesia e da literatura para encontros, lançamentos, declamações e performances.
Gibiteca de Curitiba	A Gibiteca de Curitiba é um centro cultural dinâmico. O local dispõe de mais de 32 mil títulos de todos os gêneros de histórias em quadrinhos, para consultas, além de abranger outras iniciativas, entre elas cursos, oficinas de criação, exposições, palestras, lançamentos e encontros de RPG (Role Playing Game).

FONTE: Elaborado pela autora (2023), com dados da pesquisa.

Outro projeto da cidade são as Tubotecas, mantidas pela parceria entre Fundação Cultural de Curitiba Urbanização de Curitiba (Urbs) e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc). Em 2023, as Tubotecas completaram 10 anos desde sua implementação. Os passageiros que utilizam dez estações-tubo (pontos de ônibus de linhas de grande circulação) na região central de Curitiba podem fazer o empréstimo de mais de dois mil livros que abastecem as Tubotecas semanalmente. Diariamente, as prateleiras do projeto são abastecidas com uma média de 40 exemplares, em horários alternados, para alcançar uma variedade maior de público.

O projeto Tubotecas (Figura 11) já recebeu mais de 234 mil livros, colocando mais de 137 mil livros em circulação por meio do projeto. Para que o acervo chegue em boas condições

para ser lido pelos passageiros, a coordenação de Leitura da FCC controla o conteúdo, recebendo, selecionando e catalogando, para que enfim, seja disponibilizado para os leitores que passam pelas tubotecas.

Maria Lúcia de Faria, responsável pelas Tubotecas, destaca que o objetivo principal é estimular a leitura em espaços públicos. “As Tubotecas são um meio de democratizar o acesso à leitura, uma forma de fazer com que o livro circule, gerando um movimento cultural” (Maria Lúcia, Fundação Cultural de Curitiba, 2023).

FIGURA 11 – TUBOTECA



FONTE: Hamed Almeida, Fundação Cultural de Curitiba (2023)

Além do Bondinho da Leitura que está concentrada em uma das ruas mais famosas da cidade (Rua XV ou Rua das Flores) e declarada ponto turístico, a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) surgiu com a proposta de formar um pequeno acervo de obras, se transformou em um grande espaço de encontro do povo e de acesso a literatura e é um importante lugar literário da cidade. O prédio que a comporta foi tombado como Patrimônio Cultural em 18 de dezembro de 2003, dentro da programação alusiva ao sesquicentenário da emancipação política do Paraná.

A BPP realiza diversos projetos, sendo um deles a Festa Literária da Biblioteca (Flibi), que conta com palestras, bate-papos, oficinas e apresentações de teatro e música. As três edições já realizadas do evento homenagearam, respectivamente, os escritores Manoel Carlos Karam (1947-2007), Jamil Snege (1939-2003) e Dalton Trevisan. Todas as atividades são gratuitas e acontecem no mês de outubro de todos os anos, durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

O projeto “Um Escritor na Biblioteca” tem como objetivo apresentar um bate-papo com autores da literatura brasileira sobre suas carreiras e obras. Os escritores são instigados a falar sobre temas variados, como processo criativo, hábitos de leitura, livros essenciais. A primeira pergunta é sempre sobre a relação do convidado com as bibliotecas. Criado nos anos 1980, em sua primeira temporada o projeto contou com a presença de Paulo Leminski, Ignácio de Loyola Brandão, Fernando Morais, Helena Kolody, Antonio Callado, Nélida Piñon, Domingos Pellegrini, Thiago de Mello, Marcio Souza e Fernando Sabino. Os encontros ocorreram entre 1984 e 1986. Retomado em 2011, com programação mensal e gratuito, o bate-papo desde então já trouxe mais de 40 autores à BPP.

A Gibiteca é outro lugar literário de Curitiba que foi criada em 1982 e, teve como primeiro endereço uma das salas da Galeria Schaffer. Depois, em 1988, transferiu-se, para o Centro Cultural Solar do Barão, onde permanece até hoje. O Solar do Barão teve o início de suas obras em 1880, para servir de residência ao ervateiro Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Como complexo cultural, foi inaugurado em novembro de 1980 para promoção da arte. Toda a gama de gibis infantis, heróis, humor, terror, cartuns, fanzines, mangás e exemplares estrangeiros faz do acervo da Gibiteca uma fonte valiosa para pesquisas. Nele estão guardados exemplares do personagem “Gibi”, nome que mais tarde foi apropriado para designar as revistas em quadrinhos. Há também as primeiras edições de “Tico-tico” e “O Globo Juvenil” (os mais antigos são datados de 1942), as primeiras edições nacionais de Batman e Capitão América, da década de 1950, além de uma coleção completa do Pasquim.

A Gibiteca é parceira grandes eventos como a Bienal de Quadrinhos, Shinobi Spirit, Geek City, Jedicon, Matsuris, Trekcon, Maltão encontro de ilustradores, Zombie Walk, Festival Estronho, Jogarta, Literatiba, RPG World Festival, NANU entre outros e produz Bienalmente a Traços Curitibanos, panorama histórico e atual da produção local.

Na sequência, buscou-se identificar nos roteiros turísticos disponibilizados no site do Instituto Municipal de Turismo quais lugares caracterizados por literários estavam disponíveis nos roteiros. Identificou-se que no Roteiro Curta Curitiba Pé consta o Bondinho de Leitura e a Biblioteca Pública, no Roteiro Curta Curitiba Piaçada, desenvolvido para elencar locais para crianças, consta a Biblioteca Pública e a Gibiteca e o Bondinho de Leitura. Não há outro roteiro que conste lugares literários, com exceção do roteiro a Curitiba de Leminski.

Quanto ao levantamento de eventos literários, foram encontrados três eventos representativos na cidade de Curitiba, além dos supracitados que são produzidos ou apoiados pela Gibiteca e pela BPP. Os eventos constam abaixo com suas descrições:

- Litercultura: o evento foi criado em 2013, pela produtora cultural Manoela Leão, e é um dos principais festivais literários de Curitiba que, ao longo de seus nove anos de existência, já reuniu mais de 100 autores e autoras e milhares de outras pessoas, colocando em evidência a literatura local, a nacional e internacional. Entre os participantes, diversos nomes de destaque já subiram ao palco do Litercultura, como: o Nobel de Literatura, J. M. Coetzee; Alberto Manguel; Gonçalo M. Tavares; Alan Pauls; Ana Maria Machado; Cristovão Tezza; Marcelo Sandmann; Luiz Felipe Leprevost; Luís Henrique Pellanda, Eduardo Spohr, Estrela Leminski, Luci Collin, Luiz Rufatto, Valter Hugo Mãe, Itamar Vieira Junior e outros. O evento tem caráter anual e consagra-se por trazer uma programação plural.

FIGURA 12 - LOGO LITERCULTURA



FONTE: Litercultura (2023)

- Festival da Palavra: Em setembro de 2023 aconteceu o I Festival Internacional da Palavra, evento literário que reuniu convidados nacionais e internacionais para discutir a literatura. Organizado pela Fundação Cultural, teve aproximadamente 100 participantes, com destaques para a premiada moçambicana Paulina Chiziane, primeira mulher negra a vencer o Prêmio Camões, em 2021, e o português José Luís Peixoto, ganhador do Prêmio José Saramago de 2001. De outros países, estão ainda em destaque a autora irlandesa Mary O'Donnell, a argentina Inés Garland, a libanesa Iman Humaydan, a indiana Jyoti Kiran Shukla e o americano Kiran Bhat (de raízes indianas). O festival homenageou o escritor curitibano Dalton Trevisan, vencedor do Prêmio Camões 2012 pelo conjunto de sua obra e teve como participantes autores e artistas paranaenses - Alice Ruiz, Cristóvão Tezza, Giovana Madalosso, Nadja Naira, entre outros.

Além disso, a programação contou também com o 1º Salão do Livro para a Infância e Juventude, que além de uma feira de livros tinha como propósito o incentivo à leitura. Um destaque do evento foi a maratona de 24 horas de poesia, em que 48 poetas de Curitiba declamaram suas obras.

FIGURA 13 - LOGO FESTIVAL DA PALAVRA



FONTE: Fundação Cultural de Curitiba (2023)

- **Bienal de Quadrinhos de Curitiba:** A Bienal de Quadrinhos de Curitiba é um dos mais importantes eventos de HQ do Brasil e acontece a cada dois anos. A Bienal é idealizada e produzida por um grupo de artistas, produtoras e produtores independentes. O evento conta com Palestras, encontros, feira literária, lançamentos de livros, sessões de autógrafos e oficinas com a missão de fortalecer e incentivar a leitura. Em cinco edições, um público estimado de 110 mil pessoas foi contemplado com a reunião de importantes autores de diversas gerações.

FIGURA 14 - LOGO BIENAL DE QUADRINHOS



FONTE: Bienal de Quadrinhos de Curitiba (2023)

Em suma, considerando o caráter propositivo, infere-se que Curitiba possui um conjunto de lugares literários voltados para a conexão com as obras literárias e experiências de caráter de festival literário.

7.2 A RELAÇÃO DA CULTURA E DO TURISMO COM A LITERATURA: O CENÁRIO REFLETIDO PELAS ENTREVISTAS COM O SETOR PÚBLICO

O intuito de realizar entrevistas foi o de compreender de que forma o turismo literário está inserido nas diretrizes dos organismos públicos de Curitiba. Em primeira instância, a Fundação Cultural de Curitiba (FCC), representada por Mariane Filipak Torres, coordenadora de literatura da FCC, contribuiu no que tange os aspectos culturais e projetos que abarcam a literatura e, na sequência, o Instituto Municipal de Turismo (IMT), representado por Maíra Pedron Fontana e Celita Weigert, concentrou-se na relação direta da literatura com o turismo na cidade de Curitiba.

O cenário construído pelas entrevistas que compõem esse estudo são complementares e reforçam a conexão do tripé cultura, literatura e turismo. Assim, este capítulo objetiva apresentar os resultados extraídos das entrevistas no formato de uma coleta *in loco* ou ida ao campo. O setor privado não teve representação pois não retornou o contato para contribuir com este estudo.

A Fundação Cultural de Curitiba é a responsável pela política pública de cultura da cidade, atuando de forma conjunta com artistas, produtores e movimentos culturais, além de organizações privadas, estatais e não governamentais. investe na ampliação e no aprimoramento das atividades culturais como também no incentivo a projetos de inovação para a cultura do município.

A FCC atua nas políticas implantadas na área de literatura com o objetivo de derrubar as barreiras que, no Brasil, deixam os índices de leitura muito baixos. Além da criação de novos espaços, outras atividades de incentivo ao hábito de ler estão presentes nas Casas da Leitura, entre elas as oficinas literárias e os ciclos de leitura, que mostram os livros como fonte de lazer e reflexão.

A primeira entrevistada foi Mariane Torres que, atualmente, é coordenadora de literatura da FCC e atua ativamente no programa Curitiba Lê, que visa incentivar a leitura por meio das casas de leitura da cidade. Além disso, é responsável pelo edital do fundo municipal da área de literatura, apoia o projeto da tuboteca - minibibliotecas nas estações de ônibus -, e realiza uma ponte técnica entre a feira do poeta e os saraus, que ocorrem na Feira do Largo da Ordem, aos domingos.

Associado ao projeto Curitiba Lê, existe um aplicativo, que pode ser acessado de forma gratuita pelo Curitiba App, de uma biblioteca digital com mais de duzentos livros de domínio público que são relevantes para a literatura, história, filosofia e outros. Além disso, todos os

anos são adquiridos direitos autorais de dez obras de dez autores curitibanos para serem disponibilizados de forma gratuita aos moradores da cidade por meio do aplicativo.

Recentemente, em setembro/2023, foram disponibilizados dez novos livros de autores curitibanos no catálogo do Curitiba Lê Digital. As novas obras se somam aos 249 livros do acervo que estão disponíveis gratuitamente para leitura na tela do celular ou tablet, com um período de acesso de um ano. No evento de lançamento, os autores dos novos títulos tiveram a oportunidade de compartilhar trechos de suas obras e discutir as histórias que estão agora acessíveis ao público. A mediação do encontro ficou a cargo de Mariane Torres, coordenadora de Literatura da Fundação Cultural de Curitiba e do Programa Curitiba Lê e também entrevistada aqui neste estudo.

Os livros que passaram a compor o catálogo são os seguintes: a) Poesia: A cortesã do infinito transparente, Andréia Carvalho Gavita; b) Conto: Nas mãos de Benedita, Carlos Dala Stella; c) Literatura Infantil: Orelha, nariz, barriga e bumbum: quer mudar algum?, Célia Cris Silva; d) Crônica: Onde me doem os Ossos, Ernani Buchmann; e) Romance: O Herói Provisório, Etel Frota; f) Poesia: Lírico Renitente, Marcelo Sandmann; g) Prosa poética infantil e juvenil: Trem na loja de Brinquedos, Marilza Conceição; h) História: Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930, Marta Morais da Costa; i) Romance: Lasca de Costela, Nilson Monteiro; j) Romance: Jaboc, Otto Leopoldo Winck.

FIGURA 15 - APLICATIVO DIGITAL



FONTE: Prefeitura Municipal de Curitiba (2023)

Mariane explica ainda que, o incentivo à leitura é uma ação constante através de rodas de leitura, contação de histórias, proposta do mediador de leitura, parceria com grupos da Fundação de Ação Social (FAS) para pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social,

bem como projetos de desenvolvimento profissional, como é o caso dos projetos de laboratório de leitura, para a formação de mediadores de leitura, que serão pessoas que farão a disseminação da literatura.

A entrevista também proporcionou a compreensão sobre as leis de incentivo cultural no âmbito da cidade de Curitiba. Um dos exemplos citados foi o Festival Litercultura, promovido por uma empreendedora da sociedade civil que recebeu, em seu início, fomento financeiro pelo incentivo estadual e, em todas as edições contou com o apoio da FCC nas frentes de divulgação. Semelhante ao que se discutiu previamente, o incentivo cultural passou por diversos períodos de estagnação no contexto brasileiro e, isso impacta diretamente o repasse nas instâncias estaduais e municipais. Todavia, a FCC mostrou-se engajada no desenvolvimento das ações literárias a que compete ao organismo público.

No cenário do binômio literatura-turismo, quando questionada sobre o turismo literário e o fomento desta atividade para a cidade de Curitiba, a entrevistada se mostrou favorável:

“Eu acho que seria muito interessante, inclusive já recebi pessoas que tiveram o interesse. [Tive contato com] uma pessoa que apresentou o projeto lá para o mecenato. Eu não me lembro se o projeto foi aprovado ou não, se ela realizou ou não, que era de um aplicativo de turismo literário, era bem interessante assim a ideia dela, né? Um roteiro que era por meio de um aplicativo e tal, e que tinha a ver com os autores locais, né? E outra pessoa me trouxe uma ideia semelhante. Sei que tem gente pensando nisso, e seria muito interessante, porque Curitiba tem muito autor interessante, importante, né? Autores vivos, autores que vão morrer e autores lendários, como Dalton Trevisan, né? Curitiba tem uma contribuição para a literatura nacional muito importante. Então eu acho que seria bem legal, né? Fiquei bem feliz quando teve outra coisa do roteiro, do Leminski. eu nem sei. Está ativo ainda ou não? Infelizmente. Não é? Eu acho bem, infelizmente. Porque é um roteiro muito legal. Não sei, eu acredito que talvez seja alguma questão de divulgação de, de fomentar o roteiro” (Mariane Torres, 2023).

A partir da fala da entrevistada, foi possível perceber também que já houve outras tentativas de criação de roteiros literários para Curitiba. Fica evidenciado como, para o viés cultural, essa prática é importante e reforça o trabalho realizado pela pasta da literatura, como é exemplificado pela alegria em ter existido um roteiro da vida de Leminski.

Essa entrevista ressalta a importância do patrimônio literário para a preservação das memórias locais e a possibilidade de promover novos cenários e alternativas para a cultura (Fernandes; Carvalho, 2017; Suyasa, 2019). A gestão correta dos meios culturais permite a preservação de uma herança cultural bem como a obtenção de recursos para a preservação do patrimônio, a interpretação do patrimônio literário, sua estruturação e divulgação contribuem para que o visitante exerça valorização, assim, faz-se necessário que se comunique e forneça informações e representações que evidenciem a história e as características dos lugares literários (Goodey, 2002; Murta; Goodey, 2002; Dias, 2006).

Em relação ao trabalho do Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, destaca-se como objetivo o desenvolvimento do setor turístico e o estímulo à atividade turística, fomentando, promovendo e divulgando o produto Curitiba.

O histórico da gestão do turismo no município de Curitiba inicia oficialmente em 1952 com a criação do Departamento Municipal de Turismo e Propaganda e, em 1959 passou para o Departamento de Educação, Cultura e Turismo. Em 1989 havia um Departamento de Turismo vinculado à Secretaria de Governo Municipal, no ano seguinte o Departamento passou para a Fundação Cultural de Curitiba. Em 1993 foi criada a Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, com Departamento de Turismo e Diretoria de Artesanato.

Já em 2001 o Departamento de Turismo passou para a CIC – Companhia de Desenvolvimento de Curitiba e a Diretoria de Artesanato para a Fundação de Ação Social (IMT, 2023). Pela Lei nº 11.408 de 10 de maio de 2005, houve a implantação de uma Secretaria e, posteriormente, no mesmo ano, a sua transformação para uma autarquia como Instituto Municipal de Turismo.

O objetivo da entrevista foi essencialmente compreender a relação do turismo com a literatura e qual o papel do Instituto neste cenário. Conforme pesquisas exploratórias, já no início deste estudo, identificou-se a existência de um roteiro de turismo literário e, portanto, a entrevista partiu deste ponto, buscando compreender a primeira Coleção de Roteiros Turísticos composta de 8 roteiros, incluindo um sobre turismo literário “A Curitiba de Leminski”. Segundo Maíra Pedron,

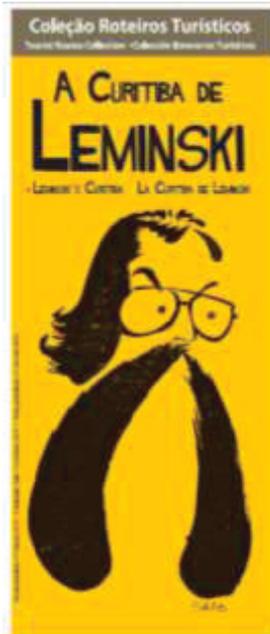
“A ideia do roteiro Leminski, surgiu, na verdade, com a proposição da própria família dele. Da filha dele e da esposa. Eles entraram em contato com a gente, tá? Apresentaram uma proposta e deu certo de a gente estar num planejamento de elaboração de mais roteiros através de uma emenda parlamentar. Então a gente só adaptou, mas assim, eu na época foi eu que conduzi esse roteiro com ele, mas partiu de interesse da família e depois é a gente fez um roteiro um pouco diferente dos outros que foram criados juntos, porque nesse a família participou junto ali fazendo e contando toda a história, até dizendo quais elementos, quais locais eles desejariam que o roteiro fosse composto e foi feita uma entrevista, a pessoa que nos auxiliou na no desenvolvimento desse roteiro. É, a gente fez as visitas, a gente fez as entrevistas, fizemos algumas imagens também e a as autorizações. Não é com todos os espaços que contam a história dele desde o nascimento, até a morte dele, daí a gente teve que tentar em contato com cada um local, porque assim, a maior parte dos locais não eram da propriedade da família, né? Então todos eles tiveram que estar ciente e concordar com a elaboração do roteiro” (Maíra Pedron, 2023).

A proposição do roteiro de Leminski partiu da própria família, pois já havia a organização de uma exposição itinerante sobre a vida do escritor em alguns locais da cidade e, a partir disso, a família solicitou essa colaboração para a proposição de mais um formato de

homenagem ao poeta. Este roteiro foi lançado em 2015 e está organizado em uma linha cronológica da vida de Paulo Leminski⁵.

O roteiro tem como proposta convidar a comunidade curitibana e os turistas a trilhar os caminhos e lugares que fizeram parte da vida de Leminski.

FIGURA 16 - ROTEIRO LITERÁRIO "A CURITIBA DE LEMINSKI"



FONTE: Instituto Municipal de Turismo de Curitiba (2023)

A primeira impressão contabilizou 75 mil unidades e não houve reimpressão e, segundo as entrevistadas, também não houve o intuito de dar continuidade ao roteiro literário. Perguntada se houve algum método de avaliação dos roteiros turísticos, as entrevistadas também informaram que a pesquisa de demanda é mais ampla e não visa identificar turistas literários ou que tiveram interesse pelo roteiro do escritor.

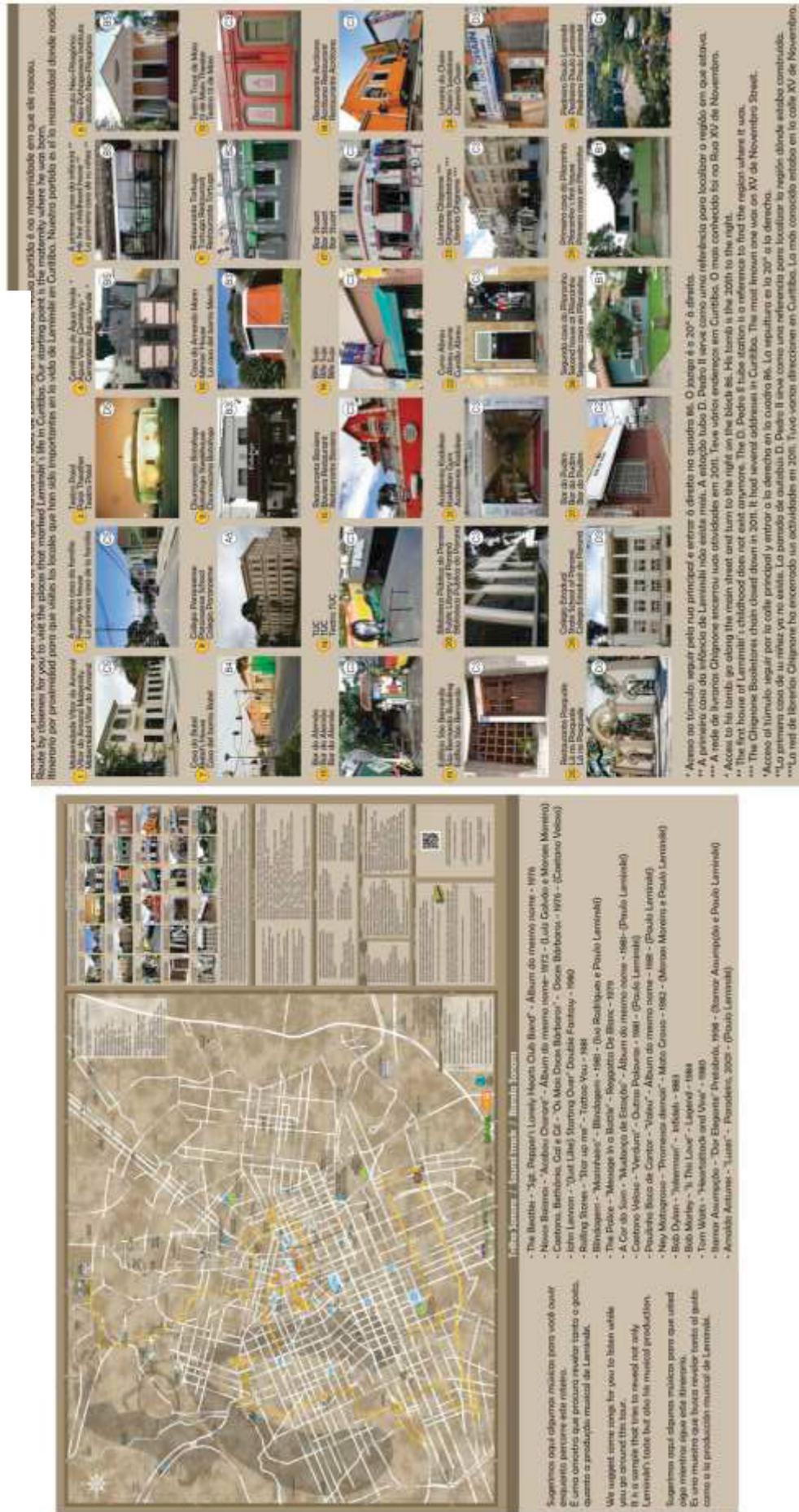
Segundo Maíra, não há indícios de discussão ou planejamento para o turismo literário por meio do Instituto, na cidade de Curitiba. Quanto a eventos de literatura, desde que gerem fluxo turístico, recebem o apoio do IMT. Questionada sobre a criação de um novo roteiro literário ou a estruturação de algum formato para divulgar os lugares literários de Curitiba, a entrevistada indica que o IMT não tem o objetivo de segmentar o turismo e que, para tais objetivos específicos ou comercialização, a iniciativa privada tem mais interesse. “Quando uma empresa, uma agência, se apropria para explorar um roteiro economicamente tem mais retorno, digamos assim, né? O IMT só pode fazer algo institucional” (Maíra Pedron, 2023).

⁵ Roteiro por ordem cronológica, disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiro-a-curitiba-de-leminski/1917>. Acesso em 18 out. 2023.

Para exemplificar melhor, a entrevistada indica que: “Você vai chegar lá, terminou em uma informação rasa sobre o assunto. Quando você tem alguém que estudou, que se né, se aprofundou no assunto, ela vai trabalhar melhor e fazer com que o turista entenda bem o que ele está buscando né? Por isso que a gente acaba nesse sentido achando que é mais relevante que seja pela iniciativa privada.” (Maíra Pedron, 2023).

O par de entrevistas permitiu identificar o viés cultural e turístico relacionado à literatura e trouxe à tona que a cultura está essencialmente engajada na literatura, apoia e desenvolve projetos que possam compor o interesse turístico e se mostra disposta ao turismo literário. Em contrapartida, o Instituto Municipal de Turismo receia discutir o turismo de forma segmentada e tenta inclusive se distanciar da primeira coleção de roteiros turística que se apresentava neste formato. No atual momento, não existe o interesse em alavancar discussões sobre o turismo literário na cidade de Curitiba pela iniciativa pública.

FIGURA 17 - MAPA E LUGARES LITERÁRIOS DA CURITIBA DE LEMISNKI



FONTE: Instituto Municipal de Turismo de Curitiba (2023)

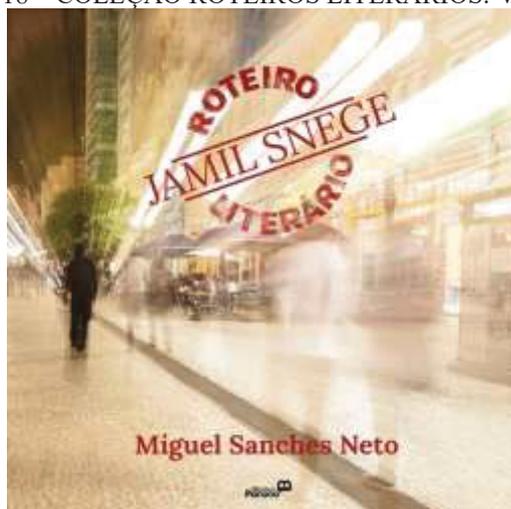
7.3 NARRATIVAS CURITIBANAS: ANÁLISE DOS ROTEITOS LITERÁRIOS DE HELENA KOLODY, JAMIL SNEGE E PAULO LEMINSKI

A lista de autoras e autores nascidos ou radicados no Paraná com ressonância nacional é ampla e inclui, entre outros, Jamil Snege, Luci Collin, Emiliano Pernetá, Júlia da Costa, Wilson Bueno, Manoel Carlos Karam, Alice Ruiz, Cristovão Tezza, Helena Kolody, Valêncio Xavier, Roberto Gomes, Miguel Sanches Neto e até vozes recentes, como a dos tradutores-escritores Caetano Galindo e Guilherme Gontijo Flores. Segundo Pereira (Biblioteca Pública do Paraná, 2017), os autores paranaenses possuem visibilidade nacional, no entanto, outros são mais conhecidos apenas no circuito literário local. Portanto, a proposta da coleção Roteiro Literário foi divulgar a literatura paranaense para um público mais amplo.

Nesse contexto, em 2017, a coleção foi oficialmente lançada com o primeiro ensaio sobre o escritor Jamil Snege. O intuito da coleção foi o de apresentar a vida e a obra de um escritor paranaense já falecido e uma relação dos locais que ele frequentava. O primeiro título da coleção, assinado por Miguel Sanches Neto, foi sobre Jamil Snege. O ensaio apresenta a relação de Snege com a cidade de Curitiba. Da Boca Maldita ao rio Água Verde, da Rua XV de Novembro à Praça Tiradentes Snege circulou, além de incluir diversos desses cenários em seus livros, como a Serra da Graciosa, que aparece em *Viver é prejudicial à saúde* (1998).

Jamil Snege, nascido em 1939 e falecido em 2003, é um dos escritores curitibanos contemporâneos mais aclamados, com diversas obras dentre contos, novelas, romances e crônicas. Entre o seu legado, há as novelas “Tempo Sujo” (1968) e “Viver é Prejudicial à Saúde” (1998), a coletânea de contos “Os Verões da Grande Leitoa Branca” (2000), o livro de poemas “O Jardim, a Tempestade” (1989), as crônicas reunidas em “Como Tornar-se Invisível em Curitiba” (2000), a narrativa autobiográfica “Como Eu Se Fiz Por Si Mesmo” (1994) e o romance inédito “O Grande Mar Redondo”.

FIGURA 18 – COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 1



FONTE: Biblioteca Pública do Paraná (2023)

Em 2018 foram lançados outros dois roteiros. Primeiramente, o Roteiro Literário Helena Kolody foi escrito por Luísa Cristina dos Santos Fontes grande pesquisadora sobre a vida da escritora bem como professora aposentada da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e autora dos livros Anita Philipovsky — a princesa dos campos (Biografia, 2002), Literatura e mulher — das linhas às entrelinhas (Ensaio, 2002) e A literatura de autoria feminina em suas interdi(c)ções (Ensaio, 2015).

FIGURA 19 - COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 2



FONTE: Biblioteca Pública do Paraná (2023)

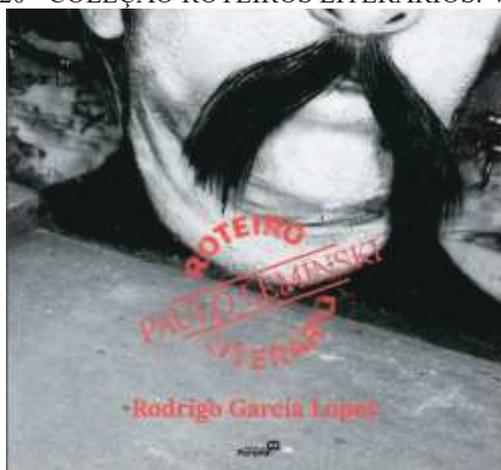
O trabalho organizado por Luísa Cristina, dedicada pesquisadora de Kolody está dividido em três partes: i) biografia da poeta, com ênfase na sua origem étnica ucraniana e radicada, primeiramente, no interior do Paraná, e depois em Curitiba; ii) o trajeto da leitora à artista, que se debruçava sobre a tradição do Paraná em sua poética; iii) análise dos versos de Kolody. Por

fim, o capítulo da Geografia Literária destina-se a valorizar as pegadas da autora sobre os diferentes locais por onde passou.

Helena Kolody nasceu em Cruz Machado, no Paraná, em 1912 e fixou-se em Curitiba, em meados de 1930, cidade em que permaneceu até sua morte, em 2004. É tida como a primeira mulher a escrever e publicar haicais no Brasil. Trabalhou como professora e publicou diversos livros de poesia durante sua vida.

Na sequência, foi publicado o Roteiro Literário Paulo Leminski, escrito por Rodrigo Garcia Lopes, poeta, romancista e compositor, mestre em Humanidades Interdisciplinares pela Arizona State University e doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tradutor de Rimbaud, Marcial, Sylvia Plath, Whitman, entre outros, é autor de livros como O trovador (romance, 2014) e Experiências extraordinárias (poemas, 2015).

FIGURA 20 - COLEÇÃO ROTEIROS LITERÁRIOS: VOLUME 3



FONTE: Biblioteca Pública do Paraná (2023)

O ensaio de Leminski se divide em três partes: i) a vida do escritor; ii) análise da poética leminskiana; iii) como Leminski absorveu a cidade de Curitiba em sua obra e como Curitiba foi absorvendo a obra do seu poeta. Por fim, a publicação é finalizada com a “Geografia Literária” que, com fotos e breves textos, proporciona seguir o percurso de Leminski por Curitiba, da maternidade em que nasceu, às casas em que morou, até os principais lugares que costumava frequentar.

Paulo Leminski nasceu em 1944, e passou quase toda sua vida, em Curitiba. Sua vasta publicação, sua atuação como professor, tradutor e jornalista somados as composições gravadas por Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Moraes Moreira e Blindagem, fazem de Leminski uma figura singular. Jamil Snege, nascido em 1939 e falecido em 2003, é um dos escritores

curitibanos contemporâneos mais aclamados, com diversas obras dentre contos, novelas, romances e crônicas

De acordo com a BPP, em *Ler uma cidade: o alfabeto das ruínas*, Leminski já dizia “Detesto cidades fáceis de ler. Só amo cidades que já sei de cor”. Numa entrevista à *Gazeta do Povo* (27/11/1988), quando voltou à cidade depois de quase um ano em São Paulo, refletia, aparentando certo alívio: “Eu jamais consegui morar em outro lugar por muito tempo. [...] Sob o ponto de vista afetivo deixei muito claro que eu nunca saí de Curitiba. Pinheiro não se transplanta”. E acrescentava: “Curitiba é que nem chinelo velho. Sapato novo aperta no pé”. (BPP, 2023).

Curitiba foi inspiração para os contos “Distâncias”, “De frente para a luz”, “O segundo futuro”, “El día em que me quieras”, “Solange tudo bem e seus eletrodomésticos”, “Vida de cão e outras vidas”. Além de constar, de forma subliminar, em alguns poemas do escritor. A cidade de Curitiba é tematizada no poema *Imprecisa Premissa*:

*(quantas Curitiba cabem
numa só Curitiba?)*

*Cidades pequenas,
como dói esse silêncio,
cantilenas, ladainhas,
tudo aquilo que nem penso,
esse excesso
que me faz ver todo o senso,
imprecisa premissa,
definitiva preguiça
com que sobe, indeciso,
o mais ou menos do incenso.
Vila de Nossa Senhora
da Luz dos Pinhais,*

Além disso, a cidade também está presente em seu primeiro livro *Quarenta cliques em Curitiba* (1976)⁶, que dialogava com as fotos de Jack Pires feitas pelas ruas de Curitiba.

Deste modo, com o objetivo de identificar lugares literários de Curitiba, correlatos à vida e obra de Kolody, Snege e Leminski, e analisar os lugares em que escritores que a transformaram em cenários de seus livros, locais de inspiração, bem como vivenciaram, fez-se a leitura, por meio do método hermenêutico, dos capítulos *Geografia Literária*, dos três ensaios mencionados, com delineamento apriorístico. As referências das vidas e obras foram interpretadas segundo categorias de lugares literários elaboradas por Quinteiro e Baleiro (2019) (Figura 3).

⁶ *Quarenta Cliques em Curitiba* é composto por quarenta fotografias de Jack Pires, em preto e branco, “combinadas” a quarenta poemas de Paulo Leminski. A obra apresenta cada fotografia relacionada a um poema com a proposta literária de haicai, gênero de poesia originado no Japão (Fernandes, 2016).

Na sequência, os ensaios foram importados para o software MAXQDA e categorizados a partir das tipologias de lugares literários. Fez-se uso de uma sinalização por cores distintas, que indicam as categorias identificadas no processo da análise. Ao final da análise dos lugares literários foram identificados 46 lugares literários relacionados às vidas e obras dos escritores paranaenses e que, dentre as 15 tipologias, correspondem à 9 categorias distintas.

Os principais resultados mostram que nove categorias identificadas correspondem às casas que os autores viveram em Curitiba, os locais que costumavam frequentar, o local de trabalho, a sepultura e os locais que inspiraram a escrita de seus trabalhos. Além disso, foram identificadas as bibliotecas na cidade e as livrarias em que foram locais de lançamentos de livros dos escritores e os cenários que serviram de pano de fundo ou narrativa principal das obras. A Biblioteca Pública do Paraná (Figura 21) e a Rua XV de Novembro (também conhecida como Rua das Flores) foram identificados como lugares em que a vida dos três escritores convergem. Leminski e Kolody viveram no mesmo edifício em épocas similares e frequentavam o Largo da Ordem. Já Leminski e Snege lançaram alguns de seus livros na Livraria Ghignone.

Locais em que o texto indicava somente como sendo de passagem ou trânsito, foram categorizados por uma categoria criada no processo de codificação, intitulada, portanto, de lugares literários de passagem, de trânsito e movimento dos autores. Os lugares literários de Helena Kolody, Jamil Snege e Paulo Leminski são partes constituintes de uma narrativa de vida e obra destes escritores, cujas referências podem ser visitadas a partir de uma motivação gerada a partir do texto literário, produzido por essas figuras emblemáticas da literatura paranaense (Hendrix, 2014; Hoppen; Brown; Fyall, 2014).

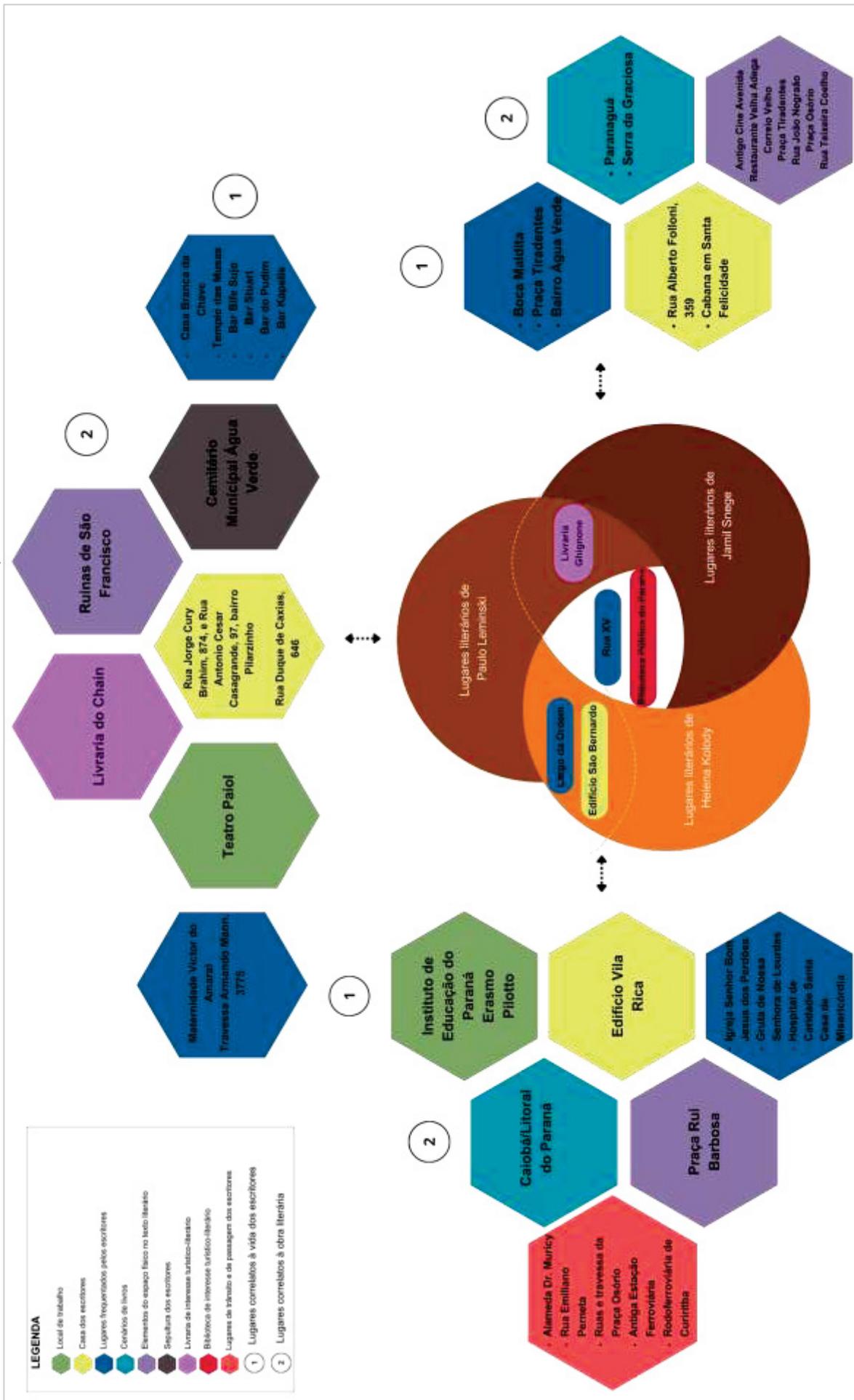
Figura 21 - BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



FONTE: Facebook BPP (2022)

A Figura 22 ilustra os resultados categorizados por autor e lugares de convergências entre eles, além e apresentar os lugares de trânsito relacionados a Helena Kolody.

FIGURA 22 - OS LUGARES LITERÁRIOS DE KOLODY, SNEGE E LEMINSKI



FONTE: A autora (2023).

Em análise (Figura 22), foi possível identificar que os lugares literários de Helena Kolody, estão em sua maioria, relacionados à sua vida e alguns outros lugares inspiraram ou compuseram elementos em suas obras. Jamil Snege vivenciou a cidade de Curitiba e incluiu diversos elementos do espaço físico nas suas narrativas. Paulo Leminski viveu de forma emblemática seus 44 anos e tem um pouco de sua vida e obra em diversos lugares da cidade. Os três autores convergem em dois lugares na cidade: a Rua XV de Novembro e na Biblioteca Pública do Paraná, templo da vida dos escritores.

A compreensão sobre o capítulo de geografia literário desses ensaios permite indicar que há patrimônio literário para compor a construção de roteiros literários baseado na vida desses três escritores. Roteiros que sejam divulgados como uma nova possibilidade cultural para a cidade de Curitiba e que proporcionem o contato do visitante com os lugares celebrados por vínculos com livros ou com esses autores e que oportunize a relação entre textos e leitores, e os significados e valores culturais que resultam das obras literárias (Squire, 1996b; Tetley, 1998). Curitiba é, portanto, uma cidade com um conjunto de lugares e experiências literárias dispersas e que, a partir da construção estratégica, pode tornar-se também uma cidade com referências de turismo literário, especialmente com a criação de novos olhares culturais para o destino, afinal é um tipo de turismo que se constrói na descoberta de lugares ou de acontecimentos conectados aos textos ficcionais ou as vidas dos escritores (Sardo, 2008).

Os resultados dos lugares literários e das possíveis experiências a partir de festivais literários em Curitiba convergem para o tipo do perfil dos turistas literários brasileiros que, além de serem frequentadores de festivais, preferem experiências para visitar a casa dos escritores e lugares que proporcionem um melhor entendimento da obra literária, a partir do espaço ou paisagem literária que foi representada na obra (Baleiro; Viegas; Faria, 2022).

O turismo literário exerce função fundamental na promoção da literatura e na proteção do patrimônio literário (Sardo, 2008; Monteiro, 2016), assim a criação de oferta proveniente de obras literárias ou da vida dos escritores, como é o cenário possível para Curitiba, ajuda a promover a literatura para um público mais amplo e atinge novos leitores, contribuindo com o compromisso assinalado nos ensaios de Kolody, Snege e Leminski, da Biblioteca Pública do Paraná. Em suma, o cenário aqui analisado permite afirmar que Curitiba é um município empenhado em desenvolver projetos de literatura para a população local, porém não é um destino turístico comprometido com o turismo literário, todavia possui elementos literários para serem estruturados em oferta turística.

7.4 COMPÊNDIO ANALÍTICO: ENSAIO DE PROPOSTA DE TURISMO LITERÁRIO EM CURITIBA

Considerando os achados desta pesquisa e, em consonância aos estudos analisados na revisão sistemática da literatura, alinhados aos pressupostos teóricos e filosóficos a pesquisa, implicou-se uma reflexão síntese no formato de um infográfico com o cenário de Curitiba no contexto do turismo literário bem como a proposta de um itinerário literário através dos lugares em que Helena Kolody, Jamil Snege e Paulo Leminski convergem. Em exceção, a Livraria Ghinone teve suas atividades encerradas e, portanto, colou-se a Livraria do Chain como sugestão da proposta (FIGURA 23).

FIGURA 23 - INFOGRÁFICO RESUMITIVO DA CURITIBA LITERÁRIA



FONTE: A autora (2023)

O turismo literário, bem como as motivações dos turistas literários, está diretamente relacionado à contação da história, então muito mais do que o lugar, é a referência a que se faz, por meio do *storytelling*. A construção inicial pode ser ainda incrementada por todo o conteúdo literário que Curitiba possui.

A partir desse panorama, pode-se dizer que a proposta pode estar relacionada a três experiências: i) aos lugares literários (bibliotecas, casas de leitura, gibiteca e feira do poeta); ii) aos festivais literários com agenda anual; e iii) aos lugares da vida e obra dos escritores analisados. A perspectiva pode ainda ser adensada por aprofundamento no roteiro literário.

Essa análise permite que organismos públicos e privados, tal como agências de receptivo, transponham as barreiras dos principais atrativos turísticos da cidade e ofertem novas possibilidades para a vivência do turismo, por meio da preservação do patrimônio literário.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alicerçado no questionamento “Qual a conjuntura atual e o potencial do turismo literário em Curitiba/PR?”, e norteado pelos objetivos específicos, foi possível chegar às seguintes considerações; I) no viés teórico, existem muitos destinos que já praticam o turismo literário, especialmente Portugal, mas também ainda existem muitos estudos que indicam diversos cenários possíveis para o desenvolvimento de experiências literárias. A revisão sistemática da literatura permitiu ainda identificar que o turismo literário vêm se tornando foco de estudos científicos, buscando compreender como a teoria relaciona-se com a prática e como dá suporte às propostas; II) Identificou-se, através do levantamento, das entrevistas e das análises textuais, que, apesar de promover alguns festivais literários anuais, Curitiba ainda não é um destino turístico literário, mas possui um conjunto de patrimônio literário que pode compor experiências futuras.

Recapitulando, historicamente o Brasil apresenta políticas públicas culturais defasadas e necessita de maior engajamento das instâncias governamentais em projetos e, especialmente para fazer ponte ao presente estudo, para amparo e desenvolvimento de projetos de literatura (Rubim, 2007; Gomes; Zanetti, 2022; Rocha, 2022, Rubim. Consequentemente, cabe resgatar que, pelo mundo, diversas são as cidades da literatura inscritas no programa de cidades criativas da UNESCO e, isso contribui diretamente para o desenvolvimento cultural e turístico da localidade (UCCN, 2017; UNESCO, 2020).

No Brasil, especialmente no âmbito de estudo de Curitiba, o montante de escritores e patrimônio literário disponível para conservação, desenvolvimento e promoção é considerado

expressivo, o que oportunizaria a construção de um novo modelo de visitação turística, engajada na história, nos lugares e nas paisagens literárias correlatas à vida de escritores ou às suas obras (FCC, 2023; IMT, 2023). Toda a construção de um turismo literário não é desconexa do que aqui se discutiu, vide que, a construção de políticas públicas culturais proporciona a oferta de atividades e experiências literárias, primariamente para a comunidade e, adicionalmente, insere o local na rota turística do turista cultural ou turista literário, pela expressividade de experiências desenhadas para preservação cultural local. Em suma, o turismo literário está intrinsecamente forjado pela cultura (OMT, 2018)

Para compreender como é possível construir uma experiência literária, a revisão sistemática da literatura buscou identificar nos estudos o que outros destinos ofertam e o que propõem como possibilidade de construção. Os resultados, dentro do corpus analisado, mostraram que existe grande apreço dos visitantes pela visita à lugares relacionados à obra literária como também aqueles que se relacionam com a vida do escritor. Especialmente, para cada uma das classificações, existe um engajamento em visitar lugares que foram cenários de livros e conhecer a casa ou casa-museu de um escritor. Outras experiências também aparecem como possibilidade, como por exemplo, visitar locais específicos que inspiraram um trecho da obra, como uma paisagem ou construção, e ainda referências nas paisagens aos personagens de um livro ou ainda a um escritor, como é o caso das estátuas de figuras emblemáticas.

Mais do que apresentar os dados obtidos pela análise integral dos estudos selecionados, a pesquisa fez uso do protocolo PRISMA para a revisão sistemática, uma ferramenta que permite auditar os resultados e apresenta um alto rigor metodológico e científico. A confiabilidade desta revisão, corroborada pelo PRISMA, permite que outros estudos, ou até mesmo a atualização da RSL aqui apresentada, sejam de extrema aplicabilidade, pois o processo foi relatado de forma integral e transparente (Shamseer *et al.*, 2015). Além disso, o uso do software StArt para a etapa de seleção dos documentos e do software MAXQDA para a sumarização dos dados, contribuiu significativamente para que as análises fossem feitas de forma codificada, integral e com possibilidade de replicação.

Em segunda instância, alocou-se o estudo na cidade de Curitiba, e foi possível analisar que, atualmente (2023), o destino é voltado para outros nichos turísticos, e que o literário não faz parte do conjunto de ações estratégicas enquanto destino. Cenário corroborado pelas entrevistas com o setor público, que ainda enfrenta dificuldade com as políticas públicas culturais e pelo viés turístico não acredita que possa, nesse momento, atuar diretamente no desenvolvimento de roteiros literários. Todavia, cabe ressaltar que, pelos resultados obtidos, Curitiba possui um patrimônio literário, e que pode ser ainda mais desbravado por outros

pesquisadores. Portanto, a presente pesquisa contribuiu para fazer uma análise do cenário atual e infere-se que Curitiba ainda não desenvolve práticas literárias consistentes e com calendários organizados, mas ainda assim possui elementos que podem ser estruturados para a elaboração de uma experiência literária.

Assim como qualquer estudo, este também não é livre de limitações, como é o caso da análise de um cenário turístico-literário não desenvolvido, o não atendimento de alguns organismos para participação na entrevista e a fonte de informações restrita. Contudo, essas limitações permitem novas construções de pesquisa, aprofundamento do tema e contribuição significativa para a pesquisa do turismo literário no Brasil, que ainda é parca.

Este estudo conseguiu demonstrar a relevância da literatura e o potencial do turismo literário para Curitiba. Os ensaios de roteiro literário da Biblioteca Pública do Paraná permitiram descrever os lugares que a cidade pode começar a construção de uma experiência turístico-literária e, possibilita ainda, a partir dessa identificação a sugestão de que estudos futuros contribuam na criação de mapas digitais interativos, de uma comunicação efetiva e de uma interpretação de patrimônio literário. A Biblioteca Pública do Paraná foi identificada como a fonte para compor um roteiro literário, afinal foi morada dos escritores Kolody, Snege e Leminski e, possivelmente, de muitos outros.

Essa pesquisa buscou contribuir para um tema que é de grande apreço da pesquisadora, mas que está diretamente relacionado ao desenvolvimento sociocultural e turístico. E inicia-se aqui a possibilidade de ampliação da discussão do patrimônio literário associado à atividade turística no destino de Curitiba/PR. Esse trabalho permite estar em constante atualização, especialmente para contribuir para o desenvolvimento do turismo da cidade. Destarte, muitos são os capítulos possíveis de serem escritos por outros autores acerca do binômio literatura-turismo em Curitiba.

REFERÊNCIAS

- AHLM, Caroline. *Film- & Litteraturturism: Fakta och fiktion i en lättsam blandning*. 2011.
- ALCARAZ, C.; GIANNANGELI, S. El fluir de las letras: literatura como modalidad de promoción turística y turismo como recurso para acercarse a la literatura. **Journal of Tourism and Heritage Research: JTHR**, v. 2, n. 1, p. 40-53, 2019.
- ANDERSON, J.; SMITH, K.. Attuning to the affective in literary tourism: Emotional states in Aberystwyth, Mon Amour. **Tourism Geographies**, v. 24, n. 2-3, p. 435-456, 2022.
- AÑEL, I. V.; VILA, N. A. Revisión del turismo literario y su estado en la actualidad. Análisis del caso de Galicia (España). **Cuadernos Geográficos**, v. 57, n. 1, p. 305-329, 2018.
- ANJO, A. M. et al. Lisbon as a literary tourism site: Essays of a digital map of Pessoa as a new trigger. **Journal of Tourism, Heritage & Services Marketing (JTHSM)**, v. 7, n. 2, p. 58-67, 2021.
- ARCOS PUMAROLA, J.; OSÁCAR, E.; LLONCH MOLINA, N.. Literary urban landscape in a sustainable tourism context. **Human Geographies–Journal of Studies and Research in Human Geography**, 2018, vol. 12, núm. 2, p. 175-189, 2018.
- ARCOS-PUMAROLA, J.; MARZAL, E. O.; LLONCH-MOLINA, N. Literary urban landscape in a sustainable tourism context. **Human Geographies**, v. 12, n. 2, p. 175-189, 2018.
- AVALLE, A. The Ultimate Ferrante Experience: Convergence Culture, Literary Tourism, and the Quest for Authenticity. **Italian Culture**, v. 39, n. 1, p. 19-32, 2021.
- AYIKORU, M. Epistemology, ontology and tourism. **Philosophical issues in tourism**, p. 62-79, 2009.
- BALEIRO, R.; QUINTEIRO, S.. A small place, by Jamaica Kincaid: envisioning literary tourism in Antigua. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 17, n. 6, p. 676-688, 2019.
- BALEIRO, R.; VIEGAS, M.; FARIA, D. Contribui para o perfil do turista literário brasileiro: experiência e motivação. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 12, p. 1-14, 2022.
- BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2012.
- BOHLS, E.; DUNCAN, I. **Travel writing 1700-1830: and anthology**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BONNIOT, A.. **Imaginaire des lieux et attractivité des territoires: Une entrée par le tourisme littéraire: Maisons d'écrivain, routes et sentiers littéraires**. 2016. Tese de Doutorado. Université Blaise Pascal-Clermont-Ferrand II.

BONNIOT-MIRLOUP, A.; BLASQUIET, H.. De l'œuvre aux lieux. La maison d'écrivain pour passerelle (France). **Territoire en mouvement Revue de géographie et aménagement. Territory in movement Journal of geography and planning**, n. 31, 2016.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006

Brasil. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRODSKY-PORGES, E. A viagem grand tour como um dispositivo educacional 1600-1800. **Anais de pesquisa em turismo**, v. 8, n. 2, pág. 171-186, 1982.

BROWN, L.. Tourism and pilgrimage: Paying homage to literary heroes. **International Journal of Tourism Research**, v. 18, n. 2, p. 167-175, 2016.

BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford university press, 2016.

BU, N. T. et al. Profiling literary tourists: A motivational perspective. **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 22, p. 100659, 2021.

BUSBY, G.; KLUG, J. Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. **Journal of vacation marketing**, v. 7, n. 4, p. 316-332, 2001.

CACILHAS, N. Roteiro literário Levantado do Chão. **Dos Algarves: Tourism, Hospitality & Management Journal**, n. 37, p. 106-122, 2020.

BUTLER, R. Literature as an influence in shaping the image of tourist destinations. In: MARSH, J, S. (Ed.), **Canadian studies of parks, recreation and tourism in foreign lands**. Peterborough, Canada: Trent University, p.111-132, 1986.

BUTLER, R. Literary Tourism. In: QUINTEIRO, S; MARQUES, M. J (Ed.). **Working definitions in literature and tourism**. p.79-80, 2022.

CANDREA, A. N. et al. Marketing the Count's way: how Dracula's myth can revive Romanian tourism. **Bulletin of the Transilvania University of Brasov. Series V: Economic Sciences**, p. 83-90, 2016.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARSON, S. et al. Practices of literary tourism: an Australian case study. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 7, n. 1, p. 42-50, 2013.

CARVALHO, I. C. R. **Turismo literário e redes de negócios: Passear em Sintra com Os Maias**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de Aveiro (Portugal).

CARVALHO, I.; BAPTISTA, M. M; COSTA, C. Em Sintra pela mão de Eça: proposta de um itinerário literário queirosiano. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 3, n. 13/14, p. 1133-1134, 2010.

CASTRO, R. A. O. **Coimbra com Literatura**. 2020. Dissertação de Mestrado.

CEPATUR – Conselho Paranaense de Turismo. (2016). **Paraná Turístico 2026 – Pacto para um destino inteligente**. Disponível em: <http://www.paranaturistico.com.br>. Acesso em: 10 out. 2023.

ÇEVIK, S. KÜLTÜREL MİRAS KAPSAMINDA EDEBİYAT TURİZMİ DENEYİMİ: SAİT FAİK ABASIYANIK'IN İZİNDE OTOETNOGRAFİK BİR ÇALIŞMA. **Electronic Turkish Studies**, v. 12, n. 29, 2017.

ÇEVIK, S. Literary tourism as a field of research over the period 1997-2016. **European Journal of Tourism Research**, v. 24, p. 2407-2407, 2020.

ÇEVIK, S. Türkiye'deki Edebi Mekânların “Modern Müzecilik” Bağlamında Değerlendirilmesi. **Folklor/Edebiyat**, v. 27, n. 105, p. 135-149, 2021.

COIMBRA, N. G.; QUADROS, V. L.; PINTO, P. M. Turismo literário: o patrimônio histórico-cultural de Belém do Pará como base da literatura. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 7, n. 6, pág. 62760-62780, 2021.

CORRÊA, R. L. **Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens**. In: Espaço e cultura 29 (2011): p.7 -21.

CORTES, M. D. F. et al. Turismo cultural: contribuições para a preservação da memória do acervo raro da Bibliotheca Pública Pelotense. 2016.

COSGROVE, D. **Social Formation And Symbolic Landscape**. London, Croom Helm, 1984.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: Geografia Cultural: Um Século (2) CORRÊA, R. L.& ROSENDAHL, Z. (org.) Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 1999.

DI MÉO, G. Processus de patrimonialisation et construction des territoires. In: **Colloque" Patrimoine et industrie en Poitou-Charentes: connaître pour valoriser"**. Geste éditions, 2007. p. 87-109.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DÍAZ, M. M.; GARCÍA, J. R. **Turismo literario**. Septem Ediciones, 2012.

DIOGO, F. M. A. **Turismo Literário e Promoção Turística - O exemplo da Casa Museu Miguel Torga**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

DONALDSON, C.; GREGORY, I. N.; MURRIETA-FLORES, P. Mapping 'Wordsworthshire': a GIS study of literary tourism in Victorian Lakeland. **Journal of Victorian Culture**, v. 20, n. 3, p. 287-307, 2015.

DUARTE, L. F. D. **Memória e reflexividade na cultura ocidental**. In: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Regina Abreu, Mário Chagas (Orgs.). 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.25-33.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EFFRON, M. Reshaping Reality: Mystery Fiction Literary Tourism and Its Effect on Real-World Spaces. **The Journal of Popular Culture**, v. 54, n. 6, p. 1371-1393, 2021.

ERKOÇI, I. Ismail Kadare as tourist attraction. **Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal**, v. 28, 2016.

FAIRER-WESSELS, F. A. Young adult readers as potential consumers of literary tourism sites: A survey of the readers of two of the Dalene Matthee forest novels. **Mousaion**, v. 28, n. 2, p. 134-151, 2010.

FARIA, D. *et al.* Motivações e experiências de turistas literários: Semana Roseana–Cordisburgo–MG. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 1149-1159, 2017.

FAWCETT, C.; CORMACK, P. Guarding authenticity at literary tourism site. In: **The political nature of cultural heritage and tourism**. Routledge, 2017. p. 181-200.

FERNANDES, S.; CARVALHO, P.. **Patrimônio e turismo literário: Leiria Queiroziana**. In: CRAVIDÃO et. al. Espaços e tempos em Geografia: homenagem a António Gama, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, 579-593.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOURNIER, M.; LE BEL, P. M. Le tourisme littéraire, lire entre les lieux. Teoros. **Revue de recherche en tourisme**, v. 37, n. 37, 1, 2018.

FRANK, J. Book culture, landscape and social capital: The case of Maleny. **Queensland Review**, v. 23, n. 1, p. 35-48, 2016.

FREIRE, D.; PEREIRA, L. L. História oral, memória e turismo cultural. In: Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. P. 122-130, 2002.

FUINI, L. L. A abordagem sobre o território em autores da geografia brasileira: mutações de um conceito. **GEOgraphia**, v. 20, n. 42, p. 38-52, 2018.

GAL, M. Le Saint-Petersbourg de Dostoïevski: de la généralisation du mythe urbain à l'individualisation de l'espace vécu. **Territoire en mouvement Revue de géographie et aménagement. Territory in movement Journal of geography and planning**, n. 31, 2016.

GARRAFFONI, R. S. Recepção greco-romana em Curitiba: Literatura, Patrimônio e novas abordagens do centro histórico. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 23, p. 222-244, 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, c1989.

GHETAU, L.; ESANU, L. V. Literary tourism as a promoter of cultural heritage. **WIT Transactions on Ecology and the Environment**, v. 150, p. 345-353, 2011.

GOMES, C.; ZANETTI, V. R. Política cultural como instância do desenvolvimento social e do interesse comum no Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 48, n. 1, p. e41746-e41746, 2022.

GONÇALVES, J. R. S. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Regina Abreu, Mário Chagas (Orgs.). 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p.305-316.

GONGSUK, K. The value of the cultural content of “Dendonggeomihwajeonga” and the plan to transform into cultural tourism. **Yeongnam Studies**, n. 68, p. 269-306, 2019.

GOTHIE, S. C Playing “anne”: Red braids, green gables, and literary tourists on prince edward island. **Tourist Studies**, v. 16, n. 4, p. 405-421, 2016.

GRANDE, A. A; CURIEL, J. E.; DE LA HOZ, I. R. Recomendaciones y propuestas de mejora para los destinos culturales de carácter rural: El caso de estudio de la Villa del Libro de Uruña (Valladolid). **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019.

GRIX, J. Introducing students to the generic terminology of social research. **Politics**, v. 22, n. 3, p. 175-186, 2002.

GÜRSOY, Y. The Example of Herta Müller, A Nobel Literature Prize Author, in The Relationship of Tourism and Literature. **Selçuk Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi**, n. 41, p. 348-355, 2019.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

HEINICH, N. **La fabrique du patrimoine**: de la cathédrale à la petite cuillère. Les Editions de la MSH, 2014. B

HEINICH, N. O inventário: um patrimônio em vias de desartificação? **PROA: revista de antropologia e arte**, n. 5, 2014. A

HEINICH, N. The Making of Cultural Heritage. **The Nordic Journal of Aesthetics**, Aarhus, n. 40-41, p. 119-128, 2010

HENDRIX, H. A. *et al.* The early musealization of writers' and artists' houses through guidebooks. **Nordic Museology**, v. 28, n. 1, p. 8-22, 2020.

HENDRIX, H. A. *et al.* The early musealization of writers' and artists' houses through guidebooks. **Nordic Museology**, v. 28, n. 1, p. 8-22, 2020.

HENDRIX, H. Les guides de maisons d'écrivains et d'artistes: les débuts (1780-1840). **Culture & Musées. Muséologie et recherches sur la culture**, n. 34, p. 31-53, 2019.

HENRIQUES, C. Património cultural e turismo: uma relação simbiótica. Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 10, p. 25-39, 2008.

HENRIQUES, C.; QUINTEIRO, S. O turismo literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio. **Tourism & Management Studies**, n. 1, p. 600-608, 2011.

HERBERT, D. Artistic and literary places in France as tourist attractions. **Tourism management**, v. 17, n. 2, p. 77-85, 1996.

HERBERT, D. Literary places, tourism and the heritage experience. **Annals of tourism research**, v. 28, n. 2, p. 312-333, 2001.

HERSELMAN, C. **From ‘logging capital’ to ‘tourism phenomenon’: the impact of literary tourism on Forks, WA., United States of America**. 2014. Tese de Doutorado. University of Pretoria.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998.

ILIĆ, J. et al. Creating a literary route through the city core: Tourism product testing. **Journal of the Geographical Institute “Jovan Cvijić” SASA**, v. 71, n. 1, p. 91–105-91–105, 2021.

JENNINGS, G. *et al.* **Tourism research**. John Wiley and sons Australia, Ltd, 2001.

JEON, Y. K.. A Study on the Activation Plan of the Literary Museum based on Literary Tourism Resources. **The Journal of Culture Contents**, v. 13, p. 139-174, 2018.

JIA, H. The construction of literary tourism site. **Tourism: An International Interdisciplinary Journal**, v. 57, n. 1, p. 69-83, 2009.

KACZMAREK, J. et al. The aleatoric aspect of literary tourism: An example from Havana. **Turyzm**, v. 30, n. 1, p. 31-42, 2020.

KARLSSON, E.; LINDSTRÖM, A. Film-och litteraturturism: ett kvalitativt fall för Wallander. 2014.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Capítulo 14 PAISAGENS E TURISMO: O OLHAR ROM NTICO SOBRE A LAGOA MIRIM–“LADO” BRASILEIRO1.

LAC, A. From National History to Subject in Writing: Reading the Colonial Korean Poet Yoon Dong-ju with the Zainichi Korean Writer Yi Yang-ji. **Postcolonial Text**, v. 15, n. 2, 2020.

LANDO, F. Fact and fiction: Geography and literature. **GeoJournal**, v. 38, n. 1, p. 3-18, 1996.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber. **Belo Horizonte: UFMG**, v. 340, p. 1990, 1999.

- LAZZAROTTI, O. **Tourisme et patrimoine: ad augusta per angustia**/Tourism and heritage: ad augusta per angustia. In: *Annales de géographie*. Armand Colin, 2003. p. 91-110.
- LE BEL, P. M. Literary heritage and place building for communities: the case of Allier, France. **Almatourism-Journal of Tourism, Culture and Territorial Development**, v. 8, n. 7, p. 58-74, 2017.
- LE GOFF, J. *et al.* **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEE, C. 'Welcome to London': Spectral spaces in Sherlock Holmes's metropolis. **Cultural Studies Review**, v. 20, n. 2, p. 172-195, 2014.
- LEKIĆ, R. Tourist Route—A Trail of Authors and Poets of the County of Zagreb. **International Journal of Euro-Mediterranean Studies**, v. 12, n. 2, p. 41-67, 2019.
- LE MOS, M. Writing Dublin: Joyce, Bloomsday and Tourism in the Irish Capital. **Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos/A Journal of Anglo-American Studies**, v. 9, n. 2, p. 67-77, 2020.
- LIN, Z.; RASOOLIMANESH, S. Mostafa. Sharing tourism experiences in social media: A systematic review. **Anatolia**, p. 1-15, 2022.
- MACHADO, A. *et al.* Story Map Caminhos d'O Conspirador: Um percurso literário na vila de Marvão com Branquinho da Fonseca. **Dos Algarves: Tourism, Hospitality & Management Journal**, n. 37, p. 88-105, 2020.
- MACLEOD, N. 'A faint whiff of cigar': the literary tourist's experience of visiting writers' homes. **Current Issues in Tourism**, v. 24, n. 9, p. 1211-1226, 2021.
- MALETTA, H. **Epistemología aplicada: metodología y técnica de la producción científica**. Peru: Consorcio de Investigación Económica y Social (CIES), 2009.
- MANSFIELD, C. **Pesquisando turismo literário**. Sombras, 2015.
- MANSFIELD, C. The Role of Literary Texts in Tourism Destination Management, Place Creation and Marketing: A Case Study on Concarneau in Finistère, Brittany, and the Simenon Novel, The Yellow Dog. 2015.
- MARANDOLA JR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.
- MASSEY, D. Space-time, 'science' and the relationship between physical geography and human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 24, n. 3, p. 261-276, 1999.
- MASSEY, D.; KEYNES, M. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações**. *GEOgraphia*, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.
- MASSUKADO-NAKATANI, M.S. **A formação do arranjo da regionalização do turismo no Paraná no período de 2003-2011**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011.

- MEJÍA, B. G.; FUSTÉ-FORNÉ, F. Turismo y Literatura: una aproximación a las ferias de libros como patrimonio literario, cultural y turístico. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 2, p. 429-447, 2020.
- MELO, C.; MILHEIRO, E. O Grand Tour e o advento do turismo moderno. 2005.
- MENDES, M. C. G. **Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: O Vale do Lima**. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- MENESES, J. N. C. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MENEZES, A. T. O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: A Ressignificação de Grande Sertão: Veredas pelo Turismo Literário. 2016.
- MILHEIRO, E.; PEREIRA, M. E. Turismo e literatura: Um itinerário regiano por Portalegre. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 21/22, p. 81-90, 2014.
- MONTEIRO, S. S. **Criação do distrito literário de Lisboa**. 2016. Dissertação de Mestrado.
- MONTEIRO, S. S. **Criação do distrito literário de Lisboa**. 2016. Tese de Doutorado.
- MUTIARA, C.; YUN, H; HEE, J.. Literary tourism visitors' circulation and behavior using direct observation. *International Journal of Tourism and Hospitality Research*. Volume 35, Number 11, pp. 23-36, 2021.11.
- NAMORA, P. J. J. **Turismo, cultura e literatura**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.
- NÓR, S. **Paisagem e lugar como referências culturais: Ribeirão da Ilha-Florianópolis**. 2010.
- OLIVER, V. L. Literary landscape of Hispanic California. **The California Geographer**, v. 20, 1980.
- O'NEILL, K.; BUTTS, S.; BUSBY, G. The corellification of Cephallonian tourism. **Anatolia**, v. 16, n. 2, p. 207-226, 2005.
- OTOWICZ, M. H; MACEDO, M.; BIZ, A. A. Dimensions of Smart Tourism and Its Levels: An Integrative Literature Review. **Journal of Smart Tourism**, v. 2, n. 1, p. 5-19, 2022.
- PAHLEN, B.; STIEBEL, L. Revisiting Grey Street: the Grey Street writers trail in the context of urban regeneration. **Alternation Journal**, v. 24, n. 1, p. 197-232, 2017.
- PAHLEVAN-SHARIF, S.; MURA, P.; WIJESINGHE, S. N. R. A systematic review of systematic reviews in tourism. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 39, p. 158-165, 2019.

PARANÁ TURISMO. **Regiões turísticas do Paraná**. Disponível em: <https://www.paranaturismo.pr.gov.br/Turista/Pagina/Regioes-Turisticas-do-Parana>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PAYNE, S. **Literary tourism: an examination of tourists' anticipation of and encounter with the literary shrines of Willa Cather and Margaret Laurence**. York University, 2000.

PEASLEE, R. t M.; VASQUEZ, R Game of Thrones, Tourism, and the Ethics of Adaptation. **Adaptation**, v. 14, n. 2, p. 221-242, 2021.

PEREIRA, L.; MARQUES, J. Turismo literário em Baião: Incursão pelo mundo Queirosiano. 2022.

PEREIRO, X.; FERNANDES, F. **Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis**. Colección PASOS Edita, n. 20, 2018.

PÉREZ PINZÓN, L. R. Turismo literario, ambientes históricos y “santandereanidad”: representaciones narrativas sobre el territorio santandereano. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 26, n. 2, p. 133-151, 2017.

PÉREZ, L. R.; Martínez, L. M.; Galindo, S. L. The promotion of tourist-literary routes in the Caribbean: the case of Aracataca and the " Macondo Route". **Turismo y Sociedad**, v. 27, p. 57-76, 2020.

PÉREZ, L. R; MARTÍNEZ, L. M.; GALINDO, S. L. EL FOMENTO DE RUTAS TURÍSTICO-LITERARIAS EN EL CARIBE: EL CASO DE ARACATACA Y LA" RUTA MACONDO". **Turismo y Sociedad**, v. 27, p. 57-76, 2020.

PIRES, Jack; LEMINSKI, Paulo. **Quarenta clics em Curitiba**. Governo do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, 1976.

PIRES, M. M. J. **O perfil do turista literário: o caso do Centro Histórico de Évora**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

POTOČNIK TOPLER, J. Literary tourism in Slovenia: The case of the Prežihov Voranc cottage. **Informatologia**, v. 49, n. 3-4, p. 129-137, 2016.

PUCHNER, M. **O Mundo da Escrita: como a literatura transformou a civilização**. Editora Companhia das Letras, 2017.

QUINTEIRO, S. et al. Olhão Cidade de Turismo Literário: uma Realidade Longínqua?. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 3, n. 17/18, p. 1583-1596, 2012.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. **Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais**. 2019.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R.; HENRIQUES, C O património literário e a casa popular algarvia: Uma perspetiva turístico-cultural. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 21/22, p. 171-179, 2014.

QUINTEIRO, S.; CARREIRA, V.; GONÇALVES, A. R. Coimbra as a literary tourism destination: landscapes of literature. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 14, n. 3, p. 361-372, 2020.

QUINTEIRO, S.; GONÇALVES, A. R.; CARREIRA, V. Recursos e potencial de Coimbra como destino de turismo literário. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 36, n. 2, p. 419-432, 2021.

QUINTEIRO, S.; GONÇALVES, A. R.; CARREIRA, V. Recursos e potencial de Coimbra como destino de turismo literário. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 36, n. 2, p. 419-432, 2021.

QUINTEIRO, S.; GONÇALVES, A. R.; CARREIRO, V. Caracterização e Análise do Potencial de Desenvolvimento do Turismo Cultural Literário em Coimbra. **RPER**, n. 56, p. 85-99, 2020.

RABELO, F. B. (Re) inventando o turismo na cidade de goiás aos olhar de Cora Coralina. 2006.

RAM, Y. Metoo and tourism: a systematic review. **Current Issues in tourism**, v. 24, n. 3, p. 321-339, 2021.

RIBEIRO, A. M. P. «**Rota Literária de Cascais**»: um projecto em construção com a **Câmara Municipal de Cascais**. 2020. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa (Portugal).

RIDANPÄÄ, J. Pajala as a literary place: in the readings and footsteps of Mikael Niemi. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 9, n. 2, p. 103-117, 2011.

ROCHA, R. Políticas culturais, disputas políticas e o desenvolvimento do campo cultural no Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 48, n. 1, p. e41530-e41530, 2022.

RODRIGUES, M. A. S. **Contextos de uso para o texto literário: subsídios para um mapeamento-literário da cidade de Braga**. 2020. Tese de Doutoramento.

RUBIM, A. A. C. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições. **Galáxia**, n. 13, p. 101-113, 2007.

SAFEI, M.; TAMBI, N.; ERMAY, A. R. Usman Awang dan Sedili: Hubungan daripada pelancongan kesusasteraan dunia (Usman Awang and Sedili: Global connections to literary tourism). **Geografia**, v. 17, n. 2, 2021.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de história**, v. 22, p. 289-310, 2002.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 2009.

SANTOS, J. M. F. A marcação turística do Romantismo. **Rosa dos Ventos**, v. 9, n. 2, p. 290-307, 2017.

SANTOS, J. M. F. **Transformação contemporânea da experiência turística**. 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 2006.

SARDO, A. N. Turismo literário: uma forma de valorização do património e da cultura locais/Literary tourism: a way of enriching the local heritage and culture. **Egitania Scientia**, n. 2, p. 75, 2008.

SARTRE, J. P. **Que é literatura?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SELBERG, T.; ŠKRBIĆ, N. Turning fiction into reality: The making of two places within literary geography. **Studia ethnologica Croatica**, n. 25, 2013.

ŞENGEL, Ü. et al. Tourist Destinations in Literary Works: the novel "A Memento For Istanbul". **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 9, n. 1, 2 e 3, 2019.

SILVA, A. C. B. S. A literatura como pretexto de viagem: De Lisboa a Santarém com Almeida Garrett. **Dos Algarves: Tourism, Hospitality & Management Journal**, n. 33, p. 34-47, 2018.

SILVA, R. M. D. As políticas culturais brasileiras na contemporaneidade: mudanças institucionais e modelos de agenciamento. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 199-224, 2014.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J. **Patrimônio turístico internacional**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2015.

SMITH, K. A. Entusiastas literárias como visitantes e voluntários. **Jornal internacional de pesquisa em turismo**, v. 5, n. 2, pág. 83-95, 2003.

SMITH, Y. et al. **Literary tourism as a developing genre: South Africa's potential**. 2012. Tese de Doutorado. University of Pretoria.

SMITH, Y. From the Grand Tour to African adventure: Haggard-inspired literary tourism. **South African Journal of Cultural History**, v. 27, n. 2, p. 132-156, 2013.

SOSIČ, A. Z. Osrednji literarni muzej kot pospeševalec literarnega turizma v Sloveniji. **Slavia Centralis**, v. 11, n. 2, p. 119–131-119–131, 2018.

SOUSA, A.; PEREIRA, M. E. O turismo literário criativo na esteira da Coimbra de Miguel Torga. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 38, p. 195-216, 2022.

SOUSA, B. B. ; ANJO, A. M. Literatura e turismo no digital: o caso de Lisboa e Fernando Pessoa. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 7, n. 2, p. 185-201, 2020.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: 2015. 2ª ed.,

SPOONER, E. Touring with Jane Austen. **Critical Survey**, v. 26, n. 1, p. 42-58, 2014.

SQUIRE, S. J. Landscapes, places and geographic spaces: Texts of Betrix Potter as cultural communication. **GeoJournal**, v. 38, p. 75-86, 1996.

SQUIRE, S. J. Literary tourism and sustainable tourism: promoting 'Anne of Green Gables' in Prince Edward Island. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 4, n. 3, p. 119-134, 1996.

SQUIRE, S. J. **Meanings, myths and memories: literary tourism as cultural discourse in Beatrix Potter's Lake District**. University of London, University College London (United Kingdom), 1991.

SQUIRE, S. J. The cultural values of literary tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 21, n. 1, p. 103-120, 1994.

SQUIRE, Shelagh Jennifer. **Meanings, myths and memories: literary tourism as cultural discourse in Beatrix Potter's Lake District**. University of London, University College London (United Kingdom), 1992.

STIEBEL, L. CAMINHANDO E CONVERSANDO. **CULTUR-Revista de Cultura e Turismo**, v. 13, n. 2, p. 40-53, 2019.

STIEBEL, L. Hitting the hot spots: Literary tourism as a research field with particular reference to KwaZulu-Natal, South Africa. **Critical Arts**, v. 18, n. 2, p. 31-44, 2004.

SUYASA, I. M. **LITERATURE AS A TOURISM ATTRACTION**. In: Proceeding of The International Conference on Literature. 2019. p. 526-533.

TAHIRI, A., KOVAČI, I., BUSHI, F. The Impact of Literature on Tourism. *Journal of Environmental Management and Tourism*, (Volume XII, Spring), 2(50), 2021.

TAKATA, K.; HALLMANN, K. A systematic quantitative review of authenticity in sport tourism. **Journal of Sport & Tourism**, v. 25, n. 1, p. 26-41, 2021.

TEJERO, C. M. Literary festivals and new tendencies in the Portuguese literary field. **Abriu: estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal**, n. 10, p. 195-220, 2021.

TELEY, S. **Atitudes do visitante em relação à autenticidade em um destino turístico literário**. Sheffield Hallam University (Reino Unido), 1998.

TETLEY, S. **Visitor attitudes to authenticity at a literary tourist destination**. Sheffield Hallam University (United Kingdom), 1998.

TIMOTHY, D. J. **Cultural heritage and tourism: An introduction**. Channel View Publications, 2012.

TIWARI, P.; CHOWDHARY, N. Indian Tourism: A review of Research on Indian Tourism and hospitality. **Indian Tourism**, p. 33-54, 2022.

TORABI FARSAANI, N. et al. Persian literary heritage tourism: travel agents' perspectives in Shiraz, Iran. **Journal of Heritage Tourism**, v. 13, n. 5, p. 381-394, 2018.

TOWNER, J. The grand tour: A key phase in the history of tourism. **Annals of tourism research**, v. 12, n. 3, p. 297-333, 1985.

TOWNER, J. The grand tour: Sources and a methodology for an historical study of tourism. **Tourism Management**, v. 5, n. 3, p. 215-222, 1984.

TRIBE, J. Tribes, territories and networks in the tourism academy. **Annals of tourism research**, v. 37, n. 1, p. 7-33, 2010.

TRIGO, L. G. G. **A viagem: caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. Place: an experiential perspective. **Geographical review**, p. 151-165, 1975.

TUAN, Y. F. **Space and place: humanistic perspective**. In: Philosophy in geography. Springer, Dordrecht, p. 387-427, 1979.

VAN ES, N.; REIJNDERS, S. Chasing sleuths and unravelling the metropolis: Analyzing the tourist experience of Sherlock Holmes' London, Philip Marlowe's Los Angeles and Lisbeth Salander's Stockholm. **Annals of Tourism Research**, v. 57, p. 113-125, 2016.

VAN ES, N.; REIJNDERS, S. Making sense of capital crime cities: Getting underneath the urban facade on crime-detective fiction tours. **European Journal of Cultural Studies**, v. 21, n. 4, p. 502-520, 2018.

VANALI, A. C. Um passeio pela literatura paranaense. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 2, n. 3, p. 249-313, 2016.

VÁZQUEZ AÑEL, I. L. D. A.; ARAÚJO VILA, N.. Turismo literario en Ourense: situación en 2015 e perspectivas. **Revista Galega de Economía**, v. 25, n. 1, p. 87-108, 2016.

VIAJE PARANÁ. **Curitiba**. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Curitiba>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VINÃL JUNIOR *et al.* Proposta de roteiro de turismo literário em Salvador-Bahia (Brasil) com base na obra de Jorge Amado "Bahia de todos os santos - guia das ruas e mistérios". **Revista de Ocio y Turismo (ROTUR)**, v. 23, n. 2, p. 51-70, 2019.

VIUDES, S. Vi. La casa natal de Shakespeare: uno de los primeros ejemplos de turismo literario y cultural. **Journal of Tourism and Heritage Research**, v. 3, n. 2, p. 302-317, 2020.

WALD, J. The "Poet Hunters": Transforming Emily Dickinson's Home into a Literary Destination. **The Emily Dickinson Journal**, v. 26, n. 2, p. 71-98, 2017.

WANG, H. J.; ZHANG, D. Comparing literary tourism in mainland China and Taiwan: The Lu Xun native place and the Lin Yutang house. **Tourism Management**, v. 59, p. 234-253, 2017.

WEISS, M. Literary tourism and the shaping of space and identity in Victoria Hislop's novel *The Island*. 2021.

WISSMER, J. M. Sur les pas de George Orwell en Birmanie. **Le Globe. Revue genevoise de géographie**, v. 160, n. 1, p. 55-68, 2020.

- WŁODARCZYK, B.; DUDA, M. The role of the novel in shaping a city's image and its choice as a tourist destination: The case of Łódź. **Moravian Geographical Reports**, v. 27, n. 1, p. 41-53, 2019.
- XERRI, D. Dark and literary: A tour to the Isle of the Dead. **Journal of Language and Cultural Education**, v. 6, n. 2, p. 126-143, 2018.
- YASOSHIMA, J. R; OLIVEIRA, N. S. **Antecedentes das viagens e do turismo**. In: REJOWSKI, M. Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, p. 17-40, 2002.
- YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo, SP: Contexto, 2001
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- YU, X.; XU, H. Moral gaze at literary places: Experiencing “being the first to worry and the last to enjoy” at Yueyang Tower in China. **Tourism Management**, v. 65, p. 292-302, 2018.
- ZACHARIAS, R. “Merely to see and touch it”: On Service, McCrae, and Literary Tourism in Canada. **Journal of Canadian Studies**, v. 55, n. 3, p. 621-648, 2021.
- ZHANG, X. N. et al. Visitors' understanding of a film and cultural site, and reflections on contemporary China. **Tourism Management Perspectives**, v. 40, p. 100909, 2021.

APÊNDICE 1 - PRISMA-P: PROTOCOLO DE REVISÃO SISTEMÁTICA

Seção e tópico	Descrição
INFORMAÇÃO ADMINISTRATIVA	
Título	
Identificação	Propostas e práticas de turismo literário: protocolo para uma revisão sistemática.
Registro	N/A
Autores:	AUTORA: Natália Mira Valle. Universidade Federal do Paraná. Departamento de Turismo, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Paraná. Campus Rebouças, Avenida Sete de Setembro - de 2411 a 3999 - lado ímpar, Rebouças 80230010 - Curitiba, PR – Brasil. Contribuição: Elaboração do protocolo e condução da revisão sistemática da literatura. ORIENTADOR: Vander Valduga. Departamento de Turismo, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Paraná. Campus Rebouças, Avenida Sete de Setembro - de 2411 a 3999 - lado ímpar, Rebouças 80230010 - Curitiba, PR – Brasil. E-mail: vandervalduga@gmail.com. Contribuição: Supervisão e revisão do protocolo e da revisão sistemática da literatura.
Emendas:	N/A
Suporte:	
Fonte de apoio:	Bolsa de mestrado concedida pela CAPES-DS apoiou o desenvolvimento dessa pesquisa.
Apoiador financeiro:	CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil.
INTRODUÇÃO	
Justificativa:	O turismo literário é a viagem motivada pela literatura, com visita a lugares e paisagens referenciadas em obras literárias e/ou que fizeram parte da vida dos escritores. Outras revisões sistemáticas da literatura buscaram compreender a teoria e do turismo literário, as principais vertentes de estudo e a composição bibliométrica da produção científica de turismo literário. Todavia, ainda não foram elaboradas revisões sistemáticas para compreender a produção científica sobre as visitas aos lugares que referenciam a vida ou a obra de escritores. Ainda que Quinteiro e Baleiro (2019) tenham elencado as experiências de turismo literário de forma ampla, falta a explicação aprofundada sobre os lugares literários e as experiências a eles relacionadas e, possivelmente, a descoberta de novas possibilidades discutidas na literatura.

Entende-se essas experiências por práticas e propostas de turismo literário. Considerando em termos de propostas estudos que abordam as potencialidades do turismo literário e em termos de práticas projetos e casos literários efetivamente instituídos, abertos para visitação e referenciados por lugares e paisagens literárias associados à vida e obra de escritores.

A partir do levantamento bibliográfico e análise do corpus final, estipula-se que será possível compreender como o turismo literário é praticado e, também como é proposto, em diferentes contextos geográficos.

Objetivos:

O objetivo desta revisão sistemática é analisar na produção científica as propostas e práticas de turismo literário. Considerando em termos de propostas estudos que abordam as potencialidades do turismo literário e em termos de práticas projetos e casos literários efetivamente instituídos, abertos para visitação e referenciados por lugares e paisagens literárias associados à vida e obra de escritores.

Busca-se a partir dessa revisão sistemática responder ao seguinte questionamento: O que há registrado na literatura científica, disponível em bases de dados, acerca de propostas e práticas de turismo literário?

MÉTODOS

Critérios de elegibilidade:

As fontes são bases de dados científicas, com acesso via Portal de Periódicos (CAPES/MEC), através do acesso remoto via CAFe (comunidade acadêmica federada), fornecida pela Universidade Federal do Paraná. Serão incluídas outras bases de dados como: Publicações de Turismo/EACH USP e Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. As buscas nas bases de dados serão realizadas a partir de palavras-chaves pré-determinadas e serão consideradas a recuperação das informações onde a string de busca aparece, preferencialmente, no título, resumo e palavras-chaves.

Idiomas:

Foram considerados os idiomas para busca de acordo com a base de dados. Portanto, foram realizadas buscas em inglês, português, espanhol e francês.

Serão aceitos estudos em outros idiomas nos seguintes termos: leitura do resumo em inglês, aceito para inclusão por ser importante para o estudo e, portanto, será feito o uso de ferramenta de tradução online para análise do texto completo.

Tipos de estudos:

Serão considerados trabalhos de quaisquer abordagens e natureza de pesquisa (qualitativo, quantitativo, mistos) e com quaisquer métodos (estudo de caso, experimental, entre outros), porque pretende-se ter um panorama do que se estuda em turismo literário a partir de suas propostas e práticas.

Critérios de inclusão:

Critério Inclusão	Descrição
CI1	Serão incluídos trabalhos que sejam integralmente de acesso aberto para o acesso CAFe via UFPR.
CI2	Serão incluídos trabalhos que estejam disponíveis integralmente via periódicos, ResearchGate, Google Scholar.
CI3	Serão incluídos trabalhos que apresentem propostas e práticas do turismo literário.
CI4	Serão incluídos trabalhos de outros idiomas, além do inglês e português, desde que atendam aos critérios da pesquisa.
CI5	Serão incluídos artigos de periódicos, teses e dissertações.
Critério Exclusão	Descrição
CE1	Serão excluídos trabalhos que não sejam integralmente de acesso aberto.
CE2	Serão excluídos trabalhos que não discutiram ou analisaram propostas e práticas de turismo literário.
CE3	Serão excluídos trabalhos no formato de pôsteres, resenhas, resumos de anais de congresso, artigos curtos, artigos de eventos e livros.
CE4	Serão excluídos trabalhos que não tenham nenhuma relação com turismo literário.

Critérios de Exclusão:

Informação fontes de dados:

Bases de dados científicas eletrônicas:

- *Scopus*
- *Web of Science* (Coleção Principal)
- *KCI-Korean Journal Database*
- *Scielo* (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha, Portugal, Venezuela)
- *Redalyc* (América Latina, Caribe, Espanha e Portugal)
- *Persée* – *Portail de revues scientifiques en sciences humaines et sociales*
- *Academic Search Premier* - ASP (EBSCO)
- Publicações de Turismo (porque Redalyc e Scielo não indexam todos os periódicos brasileiros)
- BBTD (Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações)
- Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)
- *Global ETD Search* (electronic theses and dissertations contained in the NDLTD- Networked Digital Library of Theses and Dissertations archive)
- Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP

Estratégia de busca:

Será aplicada a string Genérica de busca nas bases de dados, como indicado abaixo. Outros filtros poderão ser aplicados e serão devidamente indicados e anotados.
 Strings genéricas para cada idioma:
 a) "literary tourism"

- b) “turismo literário”
- c) “turismo literário”
- d) “tourisme littéraire”

Registro dos estudos:

Gestão dos dados

O mecanismo para manejo dos dados utilizados será o software StArt - State of the Art through Systematic Review (UFSCar/LaPES).

Processo de seleção

O processo de seleção de dados foi conduzido por um dos autores e revisada pelos demais autores. Os critérios de seleção são separados pelos critérios de inclusão e exclusão de dados, associado aos critérios de qualidade (etapa que se apresenta para a condução de revisões sistemática pelo software escolhido). Assim, Caso a amostra permaneça em um tamanho que inviabilize a análise ampla do conteúdo ou algum documento gere dúvida de inclusão ou exclusão à principal revisora, serão aplicados os critérios de qualidade.

Critérios de Qualidade

Critério	Descrição do Critério de Qualidade
CQ1	As propostas e práticas do turismo literário tem centralidade no estudo? Se necessário será realizada a leitura da seção de resultados dos documentos
CQ2	O estudo está alinhado com o turismo?
CQ3	Foi possível recuperar o documento integral em formato PDF?

Os critérios de qualidade são aplicados quando, após todo o processo de inclusão e exclusão, a leitura do título, resumo e palavras-chave de algum documento deixou dúvida aos pesquisadores e, também quando a amostra permanece muito grande e inviabiliza o processo de análise e extração de dados e informações.

Assim, nestes dois casos, será feita a leitura dos resultados, para compreender se o texto apresenta propostas e práticas de turismo literário e analisar se o estudo está alinhado com o turismo. Se concluído que sim em ambos os critérios o estudo será incluído na análise, de forma contrária, será excluído neste processo de filtragem.

Processo de coleta de dados

Após o processo de seleção da amostra, aplicados os critérios de inclusão, exclusão e qualidade, os documentos do corpus final será importado para o software de pesquisa qualitativa MAXQDA, que também apoia as revisões sistemáticas da literatura. O gerenciador de referências Mendeley também poderá ser usado para fins de organização dos dados.

No software os documentos serão lidos na íntegra. A revisora fará um resumo das propostas e práticas do turismo literário e extrairá informações como abordagens teóricas, metodologia aplicada e indicações de estudos futuros, quando for o caso.

Informações extraídas dos dados

Campo	Conteúdo
-------	----------

Tipo de lugar literário (QUINTEIRO; BALEIRO, 2019)	Casas dos autores / casas-museu de autores; Fundações de autores; Sepulturas de autores; Locais de trabalho dos autores; Locais frequentados por escritores; Locais de inspiração; Cenários de livros; Referências na paisagem a personagens; Referências na paisagem a escritores; Bairros literários; Parques literários; Bibliotecas de interesse turístico-literário; Livrarias de interesse turístico-literário; Museus literários; associação do texto literário a um elemento do espaço físico.
Tipos de produtos e experiências literárias (QUINTEIRO; BALEIRO, 2019)	As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores; As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras; A realização de passeios literários; As viagens para participar em festivais literários; As visitas a bibliotecas; As visitas a livrarias; As visitas a parques literários; As visitas a cidades literárias; As estadas em hotéis literários; As estadas em hotéis-biblioteca; A participação em concursos; A participação em jantares literários; A participação em tertúlias e sessões de leitura; As encenações dramáticas de textos literários.
Práticas e propostas do turismo literário	Descrição da prática e proposta e suas principais características.
Local da prática e proposta	País, estado, cidade, região etc.

Resultados e prioridades No software de pesquisa qualitativa, os dados resultantes da análise dos documentos serão categorizados de acordo com as informações provenientes de cada campo de coleta de dados, e pretende-se ter um panorama sobre o que são as práticas de turismo literário e o que se propõem como possibilidade de incremento do turismo literário, bem como correlacionar essas práticas e propostas aos lugares literários listados por Quinteiro e Baleiro (2019). Nesse panorama também se faz necessário identificar o contexto geográfico dos estudos.

Risco de viés em estudos individuais N/A

Síntese dos dados Uma síntese narrativa sistemática, com recursos visuais, será fornecida com informações apresentadas nos textos para resumir e explicar as características e os achados dos estudos incluídos

Meta-viés(es) N/A

Confiança em evidências cumulativas N/A

Adaptado pela autora (2023) de: Shamseer L, Moher D, Clarke M, Ghersi D, Liberati A, Petticrew M, Shekelle P, Stewart L, PRISMA-P Group. Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015: elaboration and explanation. *BMJ*. 2015 Jan 2;349(jan02 1):g7647.